



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU-PPLS
FIPAM XXVI: PLANEJAMENTO E GESTÃO PÚBLICA DO PATRIMÔNIO
CULTURAL

HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES

QUADRILHA JUNINA PARAENSE: VALORIZAÇÃO ENQUANTO PATRIMÔNIO
CULTURAL

BELÉM
2016

HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES

QUADRILHA JUNINA PARAENSE: VALORIZAÇÃO ENQUANTO PATRIMÔNIO
CULTURAL

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação *latu sensu*-ppls (Fipam XXVI) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do título de Especialista em Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural.

Orientador (a): Profa. Msc. Ana Claudia dos Santos da Silva.

BELÉM
2016

HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES

QUADRILHA JUNINA PARAENSE: VALORIZAÇÃO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação *latu sensu*-ppis (Fipam XXVI) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do título de Especialista em Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural.

Aprovada em: 31/ 03/ 2016

BANCA EXAMINADORA:

Orientador (a): Prof^a. Msc. Ana Claudia dos Santos da Silva

Membro da Banca: Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco

Membro da Banca: Prof^a. Msc. Auda Edileusa Piani Tavares

*Esse trabalho é dedicado a Deus,
criador de todas as coisas, dom de
amor e sabedoria.*

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pelas oportunidades que me concede e de ter participado desse curso e pela minha saúde e força por ter chegado até aqui. Segundo, agradeço meus pais João Luís e Ivanete Mendes pelo apoio, admiração e incentivo aos estudos e força para concluir a pós-graduação. Em terceiro, agradeço aos meus irmãos Luís Lenno, Eliane Maria e Monise Mendes pelo apoio e acompanhamento direto e indireto que me ofereceram durante meus estudos, e agradeço ao meu tio Josué Mendes pelo apoio em relação ao empréstimo que me fez do notebook para realização de alguns trabalhos e pesquisas, agradeço também ao meu namorado Gregory Furtado pelo apoio, carinho e compreensão.

Ademais, agradeço aos colegas do curso de planejamento e gestão pública do patrimônio cultural, pelas trocas de conhecimentos e companheirismo durante o curso e principalmente aos professores, que deixaram bons ensinamentos e a minha orientadora professora Ana Claudia da Silva. Agradeço também ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) por ofertar o curso de pós-graduação de cunho relevante, no qual fui contemplada a participar. Para tanto, agradeço as pessoas que contribuíram com a realização da pesquisa para este trabalho, levando em grande consideração a importância de aprendizagem que se obtém além da teoria. Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O trabalho discorre sobre a Dança de Quadrilha, argumenta sobre possibilidade de sua formalização como patrimônio cultural imaterial pelas políticas públicas de estado. Explicita a relevância e compreensão da mesma como indutora de grande participação de pessoas e analisa a participação da gestão pública municipal e estadual em relação ao fortalecimento e incentivo em eventos oficiais. Dança de Quadrilha Junina, tem origem estrangeira e se acentuou no Brasil no século XIX, conquistando as diversas camadas sociais e não se restringiu há varias apropriações e inovações que sofreu, sendo cultivada pela população até a atualidade. A pesquisa foi qualitativa, primeiramente foi feita observação participativa tendo como base Guimarães (1975), em que demonstra que a participação é um dos pontos mais próximo de entender o outro, pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo com três grupos de Dança de Quadrilha Junina: Sabor Açaí Junina (do município de Belém), Coração Junino (do município de Abaetetuba) e Revelação da Cremação Mirim (do município de Belém), foi feita entrevista (ROSA; ARNOLDI, 2006) com cinco temas contendo de duas a cinco perguntas. Foram feitas também entrevistas com a Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Pará (AQUANTO) e Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ). E em seguida com os órgãos Fundação Cultural de Belém (FUMBEL), Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), Fundação Cultural Abaetetubense e uma visita ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) do Pará, para a coleta de algum possível material a respeito da temática. Mediante a pesquisa realizada, a Dança de Quadrilha Junina apresenta-se além de patrimônio cultural imaterial, uma ação social envolvendo benefícios e contribuições para as crianças e adolescentes das periferias dos bairros e para o lugar, valorizando e reconhecendo a dança como parte integrante da comunidade.

Palavras chave: Cultura. Patrimônio imaterial. Memória. Dança de Quadrilha Junina.

ABSTRACT

The work talk about Quadrilha Junina Dance, argue the possibility of its formalization as Intangible Cultural Heritage by the state of public policies. Explains the relevance and understanding of it as inducer of great participation of people and analyzes the participation of public management municipal and state in relation to strengthening and incentive in official events. Quadrilha Junina Dance, has foreign origin and came to Brazil in the century XIX, conquering the various social layers and is not restricted there are several appropriations and innovations that occurred, being cultivated by the population to the presente. The research was qualitative, it was first made participatory observation having as base Guimaraes (1975), shows that participation is one of the closest points to understand the other, bibliographical research and research in practice with three groups of Quadrilha Junina Dance: Sabor Açaí Junina (city of Belém), Coração Junino (city of Abaetetuba) e Revelação da Cremação Mirim (city of Belém), interviews was made (ROSA; ARNOLDI, 2006) whith five themes from two to five questions. Also were made interviews with Associação of Quadrilhas Juninas and Núcleo de Toadas do Pará (AQUANTO) and Federação Municipal of Quadrilhas Belém (FEMUQ). Moreover, also were made interviews with organs, Fundação Cultural of City Belém (FUMBEL), Fundação Cultural of Pará Tancredo Neves (CENTUR) and Fundação Cultural Abaetetubense and a visit to Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) of Pará, to collect some material about the theme. The survey, about Quadrilha Junina Dance presents, beyong intangible cultural heritage, a social action involving benefits and contributions for children and teenagers from the peripheries of the neighborhoods and the place, valuing and recognising the dance as an integral part of the community.

Key Word: Culture. Intangible Heritage. Memory. Quadrilha Junina Dance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quadrilha Sabor Açaí Junina, concurso FUMBEL.....	46
Figura 2: Quadrilha Sabor Açaí Junina, concurso FUMBEL.....	46
Figura 3: Quadrilha Sabor Açaí Junina, concurso Pai Reginaldo do Bairro do Jurunas.....	53
Figura 4: Quadrilha Sabor Açaí Junina, concurso CENTUR.....	53
Figura 5: Damas, Quadrilha Coração Junino.....	59
Figura 6: Cavalheiros, Quadrilha Coração Junino.....	59
Figura 7: Quadrilha Coração Junino, concurso CENTUR.....	59
Figura 8: Quadrilha Coração Junino, concurso no Ginásio Hildo Carvalho.....	59
Figura 9: Meninos da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim Ensaio na praça Delcídio Jurandir.....	67
Figura 10: Meninas da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim Ensaio na praça Delcídio Jurandir.....	67
Figura 11: Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, concurso CENTUR.....	69
Figura 12: Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, concurso FUMBEL.....	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CULTURA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO.....	14
2.1. Cultura.....	14
2.2. Memória.....	18
2.3. Patrimônio.....	21
2.4. Cultura, memória e patrimônio: Relação mutua.....	28
3. DANÇA DE QUADRILHA JUNINA.....	31
3.1. Transformações e benefícios da Dança de Quadrilha Junina.....	34
4. DANÇA DE QUADRILHA JUNINA PARAENSE: CONHECENDO OS GRUPOS DE QUADRILHAS.....	42
4.1. Grupo de Dança de Quadrilha Sabor Açaí Junina.....	42
4.2. Grupo de Dança de Quadrilha Coração Junino.....	54
4.3. Grupo de Dança de Quadrilha Revelação da Cremação Mirim.....	65
4.4. Federação e Associação de Quadrilha de Belém-Pará.....	73
5. GESTÃO PÚBLICA E O RELACIONAMENTO COM AS QUADRILHAS.....	83
5.1. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR).....	83
5.2. Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL).....	88
5.3. Fundação Cultural Abaetetubense.....	92
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A: GRUPOS DE DANÇAS DE QUADRILHAS JUNINAS.....	105
APÊNDICE B: FEDERAÇÃO E ASSOCIAÇÃO DE QUADRILHAS.....	107
APÊNDICE C: GESTÃO PÚBLICA CULTURAL.....	108

1. INTRODUÇÃO

A escolha da temática tendo como principal estudo a Dança de Quadrilha Junina como patrimônio cultural, se dá pelo grande envolvimento que tenho anualmente com o mesmo, de uma família com grande participação na Dança de Quadrilha desde a década de 1980 em Belém do Pará, observo o quanto significativa a dança se tornou para quem a pratica, porém há alguns entraves que são apontados pelos grupos de Quadrilhas, como falta do olhar sensível do poder público para com essa manifestação cultural, cheia de importância e satisfação pelos atores que a sustentam e alimentam a cada nova geração.

Então o porquê não trazer como patrimônio cultural imaterial, uma dança muito bem desenvolvida em todo o Brasil e que não hesita em inovar e se prolongar ainda mais. No Pará, há muita criatividade em relação a Dança de Quadrilha, muito bem acompanhada por uma multidão que anseia em assistir.

Pois, a Dança de Quadrilha, foi trazida da Europa e se popularizou com o tempo no país e cativou e continua a cativar os indivíduos. Ao longo do tempo passou por várias transformações, de característica marcante, a Dança de Quadrilha possui aspectos que lhe diferenciam e faz parte da história e memória daqueles que dela participam.

O trabalho tratará especificamente da região norte com ênfase para a Dança de Quadrilha Junina Paraense. De modo, abordar a Dança de Quadrilha até ao momento atual, o que ela proporcionou e o seu envolvimento com as pessoas, o local e a gestão pública, e os benefícios alcançados por ela movimentar muita coisa antes como durante seu acontecimento.

Todavia, passou fazer parte da manifestação cultural de vários lugares no Brasil com características e peculiaridades distintas, porém, executam alguns passos dançantes provenientes da sua chegada ao país e atualmente conduzida em meio as inovações nas apresentações. De maneira, que está dança pode ser vista como patrimônio cultural por conter uma longa trajetória histórica presente no tempo e espaço e revivida anualmente pelas pessoas no mês de junho, por isso é conhecida e chamada por seus praticantes e por quem assiste, como Dança de Quadrilha Junina, Dança Junina ou Quadrilha Junina. E esses praticantes são conhecidos e chamados

pela comunidade, como brincantes, grupo de Dança de Quadrilha, grupo junino ou grupo de Quadrilha.

A Dança de Quadrilha Junina como ação cultural está ligada a memória coletiva dos grupos que participam, ação que possui desenvolvimento e organização por quem está envolvido direta e indiretamente, no qual, pode ser verificado como um ciclo em constante rotação presente ano após ano.

No entanto, a Quadrilha Junina vai muito além de uma dança, ela está dentro do que as comunidades quadrilheiras costumam dizer ou chamar de movimento junino, quadra junina ou meio junino. Este movimento todo, que inclui as Danças de Quadrilhas e outros elementos (como danças, músicos regionais, produções da festa, comidas típicas e entre outros) é responsável por uma maior movimentação do mercado (desde um tubo de linha até aos tecidos mais caros) e comporta um quadro de profissionais para sua produção.

Para a organização da Quadrilha Junina, os grupos realizam reuniões locais e eventos para pautar questões que venham contribuir para Dança de Quadrilha, entretanto, uma atividade pouco valorizada por parte do poder público, no qual os atores da Dança de Quadrilha Junina sinalizam para isso. Uma atividade cultural popular, que requer em grande parte a participação da gestão local em comunicação com a comunidade quadrilheira para tecer mecanismos que colaborem tanto para o desempenho da comunidade até ao momento das respectivas apresentações, assim como para a economia local. Pois, a Dança de Quadrilha Junina apresenta a importância depositada pela comunidade, na qual luta por melhorias e boas condições de recursos financeiros pelo poder público e qualidade.

Observa-se na Dança de Quadrilha, elemento histórico que se perpetua e pode ser também uma atividade para colaboração social e econômica, para tanto, em fevereiro de 2014¹ ocorreu o I Simpósio mundo junino, uma assembleia em Brasília havendo grupos de Quadrilhas de várias regiões, em meio ao evento houve palestras sobre Patrimônio cultural relacionando as Danças de Quadrilhas Juninas e criações de editais para obtenção de recursos financeiros e assistência, direcionado para os grupos juninos de todo o Brasil. De modo, a fomentar ainda mais a atividade foi um evento construtivo, participativo e colaborativo. Portanto, a tendência dos grupos é se

¹Fevereiro de 2014, houve o convite pela dirigente da Associação de Quadrilha do Pará Itamar Oliveira, para o Simpósio mundo junino, no qual participei.

profissionalizar, participar, valorizar a Dança de Quadrilha Junina compartilhando com novas gerações e caminhando ao título de patrimônio cultural, possuindo a essência histórica e memorável presente no povo.

A exaltação de povos pelos seus distintos modos e afazeres, demonstram a quão significância pelo que hoje são presentes, os traços deixados e caminhados pelos seus descendentes denotam a relevância que resultou por gerações e a partir das mesmas passam por inovações e transformações. De modo, fazer parte culturalmente de um local, como cultivar algo que cresce naturalmente no homem Williams (1992) adentrando na memória e se estendendo ao longo de suas vidas.

A memória é uma peça importante que nos remete ao passado, de maneira, ser revivida e representada nos acontecimentos marcantes que tomaram proporção pelos indivíduos e se fizeram determinantes e vivos pelo sentimento e comportamento, pode também ser observado pelo outro além da própria comunidade. Sendo identificáveis em seu patrimônio material e imaterial, em que o material corresponde aos objetos e edificações que passaram em um dado momento serem relevantes, e assim também o imaterial que corresponde às representações, expressões e saberes passados a geração (CRUZ, 2012).

Todavia, para início da construção do trabalho foi levantada a problemática que se aplica em duas perguntas: Como as Quadrilhas Juninas se organizam para juntas ganharem mais valorização e a possibilidade de se tornarem patrimônio cultural? E como a gestão pública paraense, se comporta para com os atores dos grupos juninos?

Para a análise destas questões tomou-se como referência empírica o estudo de três grupos de Quadrilha Junina: Sabor Açaí Junina (do bairro do Barreiro da cidade de Belém), Coração Junino (do bairro São José do município de Abaetetuba há duas horas da cidade Belém) e Revelação da Cremação Mirim (do bairro da Cremação da cidade de Belém).

O grupo de Quadrilha Sabor Açaí Junina, foi escolhido para esse trabalho devido ao envolvimento direto que tenho com o grupo, no qual, participo desde 2003 como brincante e o grupo de Quadrilha Coração Junino, conheci no I Simpósio mundo junino em Brasília, em que fiz amizade e conheci o trabalho deles, assim como a Quadrilha Sabor Açaí eles são muito organizados, enfim, a Quadrilha Revelação da Cremação Mirim foi escolhida devido aos grupos anteriores em suas entrevistas comentarem sobre o trabalho das Quadrilhas Mirins (trabalho com crianças e adolescentes) que são importantes, então, desloquei-me até à Fundação Cultural do

Pará Tancredo Neves (CENTUR) para pesquisar o contato de alguma Quadrilha Mirim e em destaque por ter sido uma das campeãs no concurso de Dança de Quadrilha 2015 que o CENTUR promove, se encontrava a Quadrilha Revelação da Cremação Mirim.

E para o desenvolvimento do mesmo, foram realizados estudos conceituais sobre a temática com ênfase na interação de patrimônio cultural, memória e cultura.

Para isso, o trabalho seguiu tais objetivos:

Objetivo geral: Compreender a organização da Dança de Quadrilha Junina como patrimônio cultural, a partir dos grupos de Quadrilhas: Sabor Açaí Junina, Coração Junino e Revelação da Cremação Mirim.

Objetivos específicos:

→ Investigar as características e as peculiaridades da Dança de Quadrilha a partir dos estudos dos grupos escolhidos.

→ Analisar a gestão pública local dirigida para essa manifestação, identificando como se comporta e se relaciona com os atores dos grupos juninos.

→ Identificar se existem ações que permeiam atividades, que colaborem para valorização da Dança de Quadrilha enquanto patrimônio cultural e atração local.

→ Verificar como as organizações de Quadrilhas Juninas se firmam para juntas ganharem espaço e valorização.

Para realização deste trabalho e compreensão da Dança de Quadrilha Junina, foi realizado a observação participante (durante o período de janeiro a junho de 2015) tendo como base Guimarães (1975), em que demonstra que a participação é um dos pontos mais próximo de entender o outro. Posteriormente realizou-se pesquisas bibliográficas na biblioteca central, biblioteca da escola de teatro e dança e biblioteca do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR). E em dezembro de 2015, foram realizadas entrevistas semiestruturadas gravadas e depois transcritas (ROSA; ARNOLDI, 2006), o roteiro de entrevista foi temática a qual abordou cinco temas, com duas a cinco perguntas para os coordenadores do grupo de Dança de Quadrilha.

Dando prosseguimento, foram feitas também entrevistas gravadas e transcritas com nove a dez perguntas apenas, para a Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Pará (AQUANTO) e Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ). E em seguida com os órgãos Fundação Cultural de Belém (FUMBEL),

Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), Fundação Cultural Abaetetubense e uma visita ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) do Pará, para a coleta de algum material a respeito da temática.

Ademais o presente trabalho iniciará com a discussão de conceito de cultura, e posteriormente memória e patrimônio para compreensão acerca da Quadrilha Junina como patrimônio cultural. Dança de origem europeia, que se estendeu em todo o Brasil e muito comemorada no mês de junho perpassando por várias classes sociais, expressão que se destina ao usufruto da comunidade presente em suas memórias e revivida anualmente. Portanto, a discussão do trabalho corresponde para o apontamento relevante de uma dança popular enquanto patrimônio cultural, incorporada pelas pessoas e que se faz importante até hoje pelas comunidades de grupos juninos e por quem a prestigia.

2. CULTURA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

2.1. Cultura

A atividade humana, traz referências de sua produtividade e relação com o meio a partir de uma série de acontecimentos, no qual, sinalizam como relevante aquilo que passou considerar seu e compartilhando com o outro, direcionando ao que conhecemos hoje como cultura. De acordo com Eagleton (2011), cultura é um conceito derivado da natureza, do que é cultivado como o plantio que cresce naturalmente, ou seja, é uma comparação de como o ser humano passa a cultivar em si o que se tornou importante em seu contexto histórico de forma natural e essa naturalidade poderá crescer não apenas isolada, mas em grupo.

O homem pode se ver cheio de características elementares, desde a mais simples até a mais avançada. A inserção de elementos na vida do homem, pode ser averiguada, a partir de suas necessidades enquanto ser integrante do espaço havendo interações com o meio e com outras pessoas. O homem ao longo do processo cronológico, enriquece em conhecimentos e cheio de características comportamentais linguagens, modos e etc., no qual, são transmitidos aos seus descendentes cultivando nos mesmos a essência que a comunidade possui transparecendo no espaço, ou seja, digamos sua forma cultural e com isso Eagleton (2011) se refere à cultura como um cultivo, que cresce naturalmente e Williams em sua conceituação aponta também para isso.

Começando como de um processo – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do “espírito” que informava o “o modo de vida global” de determinado povo (WILLIAMS, 1992, p.10).

Processo que se faz importante, porque é uma continuidade e necessidade que o homem apresenta de evoluir agregando conhecimentos de novos elementos, cultivando o saber e aquilo que se faz importante durante períodos é passado para os demais sem fugir da originalidade que marcou os antepassados, suas referências. Seja, pelo conhecimento de fatos históricos ou elementos de valor que sucederam, inseridos desde a infância assimilados no decorrer do seu entendimento, caracterizado como fator importante e levado a diante.

Roque, também direciona o conceito de cultura relacionado ao cultivo, porém o mesmo passa a derivar para um sentido mais alargado.

O termo cultura (do latim cultos, de colere, cultivar, cuidar do campo e dos animais) estava relacionado, segundo a etimologia latina, com o âmbito restrito de cultivo agrícola até que, a partir do renascimento, passou a ganhar outros sentidos metafóricos que se fixaram, já no final do século XVIII, em torno do termo germânico Kultur, enquanto o termo Francês civilization se refere as suas realizações materiais. O conceito de cultura derivou então para um sentido mais alargado e relacionado com o cultivo do espírito e do pensamento, permitindo identificar e caracterizar grupos restritos ou alargados da humanidade e traçar-lhes as respectivas matrizes de representação (ROQUE, 2012, p. 68).

Com isso, a cultura pode ser verificada como elemento norteador de identificação dos grupos que se apresentam de acordo com suas particularidades e saberes cultivados, fazendo parte de todo aparato histórico do indivíduo quanto do lugar.

E podem ser revividos, pela comunidade enquanto manifestação cultural em algum evento significativo como uma exposição, feira, festejo, festival e outros. Momentos, que mostrarão algo que já foi vivido ou contemplado e no decorrer do tempo as novas gerações podem inovar. Sendo, que a cultura não impede de inovarmos, porque a cada momento da vida o homem adquiriu e enriquece em conhecimentos.

No Brasil, a cultura está fortemente ligada ao processo de miscigenação, conforme Ortiz (1994) se constituiu através da fusão de três raças: branco, negro e o índio. Dessas misturas raciais surgiram elementos presente nas danças, culinária, ritmos musicais, sotaques e etc., podem ser visualizados em cada canto do país.

Para Rosário (1989, p. 11),

Em resumo, cultura brasileira é antes de tudo, tudo o que nos caracteriza como expressão própria, peculiar de nossa maneira brasileira de ser, de viver e de sentir. É cultura brasileira tudo aquilo que o brasileiro elaborou ou reelaborou, criou ou assimilou, recriando-o à maneira e à conveniência brasileira. É a cultura brasileira tudo aquilo que o povo brasileiro tornou seu. É como evoluiu a nação brasileira, integrando raças, unindo-as num processo de unificação da sociedade e propiciando características brasileiras à nossa maneira de viver.

Peculiar em misturas raciais. Expressões culturais motivadas pelo saber interpretadas por cada novo indivíduo, em que, o memorável é algo significativamente relevante trazendo consigo traços históricos. Sendo o país, detentor de porções culturais (que ocorrem em determinados lugares) e populares (que ocorrem em vários lugares ao mesmo tempo em um dado período).

Todavia, a cultura se revela complexa, estando em constante movimento pelo homem. Segundo, Tylor apud Laraia (1997, p. 25) “cultura é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra

capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. A cultura nesse aspecto vem apresentando vários componentes, que faz parte da organização e manifestação da sociedade, porquê qual seria a significância da comunicação ou razão de funcionar sem poder ter alguém em que possa transmitir saberes e dialogar? Então, é todo um aparato que o homem se viu na necessidade de tê-las e ter em conjunto, isso poderia não valer apenas isolado e sim compartilhar algo com o outro.

Em sua maior parte, pode ser vista como símbolo, aquilo que é identificável nos lugares por seus moradores e passa também ser um referencial. “[...]. Os símbolos impregnam a vida humana. [...] tomados para se referir a um signo ou a ação de algum tipo usado para comunicar significado para alguém em virtude de um conjunto compartilhado” (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 306). E isso passa ser visualizado dentro da cultura em diversas formas, uma delas são comemorações culturais de cada região, que apresenta sua particularidade íntima.

A cultura de uma certa maneira, vem evidenciar tudo aquilo que nós identificamos como parte de nossa história onde nascemos, crescemos resultando em indutores do ato.

[...] Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura” (ARANTES, 2006, p. 34).

Estando em toda a parte, como nas diversas manifestações e representações, com o tempo houve a necessidade de criar políticas culturais para o atendimento de grupos culturais seja para suas apresentações, exposições e entre outros, como exemplo das Danças de Quadrilhas Juninas em muitos casos precisam de incentivos culturais para os custos de materiais necessários para sua produção e apresentação. “[...] o momento privilegiado do desenvolvimento da cultura no Brasil, acontecido entre os anos “democráticos” de 1945 a 1964, não foi caracterizado por uma maior intervenção do Estado na área da cultura” (BAPTISTA; CAMPOS, 2014, p. 12). A princípio não teve tanta relevância de interesse e incentivo cultural pelo Estado.

Porém, no Governo Lula (2003-2010) a cultura tomou um novo impulso com o ministro Gilberto Gil, passa a traçar um fortalecimento na área de cultura para todo o Brasil. Gilberto Gil “ênfaticou, o novo papel ativo do Estado se fez em conexão com a sociedade [...] afirmou que o público do ministério não era apenas os criadores e

produtores culturais, mas a sociedade brasileira” (BAPTISTA; CAMPOS, 2014, p. 18). E com isso, podemos verificar a quão importância o novo cenário se ergueu envolvendo os principais atores e responsáveis, ou seja, diversos grupos culturais, que na região brasileira se encontram.

Os programas Cultura Viva e Mais Cultura, criados na gestão de Gilberto Gil,

[...] sinalizam o fortalecimento da relação entre Estado e sociedade e reconfiguraram o papel do Ministério no sentido de aproximar realidades das regiões do país e, assim, colaboraram para qualificar o debate e provocar novas compreensões do fenômeno cultural (BOGEA, 2014, p. 57).

Caminhando para um cenário sensível às populações, mobilizando e incentivando para a construção das políticas públicas capazes de atender possivelmente todas os grupos culturais evidentes em nossa sociedade.

O programa traz em sua essência um conceito contemporâneo de cultura, compreendida como toda e qualquer manifestação do cotidiano humano individual e ou coletivo, que perpassa por todas as ações da sociedade – ocorrendo em difusão cultural, cultura de massa, política, cultura e etc. (BOTELHO; FILHO, 2014, p. 212).

Uma forma de se pensar cultura, em decorrência do âmbito que cercou o ministério da cultura durante a presença de Gil e que vem perpassando a partir desse, maneiras de atender a população e envolve-la de forma significativa nas discussões para se pensar políticas culturais coerentes, quero dizer, ter presenças mútuas entre a sociedade e o estado.

Como a cultura está em toda parte, assim fazemos parte dela e ela de nós e de tudo aquilo que consideramos como nosso patrimônio. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) fundado em 1937 no Governo Vargas/Capanema.

Tem sido um dos mecanismos mais persistentes e relevantes das políticas culturais do Estado brasileiro, adquirindo inclusive um renome internacional. Durante uma parcela significativa de seu itinerário, ele privilegiou a cultura ocidental, branca, católica, barroca e monumental.

As culturas populares, indígenas, afro-brasileira e mesmo midiática foram muito pouco contempladas pelas políticas culturais nacionais. [...]. Nenhuma política e instituição mais consistentes foram plantadas para as culturas populares, apesar de terem existido algumas mobilizações, acontecidas no período democrático de 1945 a 1964, a exemplo da Campanha Nacional do Folclore e do movimento de cultura Popular. [...] só começou a merecer algum respeito do Estado nacional, no período pós Ditadura Militar, com a criação da Fundação Palmares em 1988, resultado das pressões do movimento negro organizado e do clima criado pela redemocratização do país (BAPTISTA; CAMPOS, 2014, p. 14).

Outro período que buscou a democratização da participação dos vários grupos culturais na esfera da política cultural, que se caminhou para efeitos que pudessem

culminar para um cenário plausível em que a população pudesse estar de fato presente.

Ademais, cultura de fato é um elemento que nos revela, sensibiliza e nos orienta para margem do conhecimento de onde viemos e quem somos. Tendemos passar por mudanças, em que as referências são sensíveis e nos leva a compreensão de acontecimentos que marcaram nossa existência ou algo específico na memória da comunidade.

2.2. Memória

Os grupos sociais, a partir de suas interações constroem suas memórias que são pautadas em acontecimentos vivenciados coletivamente. Estas vivencias se sedimentam como herança cultural, segundo Montenegro (2007, p. 74).

A participação em determinados acontecimentos públicos e que muitas vezes são incorporados à história, essa sim, pode-se tornar um foco de memória. Dessa forma, quando um fato público ou a história oficial teve um registro nas lembranças da população (principalmente dos velhos) houve uma associação entre o acontecimento ou fato histórico narrado e suas vidas. É sempre ou quase sempre em decorrência dessa interferência que as marcas da memória se constituem.

De modo, que os fatos que marcaram a memória podem ser expressos de diversas maneiras pelos indivíduos, que a partir da captação que tiveram através dos mais velhos passam a lhe dar mais sentido.

A memória, a certo modo, passa a nos trazer referências históricas através do emaranhado de lembranças que nos conduz a um sentido construtivo de fatos marcantes, ou seja, guardamos e recordamos daquilo que se faz importante de modo feliz ou doloroso.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes (THOMSON, 1997, p. 57).

Considerando-se, a memória o lugar em nós mesmos, onde podemos nos encontrar enquanto ser integrante na comunidade em que nascemos e crescemos

com os saberes herdados de nossos pais, algo impregnado em nossas vidas que dá sentido ao que sabemos e ao que somos, e no qual, interpretamos como uma construção. Portanto, a memória seria algo atual sempre se reconstruindo, trazendo também consigo o fator preponderante da aprendizagem e do conhecimento a respeito do passado e o que encontramos no presente aberta a dialética. Como afirma Nora (1993, p. 09),

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

A memória se dá em uma ação natural, acendida também por estudos que pretendem recompor, debater, comparar com a história escrita pesquisar para compreender os fatos além de documentos. E isso, poderá colaborar para o desfecho de aberturas plausíveis de estudos mais aprofundados ou não, uma questão a ser pensada pelo nível das várias informações, sendo a memória acontecimento de um fato histórico ou imaginário que se apresenta intensamente pelos mais velhos e levados pelos mais novos em seu desenvolvimento.

A memória de acordo com Le Goff (2003, p. 455) é a palavra central criada na Idade Média.

[...] mémoire surgida desde os primeiros monumentos da língua, no século XI. No século XIII, é acrescentada memorial (que diz respeito, como vimos as contas financeiras) [...]. O século XV vê o aparecimento de mémorable nesta época de apogeu das artes memorial e de renovação da literatura antiga – memória tradicionalista. No século XVI, em 1552, aparecem os mémoires escritos por um personagem, em geral de qualidade; é o século em que a história nasce e o indivíduo se afirma. O século XVIII cria em 1726, o termo memorialiste e, em 1777, memorandum, derivado do latim através do inglês [...]. Na primeira metade do século XIX, presencia-se um conjunto massivo de criações verbais: amnésie, introduzido em 1803, pela ciência médica, mnémonique (1800), mnémotechnie (1823), mnémotechnique (1836) e mémorisation, criados em 1847 pelos pedagogos suíços, conjunto de termos que testemunha os progressos do ensino e da pedagogia; finalmente, aide-mémoire que, em 1853, mostra que a vida cotidiana foi penetrada pela necessidade de memória. Finalmente, em 1907 o pedante mémoriser parece resumir a influência adquirida pela memória em expansão.

A definição de memória passa por vários períodos, mas apenas no século XVIII e XIX aponta a memória como elemento importante do convívio das pessoas e que se expande em longas dimensões. Acontecimentos vividos perpassaram pelas camadas temporais da memória, no qual, o sujeito se destina enquanto contribuinte de

locomoção dos conhecimentos, considerado um fenômeno ativo de interação que converge para o sentido cultural de pertencimento.

Pollak (1992, p. 02) define,

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como fenômeno construído coletivamente e submetidos a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Assim como Nora, Pollak também aponta à memória como um fenômeno aceso individualmente ou coletivamente que deixam suas marcas presenciadas no presente e muito difundida, articulada e expressada entre os grupos sociais, em que passa também a ser identificável nos mesmos, referência do passado legitimando o presente. Pollak (1992, p. 08), também apresenta a memória como,

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Pois, a identidade passa a ser traçada a partir da memória, se constituindo de sentimento e de continuidade do fator que se estende do passado para o presente e futuro, fixados no povo, testemunho de causas que permaneceram por anos.

Quando os mais velhos, mediante suas memórias, passam à nova geração informações de conhecimentos específicos ou amplos, a mesma inova e reconstrói. A memória pode ser uma das fontes essenciais que o homem possui, registros que também podem se dar em coletividade. Memória coletiva segundo Halbwachs (2004, p. 86) “É uma corrente de pensamento contínuo de uma continuidade que nada tem de artificial já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Isso reflete, na identificação que as pessoas fazem e do que é importante em seu lugar e a relação com patrimônio se revela nessa forma, na identificação das coisas.

Patrimônio é constituído, sobretudo pelas diversas memórias do grupo que a representa, vale refletir sobre o título de patrimônio imaterial nacional a eles atribuído. Ao terem suas crenças, seus saberes, suas representações, formas de ser, de viver, e de fazer, tomados como patrimônios nacionais, esses grupos tem que necessariamente assimilar aos seus cotidianos o fato de que são produtores e/ou detentores das memórias que constituem o patrimônio cultural imaterial nacional, o que certamente difere do fato de serem portadores de memórias que reconstróem seus saberes e tradições (COSTA; CASTRO, 2008, p. 127).

De modo, que o sujeito passa a reproduzir para os demais e assim por diante, colaborando sucessivamente para aquilo que se efetivou na memória, através de uma representatividade demonstra sua importância verificada local e nacionalmente sem disposição de limitações. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47). De livre arbítrio do que escolhemos naturalmente, que faz parte de um passado atualizado no presente transparecendo no espaço.

Portanto, como a memória está ligada aos fatos históricos, esses fatos passam a compor e fazer parte da cultura de forma material ou imaterial que possui valor para o indivíduo ou grupo que se preocupa em manter, para que futuramente os descendentes possam conhecer e aprender sobre seu passado construindo no presente e desembocando no futuro, sendo o patrimônio um dos instrumentos de valor, visto em vários períodos em que a memória possui ligação.

A palavra “patrimônio” está entre as que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente formulação. Não parece haver limite para o processo de qualificação dessa palavra (GONÇALVES, 2005, p. 17).

As pessoas acabam atribuindo sentido ao patrimônio, de modo que, a memória se encontra no meio social pelo qual seleciona o patrimônio para representá-la, seja material ou imaterial presente em seu conteúdo histórico. O material corresponde às edificações e outros objetos imóveis, mas que não deixam de ter o sentimento local das pessoas, isso pode ser observado nas igrejas antigas que recebem muito devotos e muito destes provavelmente desde a infância. O imaterial ou intangível como é colocado por Gonçalves já escaparia do que se limita a prédios, objetos e etc., estaria ligado as relações simbólicas com o tempo vivido e fecundos na memória.

2.3. Patrimônio

A princípio, o patrimônio era apenas entendido como um bem de material concreto, como edifícios de valor simbólico, porém, a partir das últimas décadas do século XX, a definição de patrimônio passou a considerar os referenciais culturais dos povos.

Sob esse enfoque, o patrimônio e as ações em sua defesa passaram a ser vistos como construções sociais historicamente edificadas, o que corrobora a superação das iniciativas legais restritas apenas à proteção dos bens selecionados segundo rígidos princípios de antiguidade, não raro limitadas à preservação de prédios públicos e religiosos. Essa abertura temática permitiu que construções menos prestigiadas ou mais populares, como moinhos, mercados públicos ou estações de trem, fossem reconhecidos, como patrimônio, incluindo-se nesse rol produções contemporâneas e bens culturais de natureza intangível, como expressões, conhecimentos, práticas, representações e técnicas (FUNARI; PELEGRINI 2006, p. 32).

O patrimônio passou se alargar abrangendo as formas culturais, seja em escala local e além desta. Colaborando para novas iniciativas de patrimônio cultural, a partir das considerações sobre o que é importante e de valorização para população local.

Todavia, o patrimônio cultural se encontra diversificado e apresenta interculturalidades aos mais diversos lugares em sua longevidade, praticado pelo homem, sendo que o mesmo teve a necessidade de proteção iniciados pelos objetos materiais. No Brasil o patrimônio,

[...] expressa como preocupação com a salvação dos vestígios do passado da Nação, e, mais especificamente, com a proteção de monumentos e objetos de valor histórico e artísticos [...]. Mas foram alguns intelectuais modernistas que elaboraram, a partir de suas concepções sobre arte, história, tradição e nação, essa ideia na forma de conceito de patrimônio que se tornou hegemônico no Brasil e que foi adotado pelo Estado, através do Sphan. Pois foram esses intelectuais que assumiram, a partir de 1936, a implantação de um serviço destinado a proteger obras de arte e de história no país (FONSECA, 2009, p. 81).

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), foi uma criação de compromisso com o movimento cultural e com um governo autoritário. As denúncias dos intelectuais, fizeram com o que as questões sobre bens históricos chegassem a debates até ao governo estadual, denunciando o descaso de cidades históricas, fruto de uma herança marcada no tempo de prestígio histórico em uma dada localidade e se não fosse revista seria uma perda para as gerações futuras conhecerem seu legado e isso culparia o estado se o mesmo não abraçasse a causa do patrimônio. Então o “SPHAN assumiu enquanto órgão do estado na área da cultura” (FONSECA, 2009, p. 82) e mais tarde transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

No Brasil, a preocupação com o patrimônio se deu com a criação do SPHAN em 1936, elaborado por Mario de Andrade e em “1937 o Decreto-lei n.25, de 30 de novembro de 1937, que oficializa o “tombamento” de bens culturais e seu órgão executor, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)” (PEREIRA, 2012, p. 159). Considerado como período fruto do heroísmo com grandes defensores

para as diversas causas, encontradas no país como situações de abandono de prédios em centro histórico.

Rodrigo Melo Franco de Andrade,

Em 1937, assumiu a direção do SPHAN, contando com a colaboração de uma equipe especializada, formada por pesquisadores, historiadores, juristas, arquitetos, engenheiros, conservadores, restauradores e mestres-de-obras. Além disso orquestrou a realização de inventários, estudos e pesquisas, execução de obras de conservação e restauração de monumentos; organização de arquivo de documentos e dados colhidos em arquivos públicos e particulares; reunião de um valioso acervo fotográfico; e estruturação de biblioteca especializada. Pinturas antigas, esculturas e documentos foram recuperados e inúmeros bens protegidos com a criação de museus regionais e nacionais: o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (1938); das Missões, em Santo Ângelo (1940); do Ouro, em Sabará (1957); O Regional de São João del-Rei, (1963); e outros. (PRÊMIO, 2014, p. 12).

Contudo, isso marca a relevância no país que o patrimônio passou ter com a criação de um estado novo, no governo de Getúlio Vargas e posteriormente Gustavo Capanema, havendo repercussão nacional começando a delinear passos de conservação e proteção de monumentos históricos.

Sendo os modernistas colaboradores do impulso de salvaguardar os vários tipos de patrimônios culturais no Brasil. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco),

[...] define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. Esta definição está de acordo com a convenção da Unesco para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, ratificada pelo Brasil em março 2006 (PATRIMÔNIO IMATERIAL - PORTAL.IPHAN.GOV.BR).

O patrimônio cultural imaterial, vem abranger o dimensionamento da absorção que fazemos do que é considerado importante fazendo parte da memória, no qual, expressamos, representamos, passamos esses conhecimentos específicos da história de vida. Na sociedade, podemos observar que somos recheados de patrimônios que se perpetua por gerações do que somos, do que nós nos reconhecemos, pertencemos e identificamos.

Os bens culturais, de acordo com sua forma consistem em diferentes maneiras de preservação, ou seja, estratégias de salvaguarda que cabe as políticas culturais com o estado tomarem medidas capazes de ressaltar a essência do patrimônio. De modo, que os próprios produtores culturais possam ser também os grandes envolvidos, já que os mesmos atuam diretamente passando para a próxima geração

conhecimentos e valores sendo responsáveis pelo ato e assim por diante (FONSECA, 2007).

Contudo, a preservação do patrimônio cultural, em vários países tomou medidas de adotar certas políticas a esse meio, como o “decreto-lei no. 25 de 30 de novembro de 1937 (no Brasil) que direciona bens móveis e imóveis de grande valor e a lei 3.924, de 26 de julho de 1961, que trata da proteção dos monumentos arqueológicos e pré-históricos foi também regulamentada” Fonseca (2007, p. 71). Um dos surgimentos de leis em detrimento de patrimônios para grande colaboração, que mais tarde houve reformulações das políticas de patrimônio atribuindo ênfase ao bem cultural móvel, ou seja, atividades e hábitos culturais de determinadas comunidades. Outro fator importante é que a responsabilidade pela preservação deve ser partilhada, cabendo ao corpo gestor local delinear essa forma em que possa haver uma grande participação estratégica e comunitária (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

Então, as políticas públicas devem deter de uma articulação com outros setores públicos, para que a atuação possa acontecer de forma eficiente. Há muitos desafios, tanto para as instancias estaduais e municipais para a preservação de patrimônios culturais materiais e imateriais, como as estruturas dos monumentos e as manifestações culturais que se encontra em atividades no cotidiano e que precisam ser trabalhados de forma qualitativa e sustentável pregando o valor do bem, a partilha e o envolvimento local poderá ser uma das atribuições plausíveis junto as leis estabelecidas a essa área patrimonial cheio de sentido e reverência, por ser um conteúdo histórico presente em vários lugares de formas diferentes.

A constituição de 1988 e o decreto-lei 25/1937, que diz respeito ao valor do patrimônio cultural brasileiro que pode ser identificado em diversos grupos na sociedade de forma identitária e memorável, ou seja, sua peculiaridade. O patrimônio é algo ligado ao meio social, mas ligado também ao meio de valor técnico responsável por manutenção (preservação do espaço edificado) detendo de especialistas adequados (MENEZES, 2012).

Para tanto, o valor é o primeiro sinal, identificável, quando determinado patrimônio cultural tem grande relevância para a comunidade fazendo e aguçando o interesse que outros conheçam. Em que, a maior parte da população busca através de uma atividade turística, mas o próprio lugar precisa estabelecer critérios necessários para tais visitas sem interferências desagradáveis. O patrimônio

cultural, acaba ditando inspirações para quem passa conhecê-lo indo além de uma visualização, mas uma interpretação de significados complexos (SANT'ANNA, 2003).

Porém, os benefícios das visitas turísticas poderão trazer resultados significativos, mas a gestão local precisa verificar que tal espaço não possa sofrer modificações por causas dessas visitas de forma não prejudicar a população local e o valor afetivo que apresenta com determinados espaços históricos. Para tanto, o patrimônio cultural não deixa de ser uma atração em um meio urbano.

O patrimônio, portanto, pode ser revelado quando as pessoas se encontram ligadas de sentimento às respectivas formas materiais e imateriais no espaço, entrelaçados culturalmente progredindo geracionalmente. Cruz (2012, p. 95) “não há patrimônio, seja ele material ou imaterial, que não seja cultural”, daí podemos verificar a relação e o sentido que tem o patrimônio de se fazer importante para as comunidades.

Todavia, a semântica do termo patrimônio também aponta para isso.

A semântica do termo já nos sugere uma relação com um tempo que nos antecede, e com o qual estabelecemos relações mediadas por intermédio de objetos que acreditamos pertencer uma herança coletiva. [...] O termo patrimônio supõe, portanto, uma relação com o tempo e com o seu transcurso. Em outras palavras, refletir sobre o patrimônio significa, igualmente, pensar nas formas sociais de culturalização do tempo, próprias a toda e qualquer sociedade humana (GUIMARÃES, 2011, p. 99).

De maneira, que somos oriundos de uma descendência contornadas de formas históricas não distante de reflexão patrimonial, que nos leva a proteção do mesmo, questão refletida em cada lugar do mundo.

No entanto, o patrimônio nacional, Magalhães apud Pereira (2012, p. 162).

[...] foi considerado um dos meios de construção do imaginário sociopolítico da nação. Ao mesmo tempo “dava” concretude a um passado, história e memória nacional, o “Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” era uma maneira de homogeneizar e “civilizar” o povo (Chuva, 2003), ensinando-o a amar e a respeitar eventos, heróis e datas, consagrados pelas elites, mas atribuídos a todos igualmente.

Assim, o patrimônio estava ligado ao modo também de sensibilizar o povo para a questão patrimonial que passaria ser integrado na sociedade como instrumento de sua história avançando para outras questões de patrimônio, além de tombamentos, passaram acontecer registros e isso reflete ao patrimônio imaterial.

Patrimônio Imaterial – definido como um conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua cultura, tendo como uma de suas principais características o fato de tradicionalmente ser transmitido de geração a geração, geralmente sentimento de identidade e continuidade em grupos populacionais – o Decreto no 3551, de 4 de agosto de 2000, deu início

ao registros dos bens imateriais que constituem o patrimônio cultural brasileiro (COSTA; CASTRO, 2008, p. 127).

Definido dessa forma, o patrimônio imaterial se encontra de diversas maneiras e pode ser verificado no cotidiano e entre as pessoas, de uma parte a outra, mostrando contraste detendo de maior valorização, não podendo toca-lo, mas senti-lo e vivencia-lo em suas manifestações. Pelo qual, se identificam e partem para a formação de associações se reunindo, discutindo para a salvaguarda dos bens moveis que se alimentam por gerações. Mantendo uma efetiva responsabilidade para assegurar a continuidade do mesmo.

Todavia, a preocupação com o patrimônio imaterial vem percorrendo para discussões sobre ações de preservação.

A preocupação com a preservação e a valorização das expressões da chamada cultura tradicional e popular surgiu mais fortemente no cenário internacional logo após ser firmada por diversos países a Convenção da Unesco sobre a Salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em 1972. [...] à Unesco a realização de estudos que apontassem formas jurídicas de proteção às manifestações da cultura tradicional e popular como um importante aspecto do Patrimônio Cultural da Humanidade. O resultado desses estudos foi a “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”, de 1989, documento que fundamenta, até hoje, as ações de preservação do que, mais recentemente, se passou a denominar “patrimônio cultural imaterial” ou “intangível”. Embora no oriente, especialmente no Japão, a proteção a essas expressões já fosse uma realidade desde os anos 50, no mundo ocidental, as primeiras iniciativas têm lugar após esse debate (SANT’ANNA, 2012, p. 06).

De certo, vemos a questão avançar e se colocar à novas perspectivas pressupondo a participação efetiva das comunidades nas discussões, reuniões e debates contribuindo para mais estudos e conhecimento sobre salvaguarda. Apesar que a cultura tradicional e popular, já trazem o cuidado de preservação e continuidade há muitos anos, se não, não estariam presentes hoje, no entanto, com os registros de bem imaterial passam a ser reconhecidos e mais fortalecidos no mundo atual (globalizado e tecnológico).

A identificação e valorização do patrimônio cultural, especialmente daquele designado como imaterial, pode ensejar o fortalecimento do espaço público, espaço privilegiado onde múltiplos grupos sociais e suas manifestações culturais e indenitárias podem ser reconhecidos como representações legítimas da cultura brasileira (VELOSO, 2006, p. 443).

No espaço, é onde os principais atos ocorrem e onde presenciamos em grande parte o patrimônio material e imaterial com grande circulação de pessoas e mercado tão abrangentes, que o patrimônio material como as edificações antigas passam a ser comercializados de um certo modo, recebendo grande fluxo de pessoas. No qual o

turismo é uma das atividades apontadas para isso, se não planejado adequadamente pela gestão pública e empresários poderá acarretar deterioração assim também como as manifestações culturais são chamadas espetacularização quando são inseridos no mercado sendo ele turístico ou não.

Costa (2015), aborda a questão do patrimônio e seu uso perante o mercado na escala mundial de modo frenético pelo capitalismo. Alguns lugares como França, Espanha e Estados Unidos recebem grande número de pessoas para visitação aos seus patrimônios, havendo grande circulação anualmente. A mercantilização são   permanente com a efetivação da preservação do patrimônio percebendo-se a apropriação e venda dos lugares como símbolo cultural e de mercadoria.

Questão crítica, que o capital percorre permanecendo o poderio hegemônico, afastando o envolvimento da sociedade nesse processo sem o direito a princípio de opinar pelo uso e cuidado com seu patrimônio. Então, a elitização do patrimônio urbano   ampla e para as destinações turísticas sendo assim, Costa (2015, p. 166) sinaliza para a dialética da construção destrutiva, que diz,

[...] no contexto da “constru o do patrimônio” da humanidade, remete-nos ao processo universal de consagração mercantil dos lugares para o desenvolvimento de atividades que se agregam a nova economia urbana catalisada pela valorização da paisagem e da cultura.

A mercantilização dessa nova economia urbana, os benefícios podem se encontrar concentrados apenas para alguns, sendo que o patrimônio não   individual e sim coletivo de um determinado lugar ou nação. Então como rebater as contradições? O trabalho democrático de modo a envolver a sociedade no planejamento do processo, poderá contribuir para um desfecho plausível que possa beneficiar a todos sem distinção, apropriação frenética do capitalismo e sem deteriora o do patrimônio ou descaracteriza o.

Outra questão importante para isso,   a educa o da maioria das pessoas pelo seu patrimônio, conhece-lo ainda mais fortalecer  a participa o e a prote o do mesmo diante do mercado concentrado pelas elites que encontram nesse um grande capital e desfavorecendo outros. Medeiros; Surya (2012, p. 300).

A educa o patrimonial   a o fundamental para a preserva o do patrimônio. A não realiza o repercute de forma negativa, pois se torna difícil obter apoio da sociedade para a preserva o desses bens uma vez que ela por desconhecimento quanto a importância deles para a manuten o da memória coletiva, não valoriza e, principalmente, rejeita as medidas de preserva o impostas pelo poder público.

Certo que, quando os indivíduos reconhecem o bem cultural e tem para si, as políticas de atuação podem atuar com facilidade, porque tem a conscientização dos indivíduos e isso é importante como foi colocado acima, para a “manutenção da memória coletiva”. E a memória é um dos estudos que muito podem se aplicar a isso.

2.4. Cultura, memória e patrimônio: Relação mútua

Somos havidos em muitas formas culturais distintas que transcorre períodos, evidente no meio social e político, também instrumento de identificação mutável e de reconhecimento de viabilização econômica envolvendo a comunidade ou para além desta.

Cultura é uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade. [...]. Entendendo dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social [...] uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social [...] a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas a percepção da cultura, mas também a sua relevância, a importância que passa a ter (SANTOS, 2006, p. 44).

O dimensionamento deste efeito é tão grande sem um possível fim, propulsor de muito conhecimento encontrado nas camadas sociais denota grande instabilidade presente em cada geração. Conceito que se aplica para várias discussões pelos estudiosos na sociedade, sendo a cultura transformação e renovação constante.

E isso vem caminhando e nos enriquecendo em conhecimentos e fatos que marcaram nossas memórias ou que marcaram nossos antepassados, no qual, os mais velhos transmitem em sabedoria aquilo que foi deixado para eles. A cultura e a memória, são elementos que fazem parte de nós, de modo que, nós lembramos ou lembramos aquilo que nos ensinaram ou de marco histórico dando valor a partir dos valores que foram passados que são importantes para uma família, sociedade ou nação.

Pelo motivo, de não sermos os mesmos de ontem as coisas podem se alterar e com ela vim transformações, repensar diante do hoje em outras formas e meios, porém sem perder a fonte anexo na memória. Halbwachs apud Bosi (1994, p. 55) afirma que memória “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho”. A partir que é lembrado o fato, a pessoa revive e passa para o outro, dando novos sentidos.

A natureza dos seres com os quais vivemos deve nos ser revelada e explicada a luz de toda nossa experiência, tal como ela se confirmou nos períodos seguintes. O novo quadro, projetado sobre os fatos que já conhecíamos ali nos revela mais de um traço que nele se posiciona, e que dele recebe um significado mais claro. É assim que a memória se enriquece de bem alheios que, desde que se tenham enraizado e encontrado seu lugar, não se distinguem mais das outras lembranças (HALBWACHS, 2004, p. 82).

Somos dependentes desse processo, para conhecermos algo que não vivemos e mediante ao nosso crescimento, enquanto indivíduo da sociedade passamos analisar os fatos e registros que sucederam e marcaram nossos avós, pais e sociedade de tão teor que permaneceu em nós nos saberes, costumes, crenças e outros.

Enquanto patrimônio, esses saberes, costumes e modos de viver se ancoram em memórias que circulam, física ou metaforicamente, entre os membros de um grupo e para serem preservados devem permanecer simultaneamente ou alternadamente nas lembranças de todos (COSTA; CASTRO, 2008, p. 130).

Para tanto, somos sujeitos a uma constante memória, testemunho do passado, e refletimos no hoje admitindo para nós esses conhecimentos, carregamos, registramos e adquirimos mais registros ao longo de nossas vidas, seja individual ou em grupo em um processo contínuo.

Certamente, a cultura pode ser vital para compreendermos o que permaneceu em uma dada sociedade sua significância e o sentido da importância que se efetivou. Para Bauman (2012, p. 115) “Uma cultura” é em primeiro lugar uma comunidade espiritual uma comunidade de significados compartilhados”. De modo, que exista vínculos entre as pessoas e com os objetos presente no espaço e compartilhados entre si, local e nacional como a cultura popular (dança, música e etc.), festejada em um certo período do ano e no Brasil é muito presente.

De acordo com Canclini (1983, p. 42).

As culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte de seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.

Apropriação que se dá, a partir de outra forma cultural, de modo a realimentar e reproduzir aquilo que passou a se tornar seu, fortalecendo-se, no caso do Brasil, não seria tão diferente constituído em sua história por misturas raciais derivando grande interação cultural.

Todavia, para Choay (2001) em seu livro a alegoria do patrimônio, é muito interessante quando o autor trata do monumento histórico, que atua sobre a memória

e essa direciona para uma afetividade rememorando acontecimentos passados desde a infância ou que marcou em certo período. “O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa” (CHOAY, 2001, p. 17).

Contudo, Hartog (2006, p. 266) em seu artigo *Tempo e Patrimônio* comenta sobre a lei de 1993, referindo o patrimônio monumental a memória.

[...] a definição dada na lei de 1993 sobre o patrimônio monumental: “nosso patrimônio é a memória de nossa história e o símbolo de nossa identidade nacional”. Passando para o lado da memória, ele se torna memória da história e como tal símbolo de identidade.

Para tanto, a memória é condutora de inúmeras fontes que se interligam no meio cultural, que se distingue cheio de símbolos e significados transmitidos pelos diversos locutores sociais. E o patrimônio histórico veio fazer parte da expressão social, como Choay (2001, p. 11) aponta, “a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos”, revividos em constante atividade humana.

Pois, a relação patrimônio e memória é tão grande que a partir disso os indivíduos passam a identificar os elementos culturais em que se prolongam e continuam se prolongar, pelo motivo de terem sido cultivados naturalmente, como exemplo disso, em seguida será falado sobre a Dança de Quadrilha Junina, que se intensificou no Brasil sem nenhuma obrigação e sim porque conquistou e cativou a população desde sua entrada no país.

3. DANÇA DE QUADRILHA JUNINA

“O vocábulo quadrilha vem do francês quadrilhe e origina-se do italiano squadro que por sua vez, significa companhia de soldados dispostos em quadrado” (ALMEIDA, 2001, p. 17). Dança, que se espalhou pela Europa e se popularizou no Brasil, surgindo vários grupos de Dança de Quadrilha.

A dança palaciana que se espalhou por toda a Europa e empolgou as cortes nos séculos 18 e 19, teve seus primeiros registros na Normandia e na Inglaterra como dança rural, fazendo parte de tradições pagãs.

[...] No Brasil, como nos outros países, a quadrilha desde que chegou, incorpora tais variantes. Acreditamos que não poderia ser de outra forma. Dançou-se quadrilha na corte que vivia na Colônia, dançou-se nas províncias, e, em seguida dançou-se na região rural. Assim é a dinâmica da cultura popular. Enobrece-se e populariza-se e o popular empresta sua produção artística à considerada cultura erudita que cria recria muitas vezes fundamentada nessa essência (ALMEIDA, 2001, p. 21).

Pois, faz parte da dinâmica do lugar, devido a população ganhar simpatia por essa dança e a mesma contribui para o seu caminhar trazendo consigo referência do que foi, de maneira, roceira ou pomposa já que ela se deu nos palácios e na zona rural. Tende se atualizar, transformar fazendo parte de um dinamismo cultural que se espalha e se converte em novas formas, apresentando-se na festa do mês de junho.

As origens da festa nos remetem a tempos muito antigos, antes do cristianismo se consolidar na Europa. Naquela época, as festas que ocorriam nesse período do ano comemoravam a deusa Juno – mulher de Júpiter – que fazia parte do panteão dos deuses greco-romanos.

Protetora do casamento, do parto e sobretudo da mulher – em todos os aspectos da vida familiar – Juno, na mitologia romana, era a principal deusa e esposa de Júpiter, seu irmão e marido. Toda mulher tinha a sua “juno”, particular ou familiar, a qual levava oferenda e prestava culto. A origem do culto a Juno é apontada como reminiscência dos antigos cultos de fertilidade onde, das mulheres e da terra dependiam a reprodução e a produção agrícola que significavam a continuidade para o grupo. [...]. Nos cultos, celebrava-se a fecundidade da terra e confirmava-se a das mulheres, que se preparavam para novas gestações ao termino da colheita.

[...]. Para os povos da antiguidade, junho era um mês especial, com a chegada do verão e os preparativos para a colheita. Quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Ocidente – adotado pelo Império Romano no século IV as principais celebrações pagãs foram sendo incorporadas ao calendário das festas católicas. No século VI, a Igreja Católica reservou o dia 24 de junho para comemorar o nascimento de São João Batista [...]. No século XIII foram acrescentando São Pedro (dia 29 de junho) e Santo Antônio (dia 13 de junho). Aos poucos, os cristãos foram criando novas versões para os mitos a fim de explicar as práticas anteriores. (RIBEIRO, 2002, p. 27).

E assim, o cristianismo adaptou homenagem à alguns santos no mês de junho. “Junho - Dia 13 Santo Antônio, 24 São João e 29 São Pedro. O cristianismo incorporou nos festejos em homenagens aos santos alguns rituais da época clássica”

(MOURA, 2005, p. 44). Algo que se tornou muito característico nas apresentações dos grupos de Quadrilhas apresentada no mês de junho em todo o país e meio as suas apresentações saúdam os santos, gritando viva São João e assim com outros santos.

Para Almeida (2001, p. 16) a origem da festa também,

[...] era um acontecimento em que a fecundidade era festejada, fosse a partir do plantio do milho, fosse no momento em que se constatava o sucesso da colheita. Atualmente essa conotação já não existe mais, embora ainda se torne o dia 19 de março como o dia para iniciar o plantio do grão que, em junho, deve estar pronto para o consumo. Mas isso na zona agrícola, não na cidade, onde o alimento, mais do que produto agrícola, é comercializado e transformado para ser consumido.

Na quadrilha junina atual, o sentido de celebração à vida está presente. Percebe-se, contudo, que essa manifestação não é mais resultado de ritos que comemoram a fecundidade, mas de encontros que proporcionam o movimento de grupos sociais que encontram, no dançar a quadrilha, ou mesmo no promovê-la, uma alternativa de ocupação e possivelmente, de profissionalização.

Para Ribeiro (2002) como para Almeida (2001), a origem da festa está associada a fertilidade e a boa colheita no mês de junho, que anteriormente em um determinado período guardava reminiscências de antigos cultos aos deuses, porém com o tempo o envolvimento da igreja agregou e mudou a dita festa pagã em seu calendário determinando datas comemorativas a santos. E porquê falar disso? As festas que eram realizadas para idealizar cultos a deuses para a fertilidade tanto da terra quanto da mulher, passou por modificações pela igreja, no qual passou homenagear os santos no mês de junho: Santo Antônio (santo casamenteiro), São João (anunciação do nascimento) e São Pedro (marca o encerramento de algo prospero e das comemorações juninas) (RIBEIRO, 2002).

E nesse mês, é que a Dança de Quadrilha no Brasil é muito bem desenvolvida e comemorada, faz também homenagem aos santos citados acima e a mesma passou a ser chamada de Dança de Quadrilha Junina por se apresentar no mês de junho em todo o país, onde na festa há fartura de alimentos e a maior parte é feita a base de milho.

Todavia, a Dança de Quadrilha caiu no gosto popular absorvendo, incorporando e popularizando-a e fazendo parte de suas vidas, nasceu como,

Dança aristocrática, oriunda de salões franceses, depois difundida por toda Europa. No Brasil foi introduzida como dança de salão que, por sua vez, foi apropriada e adaptada pelo gosto popular. Para sua ocorrência é importante, a presença de um mestre “marcante” ou “marcador”, pois é quem determina as figurações diversas que os dançadores desenvolvem. Observa-se a constância das seguintes marcações: “Tour”, “Em avant”, “Chez dês dames”, “Chez dês chevaliê”, “Cestinha de flor”, “Balancê”, “Caminho da roça”, “Olha

a chuva”, “Garranchê”, “Passeio”, “Coroa de flores” e etc. (FRADE, 1997, p. 61).

Esse tipo de dança por ter sido de salão, não era tão movimentada em relação aos passos, era algo mais gracioso e calmo, porém, o povo deu gosto a mais a esse modo de dançar como remelexo a mais, musicalidades mais alegres e divertidas e os passos mais bem movimentados junto aos cânticos e sons mais acelerados.

Para Chianca (2013) no Brasil a Quadrilha não foi sempre uma Dança Junina e se apresentava em qualquer mês do ano, mas passou a fixar-se no período de acordo com o que será respondido a seguir,

Mas como e por que essa dança se tornou uma importante referência da festa junina? Tal processo se explica por sua identificação à monarquia: com a mudança de poder e de mentalidade do Brasil republicano, os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelos barões e pelas camadas burguesas urbanas e cidadinas. Foi provavelmente nesse momento que a quadrilha foi abolida das festas dos ricos das cidades, mas continuou a ser dançada pela população afastada dos grandes centros urbanos e que não se incomodava por estar <<fora de moda>>.

Seu retorno só ocorre nos anos de 1950, com a intensificação migratória que marcou esse período. Já identificada ao “interior”, ela será doravante associada aos migrantes e à festa junina (CHIANCA, 2013, p. 13).

Pode-se entender que, “as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir” (SANTOS, 2006, p. 20). Sendo recriada a cada período que transcende às gerações, porque a cada novo indivíduo é um novo recomeço e a cultura sempre está presente a isso, se alimentando continuamente (BAUMAN, 2012).

E a Dança de Quadrilha, que passou a ser chamada de Dança de Quadrilha Junina, por se apresentar no mês de junho está relacionada ao processo cultural, por isso, que nada é igual e estático, a tendência é avançar.

[...] São essas práticas do passado que chegam ao presente com as suas diversidades, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades (TRIGUEIRO, 2005, p. 01).

De fato, é um processo que se prolonga através das pessoas principais portadoras desse efeito nos contextos históricos. E a memória, é um dos mecanismos de registro que poderá ajudar a partir de informações sobre fatos ocorridos em dado período.

William Stern apud Bosi (1994, p. 67) afirma que “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se meio a caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que

é capaz de inovar”. Se relaciona com o mundo material e imaterial que circunda nosso cotidiano, experiência adquirida, aquilo que fixou em nossas mentes identificado como importante permanecendo até a velhice.

A memória está muito presente nos grupos socioculturais, no caso as “quadrilhas e arraiais participam da construção de um universo de memória, elas são uma fonte de orgulho e autoafirmação, porque no contexto migratório estes acontecimentos sociais amplos fornecem uma relevância sociocultural positiva” (CHIANCA, 2013, p. 62). Os laços entre os participantes desse ato reforçam a cada ano se mostrando mais intenso, representado pelos jovens e adultos que se concentram em um determinado espaço, onde são realizados concursos de Quadrilhas, mas que passa a ser um encontro socialmente e culturalmente valorizado.

Essa valorização se mostra, desde quando a Dança de Quadrilha foi trazida ao Brasil.

[...] pela corte imperial portuguesa em 1808, as quadrilhas fizeram sucesso assim que chegaram: já eram moda nos salões aristocráticos da Europa e no Brasil.

[...] D. Pedro II era muitíssimo apreciador das quadrilhas, que ele dançava na fazenda do Barão de Muriaé ou nos bales solenes da Câmara municipal do Rio. No mês de agosto de 1852, numa grande festa por ocasião do encerramento dos trabalhos do senado, vossa majestade dançou pelo menos nove das dez quadrilhas propostas (CHIANCA, 2013, p. 12).

Dança que perpassou por territórios e concentra valor cultural, essa efetividade se mostra pelas próprias comunidades quadrilheiras, como no caso do Pará, além de possuir vários grupos de Dança de Quadrilha Junina pelos bairros da cidade incentivam cada vez mais criação de novos grupos, começando pelas Dança de Quadrilhas Juninas Mirins que trabalham com crianças. Isso pode também ser considerado como uma ação social e educacional transformando-as e beneficiando-as.

3.1. Transformações e benefícios da Dança de Quadrilha Junina

De dança pagã no passado, a Dança de Quadrilha foi evoluindo no Brasil de modo a envolver a comunidade e a mesma aderiu a essa dança como forma de lazer e com o tempo a sua importância foi crescendo.

Como o território brasileiro é muito grande, com o passar do tempo as comemorações portuguesas foram agregando variações regionais, apesar de conservarem um núcleo religioso comum de louvor aos santos do mês de junho. Vários novos elementos foram incluídos nas comemorações ao longo dos anos, no entanto, as festas juninas continuam sendo as guardiãs da

tradição secular de dançar ao redor do fogo. Atualmente, a celebração da fertilidade é representada pelo casório e pelo banquete que o segue e as oferendas deram lugar às simpatias, as adivinhações e pedidos de graças que se fazem aos santos (RIBEIRO, 2002, p. 28).

E assim por diante, as mudanças foram ocorrendo e incentivando a participação de mais indivíduos, atualmente muito incentivada pelas próprias comunidades quadrilheiras para continuação da atividade dançante, pode ser observado primeiramente suas inovações, de acordo com Almeida (2001, p. 25),

As mudanças nas quadrilhas juninas podem ser observadas na coreografia, no figurino e na música, especialmente aquelas que representam os bairros periféricos das cidades. O fato de concentrarmos nossa atenção na quadrilha dançada nas cidades não denota a inexistência da dança considerada tradicional em áreas do interior. No entanto, é crescente o número de grupos que fazem a quadrilha como um espetáculo do período junino, utilizando o trabalho de amadores e profissionais, que causa admiração a muitos e surpresa a outros, que não concordam com denominação quadrilha, preferindo o termo danças juninas.

A dança é um elemento presente na sociedade, que passa ser reinventada por períodos e a Dança Junina nada escapa a esse processo, e desenvolvida em sua maior parte nas periferias das cidades que tem continuidade de jovens que serão profissionais ou diretores futuros do grupo junino.

Com a Dança de Quadrilha vieram as tradições e costumes, como a fogueira que hoje não se vê mais nas ruas, o pau de sebo ou mastro e outras brincadeiras.

As fogueiras juninas merecem uma consideração a parte. Segundo os historiadores [...]. As fogueiras são acesas nas festas da chegada da primavera e nos festivais por ocasião do verão para afastar os maus espíritos. Essas festas acompanham as comemorações das colheitas bem sucedidas, com danças religiosas e profanas realizadas ao ar livre, ao redor delas (RIBEIRO, 2002, p. 29).

As fogueiras, atualmente não se vê mais as práticas delas no município do Pará, no qual eram feitas nas frentes das casas, porém, que ainda predomina é o pau de sebo ou mastro.

[...] fixos em frente às casas e ao lado da fogueira, os mastros eram um sinal de devoção dado pelo festeiro aos seus vizinhos indicando que naquela casa havia orações (geralmente novenas) até a véspera do dia do santo, quando as preces davam lugar à festa. [...]. Os mastros podem ser erigidos para todos os santos, mas é sobretudo nas festas de São João e Santo Antônio que eles estão presentes (CHIANCA, 2013, p. 39).

Hoje os mastros, são erguidos e fazem parte da brincadeira na comunidade cheio de frutas e com um prêmio na ponta os jovens são desafiados a subir, o pau é liso por isso é chamado também de pau de sebo, então quem consegue subir ganha o prêmio. Essas brincadeiras passaram a fazer parte do ciclo junino e a Dança de Quadrilha é a grande anfitriã.

Dança de Quadrilha, “permanente revisitadas pela população, que lhes empresta vitalidade cultural, adaptando, transformando, conservando e reinventando-as através de novas coreografias, adereços, passos, indumentárias e cenário” (CHIANCA, 2013, p. 11). Pode-se dizer que é Dança Junina, com o passar do tempo no Brasil passou ter outra denominação, mas que, não deixou de ser chamada Dança de Quadrilha pelos grupos juninos.

A dança é uma manifestação espetacular que apresenta, em seu contexto, uma ética da estética do cotidiano de herança universal da humanidade, resultante das contribuições que apresentam sua representatividade, tanto a nível local como global. Os elementos comuns as primeiras manifestações de caráter cênico do homem são recorrentes, como a figuração em círculo, gestual do cotidiano, nos quais, através da observação da sua teatralidade cotidiana e extra-cotidiana, sistematizavam suas experiências, transformando-as em espetacularidade para o outro ver, seus desejos mágicos, míticos, religiosos, comemorativos, lúdicos e militares, apresentavam, desta forma, sentidos e significados próprios de cada grupo ou cultura (JASTES, 2009, p. 01).

A Dança Junina, nada mais é que a reelaboração do povo que dá sentido e significados próprios, no Brasil, cada região apresenta a Dança de Quadrilha Junina, porém, atribuída aos elementos culturais que cada região possui, em Belém do Pará tem os cheiros que perfumam as roupas dos quadrilheiros, roupas temáticas com itens peculiar da região e entre outros, cada ano os grupos juninos que apresentam Dança de Quadrilha buscam sempre trazer algo novo, sem fugir da sua essência. Como assim? Apesar de inovarem buscam alguns elementos da Dança de Quadrilha, desde quando se sucedeu no país, tanto elementos quando eram apresentados no salão e apresentados na zona rural, para onde se deslocou e cativou a população desde então, realizam festas juninas também chamadas de arraiais juninos.

Nos últimos anos, os arraiais juninos passaram a ter uma função diferente: deixaram de ser apenas a palhoça onde as pessoas se encontravam para comemorar o período junino comendo, bebendo e dançando perto de uma fogueira e se transformaram em locais onde dançar não é apenas motivo de lazer e divertimento, mas uma maneira de desenvolver a dança como habilidade artística num grupo de pessoas, às quais chamamos quadrilheiros (ALMEIDA, 2001, p. 25).

Portanto, a Dança de Quadrilha Junina hoje se encontra para além do lazer, pode-se observar em meio a dança as habilidades e performances artísticas que os jovens desenvolvem, para alguns partem como incentivo de estudo da dança a nível superior. Ou seja, se profissionalizando a partir de uma dança desenvolvida na periferia e com esse profissionalismo o retorno à comunidade é inevitável, trazendo mais conhecimento ao grupo. E hoje pode presencia-la nos grandes concursos

realizado pelas cidades, que antes era apenas simples apresentações ou um momento de lazer, hoje os grupos apresentam grande elenco colorido com criatividade.

As quadrilhas vem sendo modificadas e reinventadas desde a sua chegada ao Brasil ainda no século XIX, nós também podemos constatar que elas continuam mudando, provando que são uma tradição popular de vitalidade e vida longa. Hoje existem muitos tipos de quadrilhas além dessa forma mais tradicional [...]. A mais conhecida é chamada de <<estilizada>>, e traz muitas modificações a essa base. Nela há uma maior liberdade de coreografia e enredo, além de roupas bem cortadas, maquiagem cuidadosa e inspiração nobre, inclusive na postura corporal dos dançarinos e no recurso a elementos estéticos provenientes da Europa e da América, formando um conjunto que sintetiza uma ruralidade vestimenta luxuosa e autovalorizante, pois esse novo dançarino não é mais um caipira! (CHIANCA, 2013, p. 14).

Passou ser apresentada em espaços públicos no centro da cidade, muito bem coreografada e organizada até nos detalhes das roupas. A exemplo, as Quadrilhas paraenses deixaram de se apresentar nas ruas devido ao crescimento da violência e passaram a se apresentar em lugares públicos destinados aos concursos de Quadrilhas como: na Fundação Cultural do Para Tancredo Neves (CENTUR) o evento é realizado pelo mesmo; no Portal da Amazônia, o evento é realizado pela Fundação Cultural de Belém (FUMBEL). Assim, os grupos juninos passaram ter nova opção de espaço e o envolvimento com a gestão pública cultural.

Com o tempo, surgiu novos grupos juninos crescendo o número de participação nos concursos, a Quadrilha para sua apresentação contém uma quantidade de pares de brincantes que variam em número dependendo da região, como em Recife em torno de 40 a 50 pares, ou seja, em torno de 80 a 100 participantes (ALMEIDA, 2001). Assim como em Recife, outros grupos de Danças de Quadrilhas Juninas passaram a almejar incentivo cultural, como ajuda financeira (para produção de trajes do grupo) devido o número crescente de participantes e a política cultural no Brasil, para incentivo à cultura, desencadeou papel importante a partir da participação de Gilberto Gil no Governo Lula, então isso veio possibilitar que a Dança de Quadrilha pudesse alcançar também esse efeito, de modo conseguir recursos para que todos participem.

CAPÍTULO II DAS ATRIBUIÇÕES DO PODER PÚBLICO

Art. 3º Compete ao poder público, nos termos desta Lei: [...]

III - fomentar a cultura de forma ampla, por meio da promoção e difusão, da realização de editais e seleções públicas para o estímulo a projetos e processos culturais, da concessão de apoio financeiro e fiscal aos agentes culturais, da adoção de subsídios econômicos, da implantação regulada de fundos públicos e privados, entre outros incentivos, nos termos da lei;

IV - Proteger e promover a diversidade cultural, a criação artística e suas manifestações e as expressões culturais, individuais ou coletivas, de todos os grupos étnicos e suas derivações sociais, reconhecendo a abrangência da

noção de cultura em todo o território nacional e garantindo a multiplicidade de seus valores e formações;

CAPÍTULO III

DO FINANCIAMENTO

Art. 7º O Ministério da Cultura, na condição de coordenador executivo do Plano Nacional de Cultura, deverá estimular a diversificação dos mecanismos de financiamento para a cultura de forma a atender os objetivos desta Lei e elevar o total de recursos destinados ao setor para garantir o seu cumprimento (PLANO NACIONAL DE CULTURA - <http://www.cultura.gov.br/snc>).

Podemos verificar, que no Art. 3º e no Art. 7º do Plano Nacional de Cultura (PNC), apresenta sua definição como lei para contribuições que venham fortalecer os grupos de produções culturais em todo o território nacional, de modo, fomentar e incentivar através de recursos a cultura para continuação futura dos grupos culturais.

Todavia, a Dança de Quadrilha, passou a desenvolver papel importante para as comunidades, apesar de envolver uma festa alegre e de lazer surge o trabalho educacional, cultural a relação como patrimônio que passa por gerações aumentando o número de participantes e de quem assiste. Durante as entrevistas de campo, percebeu-se que existem as Danças de Quadrilhas Mirins, no caso são crianças, o trabalho feito com elas é disciplinar e envolve várias pessoas para sua organização, as crianças são incentivadas a estudar e ter bom relacionamento em casa e também um bom relacionamento com o grupo, depois de completar uma certa idade passa a fazer parte da Dança de Quadrilha adulta, dando continuidade a essa manifestação cultural.

Movimento dançante, que passou por transformação e inovação, mas que, os passos na dança ditos tradicionais são presentes, atualmente a Dança de Quadrilha Junina paraense se encontra mais ampliada por suas produções e formam grupos de crianças para a transmissão de ensinamentos para continuidade dessa atividade, como vista no parágrafo anterior. E esses novos atores com o tempo, passam atribuir novos sentidos sem fugir dos passos marcantes que eram feitos no palácio e depois na zona rural e o povo passou a executar trazendo consigo a característica europeia praticado à sua maneira.

Contudo, esse movimento faz parte da memória de um acontecimento vivido se sucedendo na temporalidade e se concentrando às novas gerações, em que essas podem trazer como heranças e considerando também como seu patrimônio, direcionado como patrimônio cultural imaterial.

[...] patrimônio cultural imaterial, cuja característica definidora reside, no nosso entendimento em sua espontaneidade. Danças, músicas, festas, reuniões, rituais, “artes de fazer”, uma infinidade de práticas culturais, são

heranças que as sociedades inventam, reinventam e destituem ao sabor de seus interesses mais íntimos e espontaneamente (CRUZ, 2012, p. 96).

Dessa forma, vários grupos têm sua particularidade que se definem como elemento próprio presente em suas memórias. Portanto, a Dança de Quadrilha Junina, pode ser verificada como patrimônio cultural imaterial que tem valor pelos seus atores e por quem prestigia o ato anualmente. Memorável porque se alimenta em cada nova apresentação, um fenômeno construído coletivamente.

Todavia, a cultura e a memória muito se entrelaçam, possibilitando para identificação de vários patrimônios. E trazendo isso para a Dança de Quadrilha, pela sua repercussão até os tempos atuais. Junto com a Quadrilha,

[...]. Os mitos, as lendas, os contos, as cantigas são fragmentos visíveis entre acontecimentos lembrados e acontecimentos vividos pelo grupo e como registros de experiência vivenciadas, são bens simbólicos que ancoram o bem imaterial patrimonializado. As memórias coletivas se materializam através desses bens simbólicos que ao serem exteriorizados, seja por meio da oralidade ou das inscrições, agem como um operador de socialização nas atividades coletivas desenvolvidas pelo grupo (COSTA; CASTRO, 2008, p. 126).

Assim a Dança de Quadrilha soma a socialização como mecanismo de lembrar, praticar, fazer parte, conquistar mais pessoas, rememorando a atividade cultural se estimando como patrimônio cultural registrado pelos indivíduos, percebido geracionalmente.

Como Rosário (1989) aponta que a cultura brasileira é tudo aquilo que o brasileiro reelaborou ou assimilou e que tornou seu, de modo que o país é fixado pelos contatos, trocas que se deram em seu contexto histórico e que algumas atividades passaram a ser abraçadas culturalmente. De maneira, que a Quadrilha Junina é um movimento que transcende gerações, permanecendo em suas memórias.

Entretanto, além de patrimônio engloba outras questões importantes como para a economia local proporcionando o movimento do mercado, como a venda do varejo pelas lojas que esperam por essa época para bons faturamentos. “O mês de junho guarda um forte apelo de vendas para o varejo: as celebrações de Santo Antônio, São João e São Pedro permitem a loja criar novas oportunidades de venda” (FERREIRA, 2010, p. 31). Lado esse, que a Quadrilha Junina proporciona gerando renda para a comunidade.

A quadrilha tem-se apresentado como veículos para a circulação de renda, que promove o desenvolvimento econômico movimentando a economia e os componentes atuam como consumidores, do mercado informal ou não, como trabalhadores autônomos, gerando renda para costureiras, aderecistas, figurinistas ou coreógrafos, ou ainda como formadores de profissionais nas

diversas linguagens artísticas que compõem o espetáculo, chegando a promover oficinas e cursos que abrem novas perspectivas a pessoas, que talvez, não encontrassem outras alternativas profissionais sem a quadrilha (ALMEIDA, 2001, p. 29).

Isso demonstra a relevância que proporciona no setor econômico e que vem erguendo-se cada vez mais e gerando novas oportunidades. A Dança de Quadrilha, gera, portanto, de forma direta e indireta esse outro fator sendo uma alternativa de renda. Através da Dança de Quadrilha, a festa apresenta comidas típicas, vestimentas para época e todo o colorido, então, para sua produção e organização é feito gastos para esse ato e o mercado percebeu que haveria aí grande oportunidade de crescimento.

No entanto, não só beneficia o mercado, mas sim uma cadeia de profissionais que surgem no meio junino ou são contratados, como foi citado acima. Portanto há várias formas de benefícios à comunidade e o mercado passa a ter um olhar diferenciado para as festas juninas como uma possível atração local e no nordeste brasileiro pode se observar isso.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e a descoberta das festas como produto turístico, fez as grandes festas populares brasileiras ganharem espaço na mídia e, a partir disso, poderem se habilitar a captar recursos do Estado para sua implementação como evento oficial. O crescimento das festas juninas, em especial no nordeste brasileiro, é significativo das transformações pelas quais a festa tradicional vem passando e do modo como vem se inserindo na modernidade. Essas festas vêm se transformando, se atualizando em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa das tradições, capazes de se reinventarem sempre que necessário e, assim, serem redescobertas não apenas pelas populações locais como modo de identidade, mas também pela mídia, pelo turismo e pelos turistas. (RIBEIRO, 2002, p. 26).

Esse é outro fator que pode possibilitar ainda mais o crescimento econômico, beneficiando a comunidade, o local e os grupos juninos, entretanto para ambos os benefícios isso precisa ser planejado, de forma, que haja comunicação, participação e decisão definida em conjunto envolvendo a gestão pública, empresários e comunidade para fins plausíveis de concretude positiva e de benefícios mútuos.

Essa é outra alternativa de grande crescimento econômico, que poderá proporcionar bons frutos se aplicado de modo qualitativo que perdure a longo prazo.

Isso demonstra o quão a Dança de Quadrilha evoluiu, não mais uma dança apenas para alegrar o povo, mas, avança abrindo um leque de possibilidades de benefícios econômicos para a cidade envolvendo: desde um tubo de linha até aos tecidos mais caros; maquiagem e adereços; produtos para os cabelos; sapatos industrializados ou sapateiros; manicures; costureiras; coreógrafos; produção da festa

(que comporta também um número significativo de profissionais como iluminação, filmagem e etc.); barracas de comidas típicas; transportes e entre outros.

As manifestações culturais populares têm as suas origens nas comemorações comunitárias – festas religiosas ou profanas. Para atender a nova ordem econômica do mundo globalizado, de produção e consumo de bens materiais e imateriais transformam-se em acontecimentos midiáticos que envolvem as redes de televisão, o interesse das grandes marcas de bebidas, dos políticos, do turismo e até dos pequenos comerciantes temporários, na maioria desempregados ou subempregados, que aproveitam as espetacularizações das festas para obter alguma renda e reorganizar a economia familiar por algum tempo (TRIGUEIRO, 2005, p. 06).

Há um envolvimento de várias partes, que a Dança de Quadrilha colaborou para o crescimento, observado anualmente nos arraiais juninos recheado de vários elementos que o compõem, proporcionando renda e emprego direta e indiretamente, envolvendo vários profissionais no ano.

Ademais, movimento sociocultural e socioeconômico, podem ser vistos apregoados a esse tipo de Dança, no qual, as pessoas fizeram parte dessa história deixada aos seus filhos e netos e muito difundida e estabilizada em todo o país, em que, a cada ano os grupos estão sempre dispostos a recomeçar o trabalho de planejamento para as apresentações em junho e assim as demais atividades profissionais ou autônomas que vem acompanhando. Ou seja, um ciclo que se prolonga, provavelmente sem um fim definido, uma Dança na memória constante.

Por conseguinte, falarei em seguida da Dança Junina Paraense, conhecendo os grupos juninos para melhor compreender e entender esse elemento tão propulsor de alegria e benefícios como patrimônio cultural imaterial.

4. DANÇA DE QUADRILHA JUNINA PARAENSE: CONHECENDO OS GRUPOS DE QUADRILHAS

A Dança de Quadrilha, se encontra como uma referência nas festas do mês de junho, consideradas festas juninas com apresentações de Danças de Quadrilhas. De maneira, que conheceremos as Quadrilhas Juninas do Norte mais precisamente de Belém do Pará, onde a pesquisa foi realizada com três grupos: Quadrilha Sabor Açaí Junina, Quadrilha Coração Junino e Quadrilha Revelação da Cremação Mirim.

A Quadrilha Junina em Belém se apresenta desde muito tempo, não muito específico, pelos bairros da cidade, como forma, de brincadeiras e divertimentos, mas já visto e lembrando pelos quadrilheiros mais antigos e que hoje uns participam e outros apoiam (BURITI; MENDES, 2013, p. 50).

Para tanto, a Dança de Quadrilha Junina era vista como uma forma de lazer de sair da ociosidade, a comunidade montava seus grupos para as brincadeiras e danças e assim os incentivos dos participantes em relação a isso prosseguiram.

Os grupos de Dança de Quadrilha que aqui adentrarei, são compostos de dezesseis a vinte pares de brincantes (ou seja, em torno de 32 a 40 participantes, e o marcador) e contém um corpo de diretoria de três a seis pessoas responsáveis pela organização, e foram essas pessoas que concederam a entrevista.

4.1. Grupo de Dança de Quadrilha Sabor Açaí Junina

O grupo de Dança de Quadrilha Sabor Açaí Junina, tem em seu histórico uma trajetória de dança simples e de lazer, com os anos, passou para uma dança de competição em concursos de Quadrilhas houve mudança no nome do grupo, traje e coreografia, porém, assim como as demais Danças de Quadrilhas paraenses não deixaram de executar os passos ditos tradicionais, referência da Dança de Quadrilha dançada nos salões europeus. Atualmente, possui vinte pares de brincantes, um marcador e três pessoas na diretoria, os ensaios da dança geralmente são em torno de segunda-feira à sexta-feira das 20:00h às 22:00h, o grupo se localiza no Bairro do Barreiro em Belém.

A mudança de um certo modo ocorre naturalmente, porém, não ao ponto de destruir aquilo que se conhecia, sendo a cultura não estática e sim contínua acompanhada de transformações. A cultura, elaboração do racionalismo humano e da naturalidade que se constitui e reelaborada geracionalmente, processo do

passado, presente e futuro podendo não haver limitações que o impeça de se prolongar (BAUMAN, 2012).

Contudo, o grupo Sabor Açai Junina, começou com uma simples brincadeira e com um nome inicial, essa trajetória começou, quando o diretor do grupo junino ainda era muito jovem como ele mesmo descreve.

Eu tinha uns 12 anos, a gente tava brincando simplesmente e o que aconteceu, tava faltando menino pra dançar Quadrilha, quando o marcador chamou a gente e convidou, se a gente queria participar do movimento ai foi que por acaso a gente foi completar os meninos que faltavam, isso na década de 1980. Todos moradores da rua e ele chamou porque tinha um bloco de meninos mesmo, era uma faixa de 12 meninos, o rapaz veio do Jurunas, na verdade não havia Quadrilha aqui no bairro e como ele veio de lá e viu que tava muito quieto e não tinha movimento nenhum à noite, eles se reuniram e formaram um grupo e chamaram os adolescentes para participar, foi daí que surgiu a **Quadrilha Roceiros da Natal** e acho que uma das primeiras Quadrilhas do bairro do Telegrafo e que hoje é Barreiro. Foi até em 1988 e parou e em 1989 não teve e quando foi em 1990 surgiu uma Vai como pode montaram uma Quadrilha pra dançar no aniversário do menino na rua, foi que em 1991, nós pegamos e assumimos o grupo e colocamos o nome **Natal na Roça** e arrumamos um grupo muito forte, ela foi até em 1998 a Quadrilha Natal na Roça e em 1999 não teve. Natal na Roça, era de uma diretoria e essa diretoria era fechada, a diretoria era só mesmo componente da rua e não deixaram a gente prosseguir com o nome, quando nós pensamos em **Sabor Açai** pra continuar, pensamos primeiro que a diretoria tinha que ser aberta qualquer um poderia participar da diretoria, qualquer morador de outra rua até mesmo de outro Bairro, foi o que aconteceu, ai nós montamos a diretoria, com o diretor lá da rodovia da passagem União de outras ruas também e completamos com o pessoal da passagem Natal, aí foi que nós colocamos Sabor Açai a partir de 2000. (Josiel Monteiro, diretor da Quadrilha Sabor Açai, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

O grupo de Quadrilha já tem 16 anos com o nome Sabor Açai Junina, mas contando com o grupo inicial soma-se por volta de 36 anos, começou com uma simples forma de proporcionar um lazer para a comunidade através de uma pessoa que passou a morar lá, porque de onde ele veio como do bairro do Jurunas já se dançava Quadrilha. De modo, que não havia nenhuma atividade cultural na rua, além do que jovens praticavam como simples brincadeiras, desde então, as pessoas passaram envolver-se com a Dança de Quadrilha, e aquele menino de 12 anos é um dos diretores atualmente mais antigo do grupo.

E o grupo Sabor Açai Junina, vem se apresentando e inovando nos concursos de Quadrilhas Juninas realizadas pelo município e pelo estado do Pará. O concurso de Quadrilha acontece em Belém desde a década de 1970.

Teve início com o DETUR/SEMEC, passando a posteriori para o departamento de cultura e lazer dessa secretaria, em 1990 com a criação da FUMBEL, esta passou realizar o referido concurso, tendo como prefeito o Sr. Augusto Rezende e na Direção da FUMBEL o Sr. Heitor Pinheiro. Até a criação da FUMBEL o concurso era realizado para escolher a quadrilha junina vencedora de cada bairro (FUMBEL, 2012, s/p).

Pois, dessa forma, os grupos de Quadrilhas Juninas passaram se apresentar em lugares públicos específicos, além das ruas dos bairros, onde a segurança possivelmente é maior e atualmente no concurso em vez de escolher uma Quadrilha de cada bairro, são escolhidas as dez melhores Quadrilhas do município no concurso realizado pela Fundação Cultural de Belém (FUMBEL).

No entanto, antes de chegar a esse concurso, pelo qual, as Danças de Quadrilhas Juninas apresentam-se bem produzidas com trajes temáticos tanto rural como que proveio do palácio. O grupo Sabor Açaí Junina, fala de algo bem próprio da região, logo no início de suas primeiras apresentações colocavam patchouli nos trajes e ainda podem ser encontradas e vistas nos grupos juninos das escolas, nas ruas ou comércios.

A roupa, era uma camisa simples tipo de carimbó e uma calça branca e sapato branco e uma camisa bem simples com patchouli um aqui um ali, quem tinha mais dinheiro botava mais patchouli e quem tinha menos botava menos patchouli, aí ela veio acho que a partir de 1990, já evoluíram no traje, já vieram com shortão, com fitas já vieram com anágua de tule, antes era aquela anágua, a gente comprava um tecido igual de fralda e botava na goma engomava e botava naquele saião das meninas, que iam até lá na ponta do pé, até isso mesmo que antigamente as saias eram compridas e agora são bem praticamente bailarinas (Josiel Monteiro, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

O patchouli² era muito usado pelos grupos de Quadrilhas e até hoje ainda é visto no comércio, nos bairros e algumas pessoas ainda utilizam em seus trajes juninos quando chega o mês de junho, como exemplo: nas escolas, em festas nas ruas e até mesmo pelas pessoas que acompanham ou que vão assistir as Danças de Quadrilhas nos concursos.

Então, percebe-se algo que foi característico e que ainda é, o patchouli é utilizado pelos grupos de Quadrilhas Juninas nos concursos, não como os laços de patchouli pregados nos trajes, mas como banho de cheiro conhecido também como garrafada de cheiro, em que, estão misturadas as raízes de patchouli e essência perfumada que é jogada aos poucos nos trajes de cada brincante da Quadrilha e todos vão dançar bem perfumados, essa se tornou uma das características paraense.

²O patchouli é um tipo de planta, suas folhas são utilizadas para confeccionar chapéus e também suas raízes quando secas são utilizadas para a confecção de leques, bonecas e tipo de laços em que estes eram colocados nos trajes juninos (AMARAL, s/a) ou feito por eles.

E com o tempo, os trajes foram ganhando outros modelos, de um formato a outro, foram ganhando novos tons e materiais e isso aconteceu com a Quadrilha Sabor Açai Junina como o diretor desse grupo relata.

Começou a transformação que veio evoluindo, que agora a gente poderia usar qualquer tipo de sapato, não importava o modelo do sapato ai veio evoluindo que chegou numa hora tudo tem que ter um conjunto igual como sapato, meia, short o traje todinho passou ser avaliado no concurso, se tiver alguma coisa diferente perde ponto na avaliação de conjunto no concurso, essa foi a transformação que houve, no passado em termo que nós cometamos sobre as danças que no momento a gente poderia usar qualquer tipo de música e a qualquer tipo de dança tipo: um tango, uma mambo, uma cumbia, lambada, um afro, carimbó, dança portuguesa tudo a gente poderia usar e que era muito interessante e muito bonito também, qualquer Quadrilha nessa época a gente ficava assistindo das 07:00 da noite até as 07:00 da manhã e não dava sono de tão bonito que era uma da outra, e essa foi uma mudança que houve também, que a partir de 1990 ou até um pouquinho antes ai foi que veio a FUMBEL, se envolveu pra não fugir tanto como tava fugindo do termo Dança de Quadrilha, na verdade, o que foi que aconteceu, é que nós a maioria do grupo optaram pra formar só Quadrilha Junina, passos juninos mesmo (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açai, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Para tanto, logo que a FUMBEL passou organizar o evento junino, criou regras e editais para a participação nos concursos, de acordo com esse órgão municipal, foi para que os grupos de Quadrilhas não se distanciassem da Dança de Quadrilha e sua essência (o que seria a essência, os passos tradicionais da Dança de Quadrilha e o marcador), de modo, não apresentar outra dança que não fosse a Dança de Quadrilha, para não haver uma descaracterização.

E foi algo aceito pelos grupos, que realmente eles estavam utilizando outros modos de dança e se distanciando da Dança de Quadrilha, apesar disso criou-se outro concurso para outros tipos de dança como citou o diretor Daniel da Quadrilha Sabor Açai Junina um tango, um mambo, uma cumbia, lambada, um afro, carimbó, dança portuguesa, mas, o que prevaleceu foi a Dança de Quadrilha no mês de junho.

A organização da festa junina, tornou-se significativa para as Danças de Quadrilhas e competitivo, pelo motivo, do trabalho produzido mais de um semestre pelos grupos juninos para finalmente a chegada do dia da apresentação da dança, além dessa competitividade, eles mantêm uma relação de amizade com os outros grupos tanto por meio ou não da Associação de Quadrilha e Núcleo de Toadas do Pará (AQUANTO)³ e Federação Municipal de Quadrilha de Belém (FEMUQ)⁴.

³AQUANTO - fundada em 2003 é representante das Quadrilhas de Belém e das Quadrilhas dos municípios do Pará.

⁴FEMUQ – fundado em 2007 é representante das Quadrilhas do município de Belém.

Contudo, a Dança de Quadrilha é de importante valor para os quadrilheiros e para quem não deixa de assistir o ato. Havendo envolvimento das pessoas, seja direta ou indiretamente na comunicação, expressão e comportamento, gerando momentos construídos, vividos e passados de gerações (ROSÁRIO, 1989).

Para tanto, essa Dança, se revela penetrada nas pessoas naturalmente deixando marcas inesquecíveis como épocas de vitórias e lutas. Os grupos de Dança de Quadrilha Junina em Belém, se empenham também para serem reconhecidos como um dos melhores nos concursos e a maioria dos grupos almejam isso, foi o que aconteceu com a Quadrilha Sabor Açáí Junina.

O ano de 2013, foi um ano inesquecível, teve outros anos que foram muito legais, mais 2013 foi o ano mais marcante, que foi o ano que praticamente a Quadrilha não ia sair, aí quando foi praticamente uns 15 dias antes da quadra junina começar né, foi que apareceu brincantes amigos nossos pra não deixar a Quadrilha morrer, abraçaram a causa, porque não tinha brincante na realidade e não tínhamos dinheiro, porque ficou naquele negócio, como nós ia fazer promoção pra levar a Quadrilha se não tinha brincante, então nós ficamos empurrando desde janeiro, fevereiro, março, Abril e nada, quando chegou em Maio, 15 dias antes resolvemos que a Quadrilha não ia sair e foi justamente o dia que decidimos que a Quadrilha não ia sair apareceu uma galera pra ensaiar e foram meninas que apareceram e nem sabiam dançar Quadrilha nunca tinham dançado, mas abraçaram a causa e se empenharam tão bem pra dançar, que foi legal nasceu uma amizade tudinho o pessoal gostaram e que foi o ano da nossa primeira conquista na FUMBEL, nossa classificação foi inédita, foi o ano mais marcante da Quadrilha, claro que depois teve o outro ano que foi melhor ainda, mas esse ficou gravado. Foi por amor a Quadrilha na verdade, o verdadeiro amor pela Quadrilha Junina, porque ali só estava mesmo quem gostava de dançar, não porque quero dançar pra ganhar, foi por amor mesmo, não foi com o intuito de ganhar, foi pra fazer bonito e se apresentar, foi por amor mesmo (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açáí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).



Figura 1: Quadrilha Sabor Açáí Junina, concurso FUMBEL.

Fonte: Diretoria da Quadrilha Sabor Açáí Junina, 2013.



Figura 2: Quadrilha Sabor Açáí Junina, concurso FUMBEL.

Fonte: Diretoria da Quadrilha Sabor Açáí Junina, 2014.

As figuras acima mostram os anos que mais marcaram para o grupo, apesar das dificuldades, mas conseguiram chegar à uma classificação tão sonhada no concurso. De modo, que o grupo de Dança de Quadrilha conseguiu prosseguir à frente e com a ajuda de pessoas que chegaram e encararam como desafio, apesar de nunca terem dançado Quadrilha, mas se empenharam junto com o grupo e conseguiram atingir a tão sonhada classificação, isso, vários grupos almejam, mas como foi falado pelo Daniel diretor da Quadrilha Sabor Açaí Junina foi por amor, no momento que eles pensavam em desistir conseguiram superar com a classificação que obtiveram.

Todavia, sendo a Dança de Quadrilha Junina paraense uma manifestação cultural popular na Amazônia, que possui significados pelos seus moradores, principalmente, pelos atores juninos que tem nessa dança amor e seriedade compartilhando com quem assiste e pratica. De modo, que a cultura é algo que tem em si vários significados interagindo e adaptando a algo novo.

E assim, a Dança de Quadrilha Junina se encontra em grande atividade se adaptando, buscando valorizar algo local e inovando. “Entendemos que inovações não descaracterizam. A descaracterização acontece quando se perde o motivo, o mote, o tema da manifestação” (ALMEIDA, 2001, p. 22). Antigamente, a Dança de Quadrilha era tida como lazer, hoje, vai muito além disso, ela precisa de uma organização e produção para o dia da apresentação.

Há um planejamento, entre a diretoria do grupo de Dança de Quadrilha que se inicia no mês de setembro ou novembro em relação ao traje, coreografia, costureira, orçamento, verificação do número de brincantes, realização de reuniões, eventos (para angariar verba), divisões de tarefas para o corpo da diretoria e para os brincantes que acabam participando na finalização dos trajes, como colagens de adereços, confecção de chapéus e arranjos. E assim a Sabor Açaí Junina segue se organizando “*tem muito trabalho mesmo, a gente se prepara muito em termo de ensaio, enquanto um toma conta do ensaio o outro vai para as reuniões que tem da associação*” (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

E com isso, há contratação de profissionais para esse meio junino, principalmente costureiras as quais confeccionam os trajes.

Contratamos a costureira, não são todas que sabem costurar roupa de Quadrilha, tem duas só, duas costureiras uma não costura mais por falta de tempo e a outra praticamente só trabalha com costura e a nossa costureira atual agora é uma ótima costureira mesmo, agora tem outra costureira

somente pra anágua (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açáí, entrevista concedida em 07 de Dez. 2015).

A costureira, é uma das mãos de obra mais cobiçada no meio junino, a procura por ela é muito grande, mas, são poucas que sabem costurar traje junino para um grupo de dezesseis a vinte pares ou mais, as que sabem acabam contratando outras para ajudarem na confecção.

Entretanto, para a organização do grupo e para contratação de mão de obra, exige um grande recurso capaz de cobrir todas as despesas, o orçamento geral da Sabor Açáí Junina gira em torno de R\$ 14.000,00 (contando com todo o material necessário e mais a costura, no qual, o primeiro casal custa mais caro R\$ 711,00 e os demais casais em torno de R\$ 200,00, em geral são vinte casais). Dessa maneira, o grupo realiza bingos, churrasco, evento em alguma data comemorativa e passeios para angariarem fundos para sustentar o grupo de dança, e em alguns casos nem sempre conseguem o valor estimado, então, recebem um recurso denominado auxílio montagem pela FUMBEL, como no caso da Quadrilha Sabor Açáí Junina.

Eles dão como recurso montagem para a confecção do traje e só repassam depois da apresentação do grupo, e se torna muito ruim porque é grupo, eles poderiam repassar essa ajuda de custo mínimo antes, não dá pra montar 5 casais com a ajuda que eles dão, e demoram muito pra repassar e pra termo de ajuda financeira do estado é muito fraco (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açáí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

É uma das pautas, que é colocada pelos quadrilheiros e que precisa ser revista pelo órgão municipal, porque, a Dança de Quadrilha muito significa para os quadrilheiros, que se sentem pertencentes a essa ação cultural e que precisam de ajuda, quando não conseguem o recurso estimado passam a buscar no órgão uma alternativa.

Outro fato desse grupo, eles não chegam se apresentar em outros municípios paraenses, pelo motivo de não terem o suficiente para custearem o ônibus para o deslocamento.

O ônibus é em torno de R\$ 1.500,00; 1.800,00; 2000,00 dependendo do local, e ai chegar lá o grupo tem que tá preparado mesmo pra sair pra ganhar, se não tiver não adianta ir, então, no nosso caso, preparado praticamente a gente tá, a gente não tem é condições financeiras de bancar ônibus, a maioria dos brincantes não trabalham e somos nós mesmos praticamente da diretoria que ajudamos com maior parte dos valores do traje, praticamente com o nosso dinheiro e pra dizer que a gente não sai pro outro município, a gente já foi em Ananindeua o mais próximo agora, mais barato o ônibus é o único que a gente sai (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açáí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Os grupos juninos, atualmente presenciam apenas dois concursos oficiais em Belém, como eles se organizam a mais de um semestre para o dia da apresentação e gastam bastante, eles não querem se apresentar em apenas dois concursos, então, eles se deslocam para outros municípios do Pará onde também há concursos, mas no caso de alguns grupos como a Sabor Açaí Junina não tem o suficiente para bancar um ônibus.

O incentivo financeiro pela gestão pública municipal, se encontra pouco para uma grande quantidade de Quadrilhas em Belém do Pará.

A gente não tem incentivo nenhum a não ser a FUMBEL, agora com uma ajuda mínima de apoio de auxílio montagem que é o apoio que eles dão, mas isso a gente dança em junho e vai receber lá em Agosto, Setembro conforme acho que vai caindo dinheiro lá, eles vão passando, CENTUR as Quadrilhas até brigam pra que haja o concurso do CENTUR que é do estado e se os quadrilheiros não se reunirem pra brigar, pra que esse concurso aconteça ele não acontece, que o governo do estado diz que não tem dinheiro pra investir num local de apresentação (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Incentivo a gente não tem do setor político né, na verdade eles não tão nem aí pra gente, eles querem saber que no dia a gente esteja pronto e vá lá se apresente e o nome deles apareçam, é isso, teve um ano aí que aconteceu com a gente, apareceu uma candidata a deputada estadual e reuniu com a gente chamou todo o grupo e disse que ia dar todo o material pra gente, ia ajudar em termo de material da Quadrilha o que aconteceu nós não fizemos nenhuma promoção porque tudo que a gente ia fazer os brincantes diziam que o candidato ia dar pra gente, eles ficaram confiante no candidato, o que aconteceu, a gente esperou tanto que no dia 15 de maio ele mandou o representante lá e disse que não ia dar nada pra nós, foi o que aconteceu, nós reunimos todo mundo de novo, se vocês querem dançar se querem ir pra rua, eles disseram não a gente vai de qualquer jeito pra rua, vamos correr atrás vamos ver o que a gente faz, fizemos um desenho muito simples do traje devido essa questão da promessa do candidato, tivemos essa proposta que iam nos ajudar e quando chegou na hora não ajudaram em 2002 a gente fez uma roupa pra gente não deixar de sair, simples de carimbo praticamente os meninos levavam a roupa dentro do bolsa da calça, apesar de ser uma roupa simples, atrasou quando chegou no dia da nossa apresentação a gente correu e fomos desclassificados na FUMBEL e na hora chegou uma brincante nossa e ficou gritando na rampa na hora que eles estavam chamando e a Quadrilha veio correndo no meio do público e todo mundo abrindo pra Quadrilha entrar e quando eles fizeram a 3º chamada a Quadrilha chegou no horário de concentração no palco de concentração e eles desclassificaram assim mesmo, eu sei que as outras Quadrilhas se reuniram e foram lá e a coordenação da FUMBEL voltou atrás, e aí a gente entrou o que aconteceu aí primeira nota 10 da Quadrilha, justamente nesse traje muito simples mesmo o traje bem caipira lááá, 1º nota 10 da Quadrilha na competição em termo da FUMBEL, eles são muito rígidos mesmo, desde daí nós nunca mais confiamos em nenhum candidato seja ele lá quem for, que não se confia (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Pois, esse é um fato crítico, de ter um pouco de incentivo financeiro pelo órgão público, e falsas promessas de candidatos que veem uma oportunidade de ganhar

voto, mas que no final as promessas são quebradas e não há ajuda tão estimada pelo grupo e nem de outra organização particular ou pública. Entretanto, apesar desses fatos o grupo não deixará de existir, continua as suas festas e apresentações pensam em alternativas para produzir fundos para a organização do grupo, como o Daniel diretor da Sabor Açaí falou estamos por amor, algo que eles não têm como mensurar ou caracterizar se sentem pertencentes a isso.

Todavia, os grupos de Dança de Quadrilha Junina se reúnem com a AQUANTO e FEMUQ, discutem o que deve ser melhorado para os grupos, qual o melhor projeto e articulação para darem entrada com pedido na prefeitura e no governo do estado, para pelo menos, cederem algo para os grupos como ajuda material ou financeira, *“Deve melhorar o incentivo e o pensamento deles né, que se a gente for analisar a Dança de Quadrilha junina, ela é uma cultura popular em que eu acho que é um dos eventos mais festejado em todo o Brasil”* (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Entretanto, durante a pesquisa de campo a Dança de Quadrilha revelou-se uma atividade contribuinte para o mercado local, através das compras para sua produção até ao dia do evento, também como atração local que a partir do diferencial do lugar, poderá aguçar o interesse do indivíduo em conhecer as diferenças (PÉREZ, 2008). Isso dependerá da gestão do turismo para o planejamento como possível atração local, detendo da contribuição do órgão público e comunidade e o próprio grupo de Dança de Quadrilha atenta para isso.

Eu acho, que através do incentivo do governo do estado e do município em termo de divulgação, pro pessoal ai fora, o que acontece, a gente tem grande chance de ser uma atração em Belém sim, de quando chegar em junho o pessoal dizerem vamos lá em Belém do Pará, que lá tem o mês de junho e é a coisa mais bonita que tem daqui do Brasil, são muitos grupos um melhor do que o outro, assim como já veio muitos turistas que vem daí de fora, que quando já chegaram pra gente e perguntaram se a gente tinha incentivo do estado, do município, a gente dizia que não, vocês são muito bonito o grupo de vocês é muito bacana é em geral o São João de vocês é muito bonito e sem incentivo de nada? Até a Belemtur não divulga, secretaria de turismo não divulga se eles divulgassem teria um acompanhamento maior de turista no mês de junho, mas seria muito mais visado no mês de junho aqui, aí já ficava até pro mês de julho nas férias (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Percebe-se, o contato que eles já tiveram com turistas e os mesmos se encantaram com a Dança de Quadrilha e o evento junino. Uma dança, que poderá adentrar a esse meio do turismo cultural se planejada de forma equilibrada. O turismo cultural “não busca somente lazer repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela

motivação do turista em conhecer regiões onde seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais” Moletta (1998, p. 09-10) apud Batista (2005, p. 30). Assim se caracteriza o turismo cultural indo além do lazer, mas abrangendo outras formas que pode ser praticado.

No entanto, a cultura se encontra como expressão própria do lugar e incomum, o indivíduo, não se deteve em reelaborar ou recriar aquilo que era observado no espaço como a Dança de Quadrilha, devido a partir de suas assimilações, configuraram a dança de ritmo lento e gracioso para um mais alegre compartilhando-o e tornando seu também (CASCUDO, 2002).

Todavia, o evento junino, no qual as Danças de Quadrilhas se apresentam tornou-se parte importante nos lugares que se concentra, por apresentar além do significado de valor outras formas de contribuição, de acordo com Neto (2005, p. 65).

Eventos são agentes promotores da cultura local, regional e nacional. [...] Pela multiplicidade das funções que exercem no âmbito da promoção, produção e indústria cultural, os eventos podem ser considerados “bens culturais”. E sendo assim, partes integrantes do nosso patrimônio cultural.

Pois, o evento se tornou algo importante por abraçar vários elementos, no caso do evento junino além das Danças de Quadrilhas tem as comidas típicas, outras apresentações culturais locais, vendas de artesanatos, show cultural e parque. Várias opções em um evento, mas, o grande esperado é a Dança de Quadrilha Junina.

Contudo, a relevância da Dança de Quadrilha Junina abrange lazer, benefícios a comunidade e mercado, mas, tem algo também importante a se explanar, o grupo junino propõe em trabalhar com jovens e crianças sendo de risco ou não.

A gente mantém sempre os nossos jovens, no caso, em atividades, tira eles da ociosidade, da rua que não tá fazendo nada, então a Quadrilha Junina trabalha e ajuda muito isso, fazendo um trabalho social essa é a importância da Quadrilha, nós trabalhamos com os meninos de 13 anos pra cima [...] as vezes tem um menino e uma menina que não quer estudar, e praticamente pra eles dançarem eles são obrigados a se esforçar no estudo pra poder participar com a gente, quer dizer que a gente ajuda eles até em termo de educação [...] Um objetivo é esse, de incentivar nos estudos, até no relacionamento em casa com a mãe e com o pai e as vezes não tem, mas quando estão participando do grupo ai já começa a ter uma atenção melhor já começa ouvir melhor o pai e a mãe devido ele querer dançar na Quadrilha, um outro as mães também deixam na maioria das vezes, porque é melhor ele tá lá se apresentando ensaiando com a Quadrilha do que tá à toa por ai (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açai, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Hoje em dia, com a criminalidade que tá por ai no nosso bairro principalmente nas periferias, onde estão as Quadrilhas Juninas, os adolescentes estão se perdendo muito novos no crime, negócio de droga né, e o que que nós praticamente temos que fazer é praticamente criar, tipo assim, uma Quadrilha Mirim com aquela criança que cresce com aquele gosto por dançar, desde

criança, não tá se metendo em más companhias (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açai, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Questão importante, desenvolvida pelo grupo junino que mantém essa preocupação e se dispõe em ajudar esses jovens, que passam aprender essa modalidade de dança, os passos tradicionais em meio a coreografia atual e passam também ter disciplina. Então é verificado, que além dessa ação social estão sendo passados valores e amor pela Dança de Quadrilha que alimenta e realimenta a cada nova geração, este dá prosseguimento pelo que aprendeu guardados na memória. Assim, como foi relatado pelo Josiel diretor da Quadrilha Sabor Açai Junina, ele foi um adolescente de 12 anos que se encontrava na rua brincando, quando foi convidado por um diretor de Quadrilha a participar da dança e até hoje ele participa, como ele é um dos diretores, então, todo o ensinamento e valores que ele obteve da Dança de Quadrilha até hoje ele passa para os demais.

A Dança de Quadrilha se alarga para vários atos de colaboração que se prolonga do que aprendeu levados na memória, assim como a dança em meio as festas,

Essas festas, que ainda restam de modo fragmentário, apesar de intenso, na memória de diversos moradores mais antigos, são relatadas com nostalgia, sobretudo por aqueles que descendem de antigos proprietários rurais da região e que, empobrecidos, aí continuam residindo (ARANTES, 2006, p. 62).

Pois, o convívio entre os indivíduos provoca, de certo modo, fortalecimento do que possuem, a partir da memória coletiva, o que foi marcante em um dado período sendo com detalhes ou não, buscamos as fontes quase sempre nas pessoas velhas (BOSI, 1994). Se tornando relevante, além de registros em documentos podemos nos valer dos registros da memória.

“A memória é um elemento essencial da identidade e contribui para a formação da cidadania” (BATISTA, 2005, p. 30). Dessa forma, a Dança de Quadrilha é uma ação cultural, no qual, as pessoas envolvidas se identificam e ensinam outros jovens através do que sabem registrados em sua memória, de forma positiva, porque receberam e aceitaram fazendo dela parte cultural, ou seja, um ciclo em constante que poderá acarretar mais benefícios.

Todavia, a apresentação da Dança de Quadrilha é algo muito importante para o grupo junino como foi relatado pelo diretor da Quadrilha Sabor Açai Junina.

É a concretização de um trabalho, um sonho a gente tá meses ensaiando pra ver aquele sonho, quando chega na hora pra apresentar e passa aquilo na nossa cabeça, já passamos 6 meses ensaiando e já estamos aqui prontos pra se apresentar, é uma coisa única por mais que eu esteja velhinho bem

velhinho dançando Quadrilha, mas se eu chegar em qualquer concurso de Quadrilha bate aquela emoção, como se fosse a primeira vez pra dançar Quadrilha é amor pela Dança de Quadrilha. (Daniel Siqueira, diretor da Quadrilha Sabor Açai, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).



Figura 3: Quadrilha Sabor Açai Junina, concurso Pai Reginaldo do Bairro do Jurunas.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Sabor Açai Junina, 2006.



Figura 4: Quadrilha Sabor Açai Junina, concurso CENTUR.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Sabor Açai Junina, 2007.

O trabalho que eles possuem para a organização do grupo de Dança de Quadrilha, é algo que eles fazem constantemente e o resultado é a apresentação que eles realizam como um fruto de amor e dedicação, considerados por eles um momento importante. A figura 3, diz respeito ao troféu tão cobiçado que ganharam no concurso de Quadrilha do Pai Reginaldo no bairro do Jurunas e a figura 4 é mais uma realização de um trabalho suado, em que conseguiram apresentar no CENTUR.

Para tanto, a Dança de Quadrilha Junina pode ser considerada patrimônio histórico cultural imaterial representado, comemorado, contemplado que perpetua nas gerações ao longo de suas execuções nas festas. “Toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência” (MOURA, 2005, p. 38). A festa junina assim como seus elementos, passa por alterações inovando o que foi passado por seus pais, avós e comunidade.

Contudo, o patrimônio histórico e cultural pode fazer parte em grande proporção de eventos sociais e culturais, realizado por agentes culturais como as festas juninas que necessitam de grande produção. Eventos para Neto (2005, p. 53),

São atividades de entretenimento, com grande valor social, cultural e, sobretudo histórico. [...]. Tal a sua importância no contexto social, cultural, econômico e político da cidade e região e, em alguns casos até mesmo do

país, podemos denominá-los de agentes do patrimônio histórico-cultural [...] os eventos representam a memória viva da cidade.

No Brasil, há festas culturais de grande e pequeno porte, que necessitam de boa organização como o carnaval, Dança de Quadrilha Junina e entre outros. Pelo qual, isso pode ser identificado como herança cultural, mas, nem sempre permanece literalmente em sua forma original. Consideradas também como patrimônio cultural, adquirido e construído pelos antepassados, as inovações fazem parte do novo indivíduo considerando um bem cultural (BAUMAN, 2012).

A Quadrilha Sabor Açaí Junina, aponta a Dança de Quadrilha como patrimônio cultural pela importância apresentada.

Porque ela é dançada praticamente o Pará todo e todos os estados até o mais distante que a gente tem de Belém, tem Quadrilha [...] mas patrimônio cultural mesmo a gente considera, porque o Pará todo dança se a gente for ver praticamente, se a gente for analisar o Brasil todo tem Quadrilha Junina e com estilo diferente da outra sendo que o maior número de Quadrilha é de Belém é do estado do Pará, em Belém nesse ano foram 66 Quadrilhas adultas e teve algumas que não saíram por falta de condições financeiras mesmo, só de Belém aí quando colocar do estado aí lá vai e onde era pra ser o maior São João, vamos dizer do Brasil, seria no Pará se tivesse investimento, Fortaleza tem, Piauí tem e dizem que o Maior São João do mundo é lá pra Campina Grande, é nosso né, o Brasil todo dança praticamente e alguém já dançou (Josiel Mendes, diretor da Quadrilha Sabor Açaí, entrevista concedida em 07 de dez. 2015).

Por conseguinte, podemos observar, que eles já têm para si como patrimônio cultural a Dança de Quadrilha, algo que foi escolhido naturalmente pela comunidade que percorreu uma longa trajetória. “Esse patrimônio cultural [...] não-material, o que não é visível como ideias, comportamentos, sistema simbólico e religioso, é reproduzido e preservado através da memória” (RODRIGUES, 2012, p. 05). A memória, está muito perto do que pode identificar como patrimônio, ou seja, a comunidade escolhe aquilo que considera importante e que vem sendo guardado em suas memórias, identificando como seu patrimônio, assim também os demais grupos de Dança de Quadrilha Junina se encontram, como a Quadrilha Coração Junino que valoriza muito essa dança.

4.2. Grupo de Dança de Quadrilha Coração Junino

O grupo de Dança de Quadrilha Coração Junino, passou também por transformações, se localiza no município de Abaetetuba no bairro São José há duas horas de Belém. A maior parte dessa transformação, adveio de algumas pessoas de

Belém como coreógrafos que já tinham experiência em Dança de Quadrilha, se deslocaram para lá a convite dos próprios coordenadores de grupos juninos abaetetubenses. O grupo junino, possui vinte pares de brincantes, um marcador e uma diretoria de até seis pessoas, os ensaios de dança geralmente são de segunda-feira à sexta-feira das 20:00h às 22:00h.

Pois, que por livre arbítrio, quiseram adentrar as transformações reproduzindo o que sabem fazer com coreografias mais elaboradas.

Aquilo que se reproduz [...] como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupo sociais. Enquanto resiste em desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria (BRANDÃO, 1982, p. 38).

E assim, não somente o grupo Coração Junino, mas, como outros grupos também de Dança de Quadrilha reproduzem aquilo que aprenderam com a família ou em comunidade. Uma dança que conquistou e conquista as pessoas, como aconteceu com os brincantes do grupo Coração Junino, assim relata Miguel Caripuna diretor da Quadrilha.

A Quadrilha nasceu em 1996, ela surgiu assim primeiro nós tínhamos na rua, no caso, Aristides, muitos jovens que gostavam de dançar Quadrilha, então todo São João o pessoal formavam uma Quadrilha, mas, mais para dançarem na rua e tal fazer uma brincadeirazinha e aí com o tempo surgiu uma Quadrilha no nosso Bairro chamada Raízes de Abaeté uma Quadrilha tradicional, mas não era na nossa rua, era em outra rua e aí o pessoal da Quadrilha convidaram, sabiam que o pessoal da nossa rua gostavam de dançar e convidaram o pessoal pra ir dançar no Raízes de Abaeté fica no mesmo bairro, mas só que em outra rua, a Raízes de Abaeté nasceu em 1992 para 1993 mais ou menos nesse período, assim que ela nasce e aí o pessoal começou dançar, dançou alguns anos, quando foi no ano de 1995 a Raízes de Abaeté ganhou o título aqui em Abaetetuba e começou a ter concursos de Quadrilha e ela foi a campeã e aí o que aconteceu, essa é uma das histórias que a gente tem sobre o surgimento da nossa Quadrilha, então durante a confraternização lá tal, é o pessoal do nosso grupo que era da nossa rua né, eles acabaram tendo um atrito entre o pessoal da coordenação do raízes e o pessoal da rua, porque uma das misses que tinha ganho era nossa e aí o pessoal queriam ver o troféu e tal, e não deixaram ver o troféu e acabou surgindo uma confusão e aí com base nisso né, o pessoal da rua disse, ah! vamos fazer uma Quadrilha para nós na nossa rua, então, começaram com a ideia de fazer a Quadrilha e o pessoal do raízes lá disseram vocês não vão conseguir fazer uma Quadrilha precisa ter coordenação, estrutura e tudo mais, a gente disse não, vamos aceitar o desafio e vamos fazer uma nossa pra gente então, a partir dessa cisão que houve e toda essa confusão que houve, surgiu a ideia de fazer outra Quadrilha agora com o pessoal específico da nossa rua, o pessoal não iam mais dançar na outra isso foi em 1995, então 1996 o pessoal já começou a convidar o pessoal da rua quem quisesse dançar, então foi interessante porque quem não sabia dançar e quem já dançava começou a ensinar, então tinha, tem um campo o pessoal levavam o pessoal para lá começavam ensinar como a dançar pra montar a Quadrilha da rua de casa e aí eles começaram a convidar né, o pessoal que moravam na rua, principalmente o pessoal que pudesse estar mais à frente, nesse

tempo aí, eles convidaram um dos que contribuíram, até hoje dá uma contribuição, não tá tanto a frente hoje é o Inésio Rodrigues foi um dos primeiros coordenadores, então aí você tem nesse grupo aí pessoas Beto que é um artesão de brinquedo de miriti, o Beto foi um dos que impulsionou, ele, a Nelma que é irmã dele e Jesus que é o irmão dele colaborou bastante aí nós temos também o Lêlêca que foi um dos brincantes, Maria José, ou seja vários que moravam na rua de casa, então eles começaram a montar e com o tempo foram montando o grupo, em 1996 e aí o Inésio, o primeiro coordenador sugeriu o nome Coração Junino, porque ele disse que quando ele era criança ele pensou numa Quadrilha com esse nome, aí então ficou esse nome Coração Junino a partir da sugestão dele né, então em 1996 foi o primeiro ano que a Quadrilha se apresentou (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Contudo, antes de eles serem convidados ou montarem seu próprio grupo a Dança de Quadrilha já existia nos bairros como forma de lazer e divertimento, eles já gostavam de dançar e passaram a reelaborar aquilo que consideraram seu. A naturalidade do gostar, sentir e presenciar essa dança é tão presente em seus atores que torna eles únicos, instrumento principal da quadra junina.

E os concursos de Danças de Quadrilhas em Abaetetuba, iniciou por volta de 1992 na fundação cultural, até hoje com o nome arraial junino, realizado no ginásio Hildo Carvalho (Pesquisa de campo, 2015).

Ademais, as pessoas do grupo junino são bem criativas em relação as suas colaborações em decorrente das transformações que houveram.

As transformações foram assim, começou com esse estilo de Quadrilha é tradicional mesmo, mas já com um pouco de Balé e aí com a entrada do Felix (coreógrafo de Belém) aperfeiçoou um pouco mais a coreografia, uma coreografia mais com um visual e depois com o passar do tempo a Quadrilha foi ganhando, foi incorporando a uma visão mais de luxo que a gente pode dizer assim com adereços com trajes mais elaborados, aí nesse período tivemos um estilista Américo Santos o pessoal chamavam de Chiquinho e já é falecido, que também trabalhava no grupo de dança trouxe muito do grupo de dança para a Quadrilha e a Dança de Quadrilha começou a ganhar um destaque pelos trajes bem elaborados que tinha né, aí o que aconteceu, a gente então com o tempo foi aperfeiçoando a coreografia, aperfeiçoando a questão do traje e já de uns tempo pra cá a gente resolveu voltar a um estilo mais tradicional, em relação ao traje e a própria Quadrilha em si né já com trabalho do Enivan o atual coreógrafo do grupo também estilista, então tem esse período que a gente começa tradicional e depois entra nessa parte do tradicional com o Balé, depois no tradicional mais elaborado estilo grupo de dança e depois ela volta com o tradicional, continua com estilo de balé mas o tradicional mais voltando a raiz digamos assim, temático, todo ano temos um tema, na década de 1990, nos dois primeiros anos era o pessoal de Abaeté que desenhava fazia e tal a partir dessa entrada do Felix a gente começou a pedir o apoio de Belém dos estilistas de Belém, hoje quem desenha é o coreógrafo e mora aqui, ele aprendeu na prática na participação da Quadrilha, o pessoal daqui é muito autodidata nesse sentido, eles acabam por exemplo assim se fores conversar com os coreógrafos e tal, eles aprenderam na experiência, por exemplo o Enivan faz hoje um curso de dança, mas isso foi depois de ele já ter começado o trabalho, então eles vão aprendendo mesmo com a experiência, teve uma época que um coreógrafo nosso o Lêlêca que foi um brincante e como brincante ele aprendeu a coreografia e ele começou

a desenvolver, mas o pessoal geralmente não faz curso é mesmo com a experiência deles é algo mesmo que eles vão visualizando e desenvolvendo, aqui o que acontece, o pessoal com a experiência que eles vão tendo eles vão desenvolvendo o trabalho deles, a parte da Quadrilha, desenho é assim aqui tu tens o pessoal do desenho, o pessoal que monta a coreografia mas é tudo como te falei autodidata (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Acho que aqui o grupo, durante esses anos todos o maior legado que deixou foi essa situação, as pessoas mesmos próprias se aperfeiçoarem por elas mesmas como autodidata, como ele tá falando aí esses anos todos, aí acho a melhor coisa ter acontecido foi isso, a gente começou lá embaixo e hoje não precisa mais buscar ninguém de fora, não precisa ter ideia de fora nós mesmos fazemos nossa ideia (Francisco Cardoso, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Percebe-se, um grupo que no convívio aperfeiçoou pessoas para sua obra, que a partir dos anos o relacionamento com a Dança de Quadrilha transcende criatividade por parte dos participantes, que a partir de suas observações no decorrer de sua participação aprenderam a desenvolver trabalhos dentro do grupo de grande importância e colaboração. Iniciativas que se condensam ao cultural, de modo, não valer apenas individualmente e sim em grupo, que se soma à atividade cultural.

A cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas (SANTOS, 2006, p. 50).

A cultura de fato, concentra esse dinamismo de prosseguir e de transformar. No qual, a Dança de Quadrilha de hoje não é a mesma de ontem, mas, não deixa de fazer referências aos ditos passos tradicionais que compõem a dança em suas apresentações. A referência cultural, é a base e a informação de como proveio determinada ação cultural colaborando para o entendimento do grupo (FONSECA, 2012).

Dança de origem estrangeira, que chegou no Brasil e se alastrou por todo o país e vem percorrendo um caminho de inovações pela grande parte da população brasileira participante e atuante da dança somando-se a diversidade cultural, que o país apresenta. Para Rosário (1989, p. 11).

A Cultura Brasileira é a soma das criações populares, das técnicas inventadas, das concepções criadas, das maneiras comuns de viver e de conviver de toda a população vivendo no país [...] suas manifestações religiosas e filosóficas, seus cultos populares e oficiais, seus falares diversos e característicos.

E a Dança de Quadrilha Junina, é uma das manifestações que se concretiza anualmente, que tem a significância pelas pessoas que atuam diretamente e a mesma

se responsabiliza em dar continuidade a algo que se tornou parte de sua história. Que passa a ter marcos bons ou ruins, mas, não deixam de continuar reproduzindo.

No entanto, o grupo Coração Junino tem algo marcante que se tornou familiar de longa amizade entre os brincantes, coreógrafos e diretores.

Nosso grupo o nome dele é família coração, porque a gente tem desde o começo de 1996, amigos brincantes já pessoas casadas tem filhos, as vezes foram para uma outra Quadrilha voltaram para nossa Quadrilha, tenho brincante que me chama de mãe que vem aqui pra casa pedir conselho, que vem chorar vem contar seus problemas o que acontece na sua casa, então a gente aqui é uma família (Edinete Cardoso, diretora da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Acho interessante, esse clima que fica de família de agregar as pessoas que as vezes por exemplo, quando inicia tu não conhece as pessoas ao longo dos ensaios das apresentações e com os anos tu vai criando um laço de amizade, entendeu, e isso vai marcando vai ficando isso é uma questão bem interessante que acaba ficando como uma herança pra gente que a gente leva pra vida (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

A amizade e a identificação com o grupo são tão grandes, que passa ter uma relação familiar, onde as pessoas se veem como indivíduo participante daquela história que se renova culturalmente. “A identidade manifesta-se na pertença a determinados grupos (religiosos, políticos) ou a papéis (ser mãe, ser professor). As pessoas passam a perceber que a identidade é uma construção social” (BARRETTO, 2000, p. 45). Assim, o pertencimento a Dança de Quadrilha ocorre naturalmente pelos que participam e de quem passa a participar, e a memória é um dos fatores comumente a isso, a partir dela será lembrando aquilo que aprendeu e reelaborado no presente contínuo porque está sempre em construção (NORA, 1993).

“A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar” (BOSI, 1994, p. 68). O grupo de Dança de Quadrilha, traz em sua memória a perspectiva da conservação, porque o mesmo transmite aos seus descendentes e estes são capazes de reviver e inovar em grupo.

Hoje, podemos observar o quanto os grupos de Dança de Quadrilha mudaram, ocorrendo benefícios, como ocorre com o grupo Coração Junino que conquistou títulos.

Antigamente não tínhamos perspectiva nenhuma de sair daqui, hoje não, hoje a gente é um dos nomes mais conhecidos entre os jurados, a gente vem participando do concurso em Belém no CENTUR que é do estado, ganhamos entre os 3 melhores então isso aí é o top, acho que hoje nós estamos lá no

top mesmo do que poderia conseguir chegar, nem imaginava onde ia chegar antigamente (Francisco Cardoso, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).



Figura 5: Damas, Quadrilha Coração Junino.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Coração Junino, 2003.



Figura 6: Cavalheiros, Quadrilha Coração Junino.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Coração Junino, 2003.



Figura 7: Quadrilha Coração Junino, concurso CENTUR.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Coração Junino, 2015.



Figura 8: Quadrilha Coração Junino, concurso no Ginásio Hildo Carvalho.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Coração Junino, 2015.

As figuras acima demonstram o que o Francisco, diretor da Quadrilha Coração Junino, quer retratar em sua fala, apesar de todo o trabalho e organização com o grupo, finalmente ele pode ver com grande alegria o trabalho sendo apresentado, e devido ao desempenho da diretoria e do grupo, eles podem contemplar os títulos conquistados.

Para tanto, pra se chegar ao top como é colocado por Francisco diretor da Quadrilha Coração Junino, é preciso de um bom planejamento e organização, é o que eles possuem, assim como o Grupo de Dança de Quadrilha Sabor Açaí Junina, eles também dividem tarefas entre a diretoria para que o trabalho possa ter um bom

desempenho e assim também como os brincantes participam ajudando na finalização do traje como colagens de adereços, confecções de chapéus e arranjos, então, todo mundo colaborando o trabalho é mais gratificante. *“A gente tem muito dialogo muito consenso, não tem essa ideia de um querer sobrepor o outro, tem conversa a gente pensa junto né, isso também é uma coisa que contribui bastante pro grupo”* (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

A realidade dos grupos de Dança de Quadrilha, em alguns pontos se parecem pelos esforços, superação e organização. Para a Quadrilha Coração Junino, a dificuldade maior é a questão financeira, *“as vezes a gente tem dificuldade de custear, porque a subvenção custeia 40% das nossas despesas então tem que correr por fora”* (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015). Por isso realizam eventos, bingos, vendem o traje de um ano para o outro para arrecadar verba necessária para manter o grupo anualmente. O orçamento é em torno de R\$ 15.000 (quinze mil) para montar o grupo, a costureira cobra a mais para fazer o traje do primeiro par da Dança de Quadrilha.

O primeiro par que foi o casal né, a gente gastou em torno de R\$ 391,00 só o material e a costureira foi R\$ 300,00, quer dizer que saiu em torno de R\$ 691,00 [...] aí depois o restante ela cobra, esse ano de 2015 ela cobrou R\$ 80,00 da mulher e R\$ 70,00 do homem, mas o primeiro par sempre é mais caro (Edinete Cardoso, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

No entanto, eles se empenham ao máximo para colocar o grupo para dançar, a partir de janeiro começam os ensaios para que no mês de junho se apresentem, não somente no município de Abaetetuba, mas em Belém, Bujaru, Acará, Moju, Tailândia, Barcarena e Ananindeua.

Todavia, outro aspecto importante como a Quadrilha Sabor Açaí apresentou, o grupo Coração Junino também trabalha muito com os adolescentes e mantém um relacionamento com a família destes, como descreve a diretoria do grupo Coração Junino.

A gente gosta sempre, que a família conheça bem onde eles estão, o que estão fazendo o horário do ensaio, quando vai viajar, pra ter responsabilidades para não ter nenhum tipo de problema de alguém sumir ou alguma coisa assim, então isso é uma coisa que a gente gosta, a família sabe onde eles estão, o que estão fazendo, onde é o ensaio entendeu, isso também cria um laço de confiança com a família, por exemplo, nós não aceitamos brincante que vai dançar e ah!, minha mãe não sabe, não, tua mãe tem que saber, teu pai tem que saber, porque se acontecer alguma coisa contigo depois vai sobrar pra nós, então tem que saber, até mesmo pra permitir, porque na hora não vai dançar porque o pai não deixou, então tem

que saber logo [...] e brincantes que já fizeram parte do nosso grupo passaram no vestibular tão estudando o pessoal vinham ensaiar, mas estudavam, sempre incentivando a estudar e estão na universidade, trabalhando então quer dizer a Quadrilha é um espaço de lazer, mas que não atrapalha a sua vida é uma coisa séria também, séria no sentido de organização, organização social nesse sentido de estar ocupando o brincante, ta lá dançando e ensaiando e não ta no mundo da criminalidade, dependência química ou violência, ta lá [...] porque a ideia agora é além da Quadrilha também tentar ver outras atividades pra manter os brincantes ocupados que a gente possa estar contribuindo mais pra própria comunidade como uma entidade social (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

A gente só deixa o brincante dançar se ele estiver estudando e se ele não estiver estudando, se não estiver na escola a gente não aceita, nós tivemos uma menina de 15 anos que ela não estudava, tava na 1º série voltou a estudar porque ela queria dançar, então ficou o nosso acordo com ela, a gente te aceita, mas tu vai estudar, ela foi fazer etapas 1º e 2º etapa pra poder dançar, e se você não estiver na escola a gente não aceita (Edinete Cardoso, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

O que a diretoria descreve acima, demonstra a relevância que a Dança de Quadrilha apresenta como incentivo aos estudos e o relacionamento com a família desses jovens que gostam de participar, de se envolver, satisfazendo-os e incluindo em uma ação social. “O povo assimila um fato, depois o considera seu. A partir daí, modifica-o, dando origens a muitas variantes. Assim, histórias, danças, músicas, são alteradas, ganham novas roupagens e formas” (ALMEIDA, 2001, p. 23). De maneira, a ter novos comportamentos sociais com determinada ação cultural, envolvendo o que há de mais próximo entre as pessoas na comunidade, indo além.

“[...] A cultura é um aspecto de nossa realidade e sua transformação, ao mesmo tempo a expressa e a modifica” (SANTOS, 2006, p. 79). Sendo cultivada naturalmente (WILLIAMS, 1992), em cada ser humano que a tem e transforma fazendo parte da construção de sua realidade.

A Dança de Quadrilha, muito se eleva a esse fato concomitante, porque se fez constituinte da cultura local que se transforma e interage entre a comunidade, trazendo possibilidades de ações como colaboração social e econômica, fomentando contratação de profissionais: costureiras, coreógrafos e sapateiro. O grupo de Dança de Quadrilha, também percebe a colaboração que fornece para o comércio, onde compram vários materiais. Outro aspecto, é a possibilidade como atração local, no entanto, a Dança de Quadrilha não tem incentivo pelo poder público para essa possibilidade, porque o grande atrativo é o brinquedo de miriti (Pesquisa de campo, 2015).

Contudo, o grupo de Dança de Quadrilha ano após ano, além da realização de atividades para arrecadar recursos financeiros para contratação de mão de obra e transporte, eles recebem também uma subvenção da prefeitura abaetetubense que entra em colaboração com o trabalho.

A nível local, nós temos uma prefeitura, a gestão pública incentiva por meio de uma subvenção, então todo ano ela dá uma subvenção pros grupos né, como participar do arraial junino que ela organiza, o incentivo dela vem dessa parte financeira, então a subvenção a contribuir com a despesa do grupo e também ela contribui com a cedência de ônibus, então nós fazemos ofício, quando vai viajar, caminha ao setor de transporte escolar da secretaria da educação, e eles providenciam o ônibus também, então nós podemos dizer que o incentivo é nesse dois sentidos, a subvenção e o auxílio do transporte para o deslocamento, porque nem todo tempo a gente pode contratar um ônibus [...] vem de outras gestões, já virou uma política digamos, cada prefeito que entra ele, de certa forma, já é pressionado a dá a subvenção, desde a década de 1990, então todo ano já criamos aquela expectativa, porque o concurso arraial junino mobiliza muitas pessoas para o ginásio, assim politicamente até uma visibilidade para o gestor, então eles todo ano, todo gestor dependente de partido ele acaba ajudando (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

A gestão local abaetetubense, anualmente dá subvenção para os grupos juninos que contribui em certa parte para a organização e desempenho da Dança de Quadrilha na confecção de trajes. Para eles é uma forma positiva, porque se tornou uma ajuda consecutiva que eles podem sempre contar, também eles possuem uma relação com a gestão local, através de reuniões a respeito do evento junino e outros. Então eles se sentem otimizados, ao contrário do grupo Sabor Açai, eles consideram bem mínimo o valor de auxílio montagem que recebem da Fundação Cultural do município de Belém, porém ajuda em alguns detalhes das tarefas.

Porém, mediante as entrevistas foi levantado a pergunta sobre o relacionamento entre as Quadrilhas para juntas ganharem força, espaço e valorização, no entanto, não se demonstram impactante, no caso de Abaetetuba não apresentam ou fazem parte de uma Associação de Quadrilhas.

Ainda não existe essa discussão com outros grupos, infelizmente ainda tem uma rivalidade e tal, mas amadurecendo ainda essa questão, uma vez ou outra a gente senta e conversa alguma coisa mais muito esporadicamente, não existe um argumento sistematizado, associação de Quadrilha, as vezes é cada um por si também, então ainda não existe essa sistematização, sabemos que é importante, mas infelizmente não conseguimos ainda, há muita rivalidade e da própria falta de consciência nossa, política digamos assim (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Isso demonstra, que falta força e mais união entre as Quadrilhas Juninas, que precisam caminhar para uma questão mais política e comunitária, já que eles possuem e proporcionam um trabalho cheio de benefícios e criatividade, que tende

se alargar mais, de modo surgir mais grupos de Dança de Quadrilha, a partir da Quadrilha Mirim que será apresentada a seguir.

Para tanto, a Dança de Quadrilha se tornou um bem patrimonial, bem como é descrito por Miguel Caripuna diretor da Quadrilha Coração Junino.

A Quadrilha Junina é importante pelo fato dela mostrar uma tradição, que é a Dança de Quadrilha mesmo, seja como uma reinvenção da Quadrilha, a questão do balé da coreografia, mas em todo caso ela mantém viva uma história, memória e as tradições populares, toda vez que você vai apresentar uma Dança de Quadrilha você conta a história de como a Quadrilha iniciou então ela tem uma importância nesse sentido, porque ela faz parte da memória, ela mantém viva uma manifestação cultural importantíssima e se enquadra muito na questão do tradicional porque por exemplo, na Dança de Quadrilha o traje ainda é feito pela costureira manual, os trajes da misse e não tem uma industrialização nesse sentido, ainda é a costura como antigamente, então tu tens aí essa memória mantida viva ainda, que houve e que tem uma questão da modernidade que é tudo feito industrializado, no caso da Quadrilha não, tu tens ainda, tu mantém viva essa memória tradicional da roupa sendo feita pela costureira, da roupa sendo bordada e o próprio trabalho que é artesanal como era antigamente, esse valor simbólico da memória, um patrimônio digamos assim, porque ela se reinventou, mas ela não perdeu os traços dela da atividade do que se fazia antes, um detalhe importante que mantém viva na história da comunidade que se envolve, participa, se tem uma coisa super interessante também que na Quadrilha por exemplo quem produz e faz as produções são as pessoas envolvidas ali na própria comunidade, não vem de cima pra baixo, é feito espontaneamente a própria comunidade constrói aquela produção (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

A fala do diretor da Quadrilha Coração Junino, Miguel Caripuna, é algo que evidencia a memória e sua importância que estimula ao conhecimento da história da Dança de Quadrilha, que se concentra na comunidade transparecendo a cada momento pelo o grupo junino, estendendo-se às gerações um patrimônio, uma herança reinventada. Assim a memória busca revelar o que somos, a partir da passagem de informações que recebemos e interpretamos individualmente ou em grupo e o patrimônio cultural faz parte também disso, apreendido no contexto histórico pela trajetória humana (BARRETTO, 2000).

“[...] a memória coletiva está na base da construção da identidade. Esta reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, garante unidade/coesão e continuidade histórica do grupo” (RODRIGUES, 2012, p. 05). A Dança de Quadrilha se tornou uma continuidade, porque revela a pertença dos indivíduos com esse modo de dança, e que hoje pode ser encontrada nela, novas perspectivas de contribuições para a comunidade.

Todavia, a Dança de Quadrilha é uma produção histórica compartilhada que se torna patrimônio cultural ativo e estabelecido pela comunidade quadrilheira.

[...]. É igualmente a partir de traços do passado que o patrimônio pode empreender sua tentativa de reconstrução de uma cadeia temporal e hereditária, vinculando as gerações presentes àquelas que a precederam, estabelecendo, por esse meio, importantes laços sociais necessários à vida das coletividades humanas (GUIMARÃES, 2011, p. 100).

O vínculo geracional, que as pessoas passam a ter, detém de uma conectividade com esse passado que proporcionou o presente cheio de significados e valores permanecidos na memória que se externaliza a cada reconstrução permanecendo viva a cultura entre as pessoas.

No entanto, assim como o grupo Sabor Açai Junina, o grupo Coração Junino leva em consideração a relevância que a Dança de Quadrilha tem como seu patrimônio também.

Sim com certeza, é patrimônio cultural porque você tem uma manifestação, que ela foi idealizada, construída pela cultura popular, então ao longo da história foi uma forma que as comunidades, elas perceberam pra se manifestar, então o que acontece, ao longo da história uma manifestação agregada a sua vida, uma parte da vida das pessoas que é interessante, eu penso que é um patrimônio cultural pelo fato de você ter nas Quadrilhas a memória, então é um patrimônio imaterial porque ele tem uma história ali contida, tem uma cultura que vai resistindo também ao tempo e as próprias pessoas resistem com a Dança de Quadrilha [...] uma valorização do nosso passado, se a gente não valoriza nosso passado a gente não conhece a história dele, as pessoas antigas por exemplo ficaram como legado, então eu considero que é um patrimônio cultural porque ele foi construído ao longo da história, uma história que não é contada oficialmente mas que existiu na nossa realidade do povo, no dia-a-dia. Eu considero sim a Dança de Quadrilha um patrimônio cultural de extrema importância pra cultura brasileira, assim como carnaval é, o carimbo (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Ademais, o grupo de Dança de Quadrilha já se mostra sensível a questão do patrimônio cultural imaterial e o seu entendimento a respeito do mesmo, trabalhando por amor, de modo, que todo o ano estão dispostos à novas apresentações, caminhando apesar das dificuldades, mas sempre buscam novas alternativas para que o grupo esteja pronto anualmente para festejar o grande evento junino.

Para tanto, a apresentação da Dança de Quadrilha é o ponto ápice da construção de todo um trabalho, porque ali depositaram esforços, lutas por melhorias, amor, seriedade, organização e comprometimento.

Realização de um desejo pessoal nosso, de ta produzindo algo para as pessoas, pra nós particularmente, muita satisfação, porque é algo que ajudou a produzir, tipo um filho, que você gera e que depois você ver ele sendo caminhado, um processo, para cada um de nós deve ter um significado, acredito muito nessa ideia de satisfação de ver aquele grupo todo tendo sucesso, sendo elogiado, amor pela Dança de Quadrilha (Miguel Caripuna, diretor da Quadrilha Coração Junino, entrevista concedida em 06 de dez. 2015).

Portanto, a apresentação da Dança de Quadrilha para o grupo Coração Junino como para a Sabor Açaí Junina, manifestam-se espontaneamente de emoção, amor, criatividade e surpresas que abrilhantam a festa Junina gerando testemunhos da ação cultural. De modo que “O patrimônio é constituído de testemunhos, grandes ou pequenos” Hartog (2006, p. 269). Identificados pelos indivíduos, participante do grupo cultural fazendo parte do ato histórico que se prolonga, assim, a comunidade quadrilheira cria grupos de Danças de Quadrilha Mirim (de crianças) para continuidade, que será falado a seguir.

4.3. Grupo de Dança de Quadrilha Revelação da Cremação Mirim

O grupo de Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, li dá com crianças de sete anos até a idade de quatorze anos. O grupo é composto de vinte pares de brincantes e uma diretoria com cinco participantes, os ensaios são de segunda-feira à sexta-feira das 19:30h às 22:00h na praça Delcídio Jurandir antigo forno crematório do Bairro da Cremação município de Belém.

Todavia, o grupo de Dança de Quadrilha foi criado pela necessidade de uma opção de lazer, que minimizasse os riscos que as crianças passam em um bairro da periferia, assim como descreve o diretor da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim.

A gente, ver o risco que é aqui na rua de casa, aqui pelo bairro e a gente começou procurar alguma coisa que ocupasse a mente dos adolescentes e das crianças né e a gente não trata só com crianças adolescente também, a gente começou ver como que montava uma Dança de Quadrilha Mirim, pra buscar esses brincantes, pra fazer eles gostarem da Dança de Quadrilha não é só montar a Quadrilha na rua, é fazer gostar da Quadrilha dançar com vontade tudinho e se dedicar porque pra gente, a gente não ganha nada com isso, mas só de ver o sorriso deles na quadra junina, quando eles ganham alguma coisa num concurso que eles veem alegre já é satisfatório pra gente. Desde 2009, foi que a gente fundou começou a botar a Quadrilha na rua em 2010, de lá pra cá a Quadrilha tem seis anos e tá com sucesso graças a Deus, fomos cinco vezes campeã no CENTUR, três vezes na FUMBEL da prefeitura, duas vezes em Ananindeua e duas vezes em Mosqueiro. (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

A Dança de Quadrilha, se tornou muito importante para eles e para a comunidade além de cultural, uma ação social para as crianças iniciada em 2009.

Além da dança, tem a escolinha de futsal que o meu irmão a gente faz uma parceria que a gente leva os brincantes que começam com a gente vai pra lá, pra escolinha de futsal que é durante a semana todinha de segunda-feira a sábado e o carnaval também os meninos tocam na bateria das escolas (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Pois, eles trabalham com as crianças, de maneira, que elas possam praticar outra atividade e não fique na ociosidade ou pelas ruas. Eles tentam fazer ao máximo, para que as crianças tenham novas oportunidades de estarem usufruindo de um bem coletivo como o lazer e também exige disciplina por parte delas nos ensaios da Dança de Quadrilha, em que, a coreografia possa ser executada da melhor forma possível.

No entanto, apesar de ser novo o grupo passou por transformações, no caso, superação das dificuldades, dando passos mais largos como relata o diretor do grupo de Quadrilha Revelação da Cremação Mirim.

A transformação, mais foi a dificuldade, hoje a gente não tá tanto assim por causa dos títulos que a gente vem ganhando ai, o dinheiro que a gente ganha vai logo investindo no ano seguinte, mas foi um pouco difícil colocar a Quadrilha na rua como todos os anos, porque a gente não tem patrocínio de ninguém, nem da prefeitura, nem do governo do estado, na fé e na coragem mesmo a gente vai fazendo promoção, rifa, bingo, passeio e a gente vai arrecadando dinheiro pra colocar a Quadrilha na rua, comprando tecido. A gente recebe da prefeitura, que eles chamam auxílio montagem eles pagam pra gente é muito pouco a gente vai mesmo pela força de vontade, se for depender dos órgãos públicos a gente não coloca o grupo pra dançar (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Todavia, o grupo tem uma pequena ajuda de auxílio montagem, porém buscam novas alternativas de angariar fundo financeiro para que tenham base de sustento para o grupo, assim também como os dois grupos anteriores de Dança de Quadrilha Junina realizam eventos, bingo, passeios e etc., para poder manter um grupo grande de crianças. Uma dança, que pode ser dançada de maneira simples sem muitos gastos, mas, quando se fala a respeito de concursos os grupos gostam de participar mostrar o trabalho feito, então a partir disso, buscam um traje mais bonito precisam de dinheiro para locomoção do transporte e entre outros fatores presente nesse meio.

“[...] É que o legado cultural comum é um bem do qual tendências diferentes dentro da sociedade procuram se apropriar. Ele é uma das bases da continuidade e da transformação de uma sociedade” (SANTOS, 2006, p. 76). As transformações, ocorridas principalmente no Pará referente a Dança de Quadrilha, que era dançada apenas em ruas dos bairros passaram se apresentar nos concursos da década de 1970 que estão envolvidos o órgão municipal e estadual e profissionais para a organização do evento.

Contudo, quando se forma um grupo de Dança de Quadrilha, como o grupo Revelação da Cremação Mirim que já tem seis anos, se forma através de pessoas que já vinham participando nesse meio e que decidiram formar outro grupo e assim

acontece na comunidade quadrilheira novos grupos se formam (Pesquisa de campo, 2015). Permanecendo a questão identitária, “Além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local (BARRETTO, 2000, p. 47). É isso, que a Dança de Quadrilha apresenta de certa forma para eles, patrimônio cultural.

Porém, algo também muito importante que a Dança de Quadrilha revela através da prática cultural pelos grupos de Quadrilhas, como o da Cremação da Revelação Mirim, possui desempenho com as crianças e uma visão em relação ao bairro.

A gente ver a dificuldade que é nos bairros, a nossa Quadrilha é daqui da cremação, mas tem brincante do jurunas, brincante de dentro do Guamá, e da Condor, antigamente era só da Cremação, aqui no bairro são sete Quadrilhas Mirins. A gente desenvolve esse trabalho buscando os brincantes, adolescentes assim, então a prefeitura o órgão da prefeitura eles pecam muito com a mirim porque eles não dão incentivo, não procuram saber como funciona a Quadrilha Mirim e a gente perdeu um brincante esse ano, pra justamente pra violência ele morava aqui na frente e quando completou 15 anos ele já não podia dançar na Quadrilha Mirim porque isso já vem de lá do concurso da prefeitura, não pode mais dançar e ele não foi pra Quadrilha adulta dançar, não quis dançar na adulta e acabou fazendo besteira uns cara ai passou num carro e matou ele ai na frente de casa, a gente perdeu um brincante um menino muito bom, mas a gente acaba perdendo, outro a gente conseguiu recuperar graças a Deus, hoje ele parou de dançar Quadrilha, mas tá na marinha ele é fuzileiro, quer dizer que ele já tava praticando assalto tudo, quando ele pediu uma chance pra gente, a gente conversou com ele, conversou com a mãe dele colocou ele pra dentro da Quadrilha dançou com a gente, ai depois ele teve que ir pra marinha hoje ele é fuzileiro só anda viajando por ai, então é uns dos adolescentes que a gente conseguiu tirar da violência e a gente nunca diz que não né pra uma criança (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).



Figura 9: Meninos da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim Ensaio na praça Délcídio Jurandir.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, 2010.



Figura 10: Meninas da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim Ensaio na praça Délcídio Jurandir.
Fonte: Diretoria da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, 2010.

As figuras acima, retrata as crianças no ensaio e todas com camisas e blusas com o nome da Quadrilha, uma dança que passou fazer parte de uma ação social transformando uma comunidade. Portanto, a realidade tratada aqui, demonstra novamente assim como os grupos de Quadrilhas anteriores, o trabalho social que a Dança de Quadrilha proporciona para as crianças e adolescentes, tirando eles do risco e dando novas possibilidades de saída para uma atitude melhor na sociedade. Se não, os jovens acabam se perdendo na criminalidade, na violência e a oportunidade que o grupo de Dança de Quadrilha oferece é uma das prováveis saídas para a recuperação de jovens, oportunizando-os em uma ação social e cultural.

Para tanto, a Dança de Quadrilha paraense apresenta-se como uma ação social que envolve a comunidade. Sendo uma dança, que vai além do que o público e jurados no dia das apresentações podem ver, entretanto, os grupos juninos caminham com algumas dificuldades, porém não desistem da Dança de Quadrilha. Confiantes por serem pertencentes de algo e lugar, por terem sentido e significado que compõem e fizeram parte da história seja local ou nacional (CHOAY, 2001).

E assim, eles continuam caminhando para benefício da comunidade. Ao longo da sua trajetória cativando pessoas e mobilizando-as, no qual, passam também ter suas histórias marcantes.

O que mais marcou acho que foi, durante os 6 anos foi o ano passado a gente conquistou todos os títulos que precisava e sempre ali 1º e 2º lugar, porque quando é as 3 melhores a gente tá ali no primeiro e foi um ano muito bom pra eles tudinho um grupo que vinha de 3 anos sem ninguém sair e entrar as mesmas base, aí foi bom ano dos brincantes juntos. A gente começa dia 04 de janeiro, aí nosso coreógrafo começa a colocar a coreografia com os brincantes que estão chegando e a gente começa 7:30h da noite vai até 9:30, 10:00 h. lá na praça Delcídio Jurandir. Pra organizar, a gente tem 6 diretores que organizam ali nem todos os diretores as vezes ficam no ensaio. Todos estudam, é fundamental a gente saber que eles estão no colégio até mesmo a gente procura ver com as mães, como eles são em casa também, porque a gente cansou de receber da mãe conversando com a gente, que aquela criança estava insuportável que não ouve, só quer está na rua, então a gente dá uns 3 dias pra ele ensaiar, pra ele poder refletir o que ele está fazendo de errado conversa com ele, ai ele fica mais calmo (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).



Figura 11: Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, concurso CENTUR.

Fonte: Diretoria da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, 2014.



Figura 12: Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, concurso FUMBEL.

Fonte: Diretoria da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, 2015.

As figuras acima demonstram o resultado do trabalho tão bem desenvolvido, resultando em conquista como algo marcante. E a organização é um dos elementos fundamentais que ajuda no desempenho do mesmo, tornando-o sucedido. Pois, a diretoria do grupo Revelação da Cremação Mirim, mantém uma relação próxima com a família, buscam saber o relacionamento do brincante com a família se estão na escola, como é o comportamento, então, passam a construir um laço familiar que acaba cativando naturalmente a criança e melhorando no comportamento da mesma com a família, na escola e em comunidade.

Dessa maneira, “A cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social” (ARANTES, 2006, p. 54). De relevância que traduz a eficiência transbordada em ações que podem se tornar resultados significativos mediante aquela realidade.

Todavia, a diretoria da Quadrilha Mirim, realiza promoções para arrecadar verbas para a compra de todo o material necessário para a confecção dos trajes para os brincantes, contratam a costureira e os brincantes apenas pagam a costura, “R\$ 70,00 e 80,00 reais um traje varia muito dependendo do tema, quem faz a nossa roupa é a Deise da Quadrilha rainha da juventude, ela entrega desde a cabeça o arranjo, chapéu dos cavalheiros, o traje e a meia ela entrega completo” (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Os grupos de Quadrilhas, sempre trabalham com planejamento por li dar com várias pessoas, principalmente se tratando de um grupo cultural com várias atividades para organização do dia tão esperado.

A gente já começa nosso planejamento, depois da avaliação da FUMBEL, quando termina a quadra junina a nossa diretoria já senta e vê o que a gente vai trabalhar pra 2016, esse ano a gente começou um pouco tarde, fizemos nossa reunião essa semana, já pra escolher o tema da Quadrilha pra 2016, reunião em cima de reunião escolhe o tema, escolhe a música e aí a gente vai trabalhar em cima, quando a gente escolhe um tema, a gente sempre vai com o tema infantil a gente já veio com o Sítio do Pica-Pau Amarelo, Alice no país das maravilhas, João e Maria, esse ano a gente veio de Pinóquio, quer dizer assim que a gente vem mexendo um pouco com a imaginação infantil e todos os temas a gente começa trabalhar em cima, vai gastar isso, vai gastar aquilo, vamos fazer uma rifa, um passeio, vamos fazer um bingo, pra gente arrecadar o dinheiro a gente já vai ver que é gasto, a gente procura quando a gente escolhe o tema já leva pra costureira que é a Deise e lá ela vai dizer quanto a gente vai gastar mais ou menos, aí a gente começa trabalhar em cima já sabendo (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Há divisões de tarefas para o corpo da diretoria, no qual, são os grandes responsáveis, para que a Quadrilha Mirim se desenvolva e gostem, entendam e compreendam a cultura popular pelo o que estão fazendo e dançando e para as crianças é um grande momento de lazer e conquista, assim como para todos que estão e passam se envolver.

O grupo Revelação da Cremação Mirim, assim como os grupos anteriores tem seu próprio coreógrafo, surgiu dentro do próprio grupo de Quadrilha, cresceu e aprendeu a partir do envolvimento e da participação ativa e hoje exerce um dos papéis importantes e a contratação de mão de obra para o grupo é apenas a costureira, que também tem seu papel relevante.

As festas de junho, mantêm com o cotidiano dessas populações uma relação de intensos preparativos e cuidadosa organização. Carregada de conteúdos simbólicos e afetivos, essas relações acabam por elaborar uma linguagem artística própria que entrecruza os religiosos e o profano, a tradição e a inovação. A diversidade dos elementos atrai, encanta e integra participantes, envolvendo ricos e pobres, de distintas procedências, expressando a face da coletividade que se superpõe as diferenças (RIBEIRO, 2002, p. 25).

A Dança de Quadrilha conhecida nacionalmente, perpassa as camadas sociais, mas, que tem seu grande desenvolvimento nas periferias dos Bairros, como exemplo os grupos de Quadrilhas paraenses apresentadas nesse trabalho. Apesar, do grande trabalho que as Quadrilhas demonstram, elas possuem algumas dificuldades financeira e comunicação efetiva com a gestão pública local, como reuniões consecutivas e discussões a respeito do planejamento da Festa Junina do ano seguinte, no caso, demora acontecer.

O grupo Revelação da Cremação Mirim, passou por uma mesma situação do grupo Sabor Açaí em relação candidatos à vereadores.

Vão na praça, o vereador manda o assessor perguntar nossa dificuldade tudo, a gente conta pra eles que a gente não pede pra gente, pede mais pra ajudar os brincantes e eles dizem que vão ajudar, quando acaba a quadra junina eles procuram a gente, eles só procuram antes de começar a quadra e depois da quadra, eles querem os votos, só procuram a gente na época de eleição. Pedro Paulo é um senhor, não é político foi ver nossos ensaios e disse que ele ia ajudar a gente, qual era nossa dificuldade, e ai ele falou vou ajudar vocês eu quero apadrinhar a Quadrilha o que vocês precisarem, não posso dar muito, o que eu puder ajudar eu vou ajudar e ele fez isso, mora perto da praça Valdemar Henrique ele acompanhou a Quadrilha, ele viu e apadrinou a Quadrilha ele deu na brincadeira dos meninos uma feijoada completa, todos os ingredientes da feijoada só porque ele gostou da Quadrilha ele não é político, e por quê não fazem isso os políticos? Não pensem apenas em eleição, Quadrilha tem todo ano, a eleição não, é de 4 em 4 anos aí só procuram a gente na época (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Essa situação, acaba sendo evidente para grandes grupos como Quadrilhas Juninas, porém em muitos casos os candidatos prometem e não chegam cumprir. Porém, há pessoas que se habilitam em ajudar pelo simples fato de gostar e admirar a Dança de Quadrilha, sem um interesse político, como cobrança de votos.

Há outro ponto crítico, que é muito sentido pelos grupos de Quadrilhas como um olhar menos sensível por parte da gestão pública municipal que atua diretamente com o evento junino.

Um pouco mesmo discriminado, porque a gente tá fazendo desde quando terminou a quadra em junho que a gente tá querendo uma reunião com a presidente e ainda não conseguimos, porque a gente quer fazer a avaliação do São João e até agora não teve. A presidente, não procura a gente a gente que procura a entidade pra poder saber de reuniões, tem pessoas lá dentro capacitadas pra isso não é só dependendo da presidente e eles marcaram uma reunião pro dia 17 de dezembro, isso porque fomos lá pra frente da FUMBEL, a gente teve que fazer um pequeno barulho pra atender a gente, a gente quer avaliação e saber deles como vai ser o São João em 2016, já que vai ter muita imprensa aqui e Quadrilha de fora, vai acontecer o nacional de Quadrilhas aqui em Belém. Tem que se dedicar mais na cultura, não só no carnaval eles focam muito o carnaval e esquecem a quadra junina que o carnaval é 3 dias só e a quadra junina é o mês todo e eles esquecem um pouco disso, quem faz o espetáculo é a gente (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

A fala do diretor da Quadrilha Revelação da Cremação Mirim, acaba discorrendo, no que a realidade apresenta das Quadrilhas Juninas com os órgãos municipais de cultura. Eles têm que correr atrás para ganhar voz, para saber o planejamento deles em relação a Festa Junina ou São João como é muito falado pelos quadrilheiros, porque eles gostam de participar de interagir em um dos maiores

eventos no mês de junho em Belém, por isso, essa preocupação de estar mais próximo da organização do evento, dar opiniões e discutir de uma forma que entre em consenso do que se quer.

Para tanto, os grupos de Danças de Quadrilhas se articulam através da Federação Municipal de Quadrilha (FEMUQ), porém, criou-se também a Federação Mirim (FEMIRIM) que trata das Quadrilhas Mirins e faz parte também da FEMUQ.

Ali são todo mundo amigo, a gente acaba se organizando pra fazer os concursos e participar dos eventos tudinho que são feitos não só pela FUMBEL, mas sim por outras Quadrilhas, que elas fazem um concurso no São domingos, Imperial, tudo eles fazem concurso e a gente vai pra poder dar valorização das mirins, a gente tem reunião, a última reunião foi 3 meses atrás ai tem uma reunião junto adultas e mirins que vai ser em São Braz segunda-feira, todas as Quadrilhas juntas pra gente levar a proposta pra FUMBEL, eles começam 7:00 h da noite. A gente fazia reuniões lá na Valdemar Henrique ficou arriscado tem muito moradores lá de rua, a gente faz em São Braz, porque ali quando ta todo mundo junto ali não tem risco de assaltarem ruim é quando tem só dois, mas quando vai todo mundo é muita gente, já pensando o São João 2016. Eu digo que é desvalorizado a cultura aqui, quadra junina, porque a FEMUQ precisou de uma praça pra fazer o evento dia 1º de Maio dia do trabalhador, a prefeitura não liberou, e a gente ficou sem o recurso da FEMUQ, todo ano ele faz, mas só que esse ano a prefeitura não liberou, aí fica complicado (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Os grupos se reúnem para se expressar, do que pretendem e sua valorização, no qual, lutam por melhorias apesar do processo ser lento, houve negação de um evento que eles pretendiam realizar para arrecadação de recursos, enquanto, que no lugar pretendido praça Valdemar Henrique está cheia de moradores de ruas e pequenos infratores, ou seja, passou ser arriscado e os grupos juninos se mobilizam para fazer o evento e valorizar o espaço que no passado foi o grande palco de apresentações de Quadrilhas Juninas paraenses.

Luta pelo seu grupo, muitas vezes por valorizar a cultura popular, outras vezes porque essa atividade é alternativa para melhoria de sua renda. Mas é, acima de tudo, um líder comunitário à sua moda, não trabalha sozinho, mobiliza esforços, reúne pessoas, articula apoios financeiros e administra as inúmeras diferenças que, inevitavelmente surgem em meio a grandes grupos (ALMEIDA, 2001, p. 28).

Almeida (2001), em seu estudo preliminar da Quadrilha junina, fala do quadrilheiro de Recife que luta pelo seu grupo, assim como as Quadrilhas paraense também tem disso. Uma forma de trabalho comunitário, que a Dança de Quadrilha passou exercer e que retrata benefícios alcançados.

E as apresentações, é um dos trabalhos alcançados, porque exerceram ali muito trabalho e esforços para finalmente chegar ao dia tão esperado como é apontado por eles.

Apresentação pra gente é tudo, a gente diz assim, porque quando a gente chega no patamar de ensaio que já tamo pra se apresentar fica aquela ansiedade tudinho, quando chega no dia da apresentação, aquele nervosismo depois que dança passa e só a gente ver pra sentir, eles dançando, o trabalho que foi realizado a primeira apresentação pra gente é fundamental, uma paixão muito grande de ver a Dança de Quadrilha pronta assim e o coração bate forte é como se fosse um filho aprendendo andar, produzido pra ver se sai tudo certinho (Helton Luiz Carmo, diretor da Quadrilha Cremação da Revelação Mirim, entrevista concedida em 13 de dez. 2015).

Por conseguinte, o sentimento em relação a dança é algo que transparece na fala, na expressão, amor pela manifestação cultural que prossegue pelas gerações.

Cada quadrilha sintetiza essas e outras motivações apresentando versões diferentes dessa tradição, que chegou até nós como uma dança nobre, estrangeira e importada e hoje faz parte indiscutível da nossa cultura popular, tornando-se um importante elemento espetacular e da sociabilidade na festa contemporânea (CHIANCA, 2013, p. 14).

No Brasil, essa dança é evidente e no Pará se tornou uma ação social e cultural que viabiliza oportunidades e traz contribuições para a comunidade além do lazer que desponta. E isso, demonstra a concretude que aflora além da apresentação, influenciando outros mecanismos colaborativos que podem se tornar essenciais pela comunidade, um patrimônio cultural em constante movimento.

[...] esse patrimônio é substancialmente constituído por memórias coletivas que operam com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo (COSTA; CASTRO, 2008, p. 130). E essas memórias trouxeram ao conhecimento das gerações posteriores a Dança de Quadrilha, aquilo que se tornou importante e que permaneceu nos indivíduos e que a tendência é ser levada adiante como forma de patrimônio, já que é uma dança empregada em todo o país. E devido a essa manifestação cultural, foi criada Associação e Federação de Quadrilhas (que veremos a seguir), para que os grupos se relacionem para questões importantes de organização e valorização de uma atividade pouco sensibilizada pela gestão pública.

4.4. Federação e Associação de Quadrilha de Belém-Pará.

A Federação Municipal de Quadrilha (FEMUQ) de Belém, iniciou seu trabalho em maio de 2007 com os grupos de Dança de Quadrilha, com intuito de viabilizar

mecanismo que venham fortalecer essa manifestação, o representante atual é o Sr. Osvaldo Mauricio Tavares, conhecido como Mauricio de Nassau. Atua há 39 anos como diretor de grupo de Dança de Quadrilha “*eu sempre fui diretor, dancei na época no triunfo na roça, porque na realidade nós já éramos da Quadrilha roceira do menino Jesus da professora Timeida, década de 1980*” (Osvaldo Mauricio Tavares, presidente da Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

O papel da Federação é a luta pelo reconhecimento e pelo recurso financeiro que não é tão favorável.

A gente vem lutando né, porque não é fácil não, eu vejo o lado dos grupos juninos da situação como tudo se esbarra infelizmente no financeiro, hoje em dia você quer colocar um grupo junino se você não arcar com programação, com rifa, bingo essas coisas aí fica meio difícil, mas, a gente faz do possível ao possível na realidade é você querer colocar seu grupo na rua, eu acho, que o mais gostoso, com toda essa dificuldade é você tá no final com seu grupo pronto pra se apresentar no São João (Osvaldo Mauricio Tavares, presidente da Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

No entanto, a dificuldade principal se encontra no financeiro, mas isso não abala a vontade deles conseguirem chegar ao dia da apresentação, então esse obstáculo é um dos fatores negativos, porém com outros meios de saída tentam superar.

Contudo, o fortalecimento se encontra no pertencer a Dança de Quadrilha Junina, apesar dessa negatividade, traz ações eficazes para os quadrilheiros e comunidade que vivem as experiências e exaltam a fé pelo que acreditam e pode acontecer, comemorando e marcando as vidas das pessoas.

Sabendo que ela se processa em diferentes níveis culturais igualmente relevantes, como a música, a decoração, a culinária, as práticas religiosas, a sociabilidade e a dança. [...] Originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada (CHIANCA, 2013, p. 76).

Em outros lugares do Brasil, existem também Danças de Quadrilhas Juninas que a realidade pode ou não ser diferente. No Pará, ficou clara a deficiência financeira, mas, eles buscam remediar com novas alternativas significativas para o grupo e outro aspecto que se tornou importante é o trabalho que realizam com crianças e adolescentes.

Para a FEMUQ, um dos trabalhos importantes na Dança de Quadrilha, é o trabalho com os jovens e adolescentes como foi salientando pelos grupos de

Quadrilhas Juninas anteriores, isso acarreta saídas de alternativas para jovens que se encontram em risco. Eles fazem projetos envolvendo a Dança de Quadrilha e encaminham ao órgão público para possível aprovação, mas quando não conseguem não desanimam, porque compreendem que a Dança já faz seu papel voluntariamente como uma ação social e cultural.

Assim também, como compreendem que a Dança de Quadrilha Junina, colabora para contratação de mão de obra e para o comércio local, devido aos materiais necessários para a produção do traje e de pessoas para a produção da festa junina conhecida também como São João, podendo se tornar uma atração local.

No entanto, a Dança de Quadrilha Junina não apresenta por parte dos órgãos de turismo um olhar com sensibilidade de possível atração local.

Nós tivemos uma reunião com o presidente da Paratur, e simplesmente ele falou que o São João, com as palavras dele lá, que as Quadrilhas Juninas não faz parte do contexto, porque não faz parte do contexto como o carimbo (Osvaldo Mauricio Tavares, presidente da Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Portanto, aí percebe que não há um possível interesse da atual gestão em atrelar essa atividade a uma atração local, como as próprias Quadrilhas apoiam se isso acontecer, já que as mesmas não dançam apenas no mês de junho, dançam antes nos ditos concursos de ensaios no mês de abril ou maio como depois no concurso nacional⁵ de Quadrilha em julho e esse ano acontecerá em Belém.

O incentivo e valorização da gestão pública não é tão plausível com a realidade da Dança de Quadrilha.

Não vejo muita valorização [...] dia 1º de outubro de 2015 a gente enviou um ofício pra tentar falar com a presidente da FUMBEL, é a dona Eliana Jatene e até agora nada, não teve espaço pra reunir com os grupos juninos, vejo que não tem valorização, eles fazem o calendário deles lá, do São João quem quiser participar! Participa, quem não quer participar? Todos querem participar, então não vejo valorização é o que eu penso não tem valorização (Osvaldo Mauricio Tavares, presidente da Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

⁵O concurso nacional de Quadrilha, acontece anualmente em um lugar do Brasil no mês de julho ou agosto, o lugar é escolhido nas reuniões realizada pela Confederação Brasileira de Quadrilhas, onde nessas reuniões a AQUANTO representa o Pará. No concurso há muito grupos de Danças de Quadrilhas de vários lugares do país, esses grupos foram escolhidos em sua região como os melhores para concorrer no concurso nacional.

A questão da valorização, é algo não só colocado pelo presidente da FEMUQ, assim também pelos grupos anteriores, que precisam de uma atenção maior para a atividade cultural exercida em um longo período.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (SANT'ANNA, 2012, p. 20).

O Art. 215 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, fala respectivamente da valorização que o estado deve ter em relação a cultura e o apoio necessário. Porém, não é bem o que está sendo apresentado pela comunidade quadrilheira, há mínimo incentivo e apoio do órgão público para com essa manifestação cultural.

No entanto, apesar disso a FUMBEL (responsável pela organização do evento junino em Belém) realiza reuniões com os grupos de Dança de Quadrilha Junina, entretanto, são bem próximas da realização do evento.

A reunião da FUMBEL, é muito em cima da hora, o ano que vem é os 400 anos da cidade. Já se falam que a ideia da FUMBEL é fazer 2 categorias a tradicional e a moderna, mas aí tem que ter os critérios pra gente saber, quando fala do tradicional, qual o critério da tradicional? Caipira não sei, aí dizem que vão fazer 2 concursos que a Quadrilha pode participar dos 2 concursos, agora como vou participar dos 2 concursos, no meu caso eu tenho dinheiro pra fazer o tradicional como eu vou poder participar do moderno, fica uma coisa muito difícil, é isso que nós estamos batalhando pra reunir esse mês de dezembro ainda, pra eles logo darem a realidade dos fatos olha isso e aquilo (Oswaldo Mauricio Tavares, presidente da Federação Municipal de Quadrilhas de Belém (FEMUQ), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

A FUMBEL realiza um dos maiores eventos de arraial junino e os grupos de Quadrilhas gostam de participar, pelo menos é um dos fatos que o órgão não é tão criticado. No entanto, o órgão público precisa realizar uma comunicação mais próxima com os grupos, uma organização maior em relação a eles, sem que eles precisem se deslocar para lá e fazer barulho para serem ouvidos e atendidos para possíveis reuniões, no qual, querem compreender sobre o planejamento do próximo ano, também serem participativos nesse processo.

O evento junino, é um dos momentos mais esperados pelas Danças de Quadrilhas Juninas, onde demonstram seu trabalho e também um momento que poderá gerar benefícios.

O evento também é utilizado como elemento de geração de benefícios diversos para a comunidade. Dependendo da natureza do evento (seja social, político e cultural), são gerados benefícios específicos para os habitantes e visitantes. Do ponto de vista econômico, os benefícios se traduzem em venda de ingressos, formação de grupos culturais, venda de produtos e serviços.

Nesse aspecto, o evento é visto como agente de agregação de valor social, cultural, político e econômico do patrimônio histórico-cultural (NETO, 2005, p. 60).

Para tanto, a Dança de Quadrilha em meio ao arraial junino é um dos eventos mais celebrados no mês de junho anualmente e pode ser percebido como patrimônio cultural, inserida nesse processo da festa que alegra o público disposto sempre prestigia-la.

Todavia, em Belém o número de Quadrilhas é grande, pelo menos a maioria dos grupos de Quadrilhas filiados à FEMUQ sendo 30 Quadrilhas com jovens e adultos e 30 Quadrilhas com crianças e adolescentes. No cenário paraense, a Quadrilha Junina de acordo com Osvaldo Mauricio (presidente da FEMUQ) as Danças de Quadrilhas se encontram restritas apenas a dois concursos no município realizados pelo CENTUR e FUMBEL, e a maioria das Quadrilhas não tem como arcar com o custo de ônibus para o deslocamento a outros concursos que acontecem nos municípios do Pará.

Entretanto, eles continuam a caminhada para que possam ter mais valor, mas apesar de todas as dificuldades eles persistem, buscam novas alternativas e sempre estão presentes e proporcionando bem-estar a comunidade incentivando os filhos, as famílias, as vizinhanças para participarem e assistirem a Dança de Quadrilha no arraial junino paraense.

Contudo, a Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), veio também contribuir com as Danças de Quadrilhas paraenses, criada em agosto de 2003, antes era uma associação municipal e hoje é uma associação estadual.

Nós vimos, uma grande necessidade dos grupos juninos de todo o estado do Pará, participarem, foi também quando foi criada a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas (CONFEBRAQ), e o que a gente viu ali, a CONFEBRAQ é uma entidade que congrega os estados e não congrega os municípios, então, o volume de Quadrilha Junina naquele momento, ele dava um gráfico de maior e ainda ele dá esse gráfico e aí a gente viu uma necessidade mesmo de não ser mais do município e sim do estado do Pará (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Nesse momento, a AQUANTO passa abranger as Quadrilhas Juninas não apenas municipais, mas também as do estado para a visibilidade da Dança de Quadrilha paraense e também trazê-las para a participação nos concursos do arraial junino e atualmente eles participam bastante, como acontece com a Quadrilha

Coração Junino que tem apoio de seu município, quando eles podem disponibilizam ônibus para o grupo poder se deslocar para a cidade de Belém, os grupos filiados na AQUANTO em média são 66 Quadrilhas adultas e 20 Quadrilhas Mirins.

Entretanto, antes a Dança de Quadrilha Junina se apresentava em comemoração de algum aniversário ou festa nos bairros e hoje ela é muito assistida em concursos de Quadrilhas.

Eu participei do 1º evento junino na década de 1970, aconteceu o primeiro concurso de Quadrilha Junina com título, antes as Quadrilhas Juninas se apresentavam não com títulos, mas como apresentação nos terreiros alguns grupos já existiam, mas eles eram assim uma apresentação pra aniversário e pra comemorações não existiam os chamados concursos e disputas (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

E de acordo com Itamar Oliveira (dirigente da AQUANTO), essas apresentações em aniversários e em comemorações, aconteciam nas ruas, porém não se ver quase mais devido à crescente violência e falta de segurança na cidade, então as Quadrilhas passaram se concentrar nos grandes concursos.

A AQUANTO, realiza um trabalho muito importante como representante das Quadrilhas do Pará nas assembleias realizadas em cada lugar do Brasil, onde são discutidas questões que venham trazer benefícios e visibilidade para as Danças de Quadrilhas.

Hoje a associação, ela tem um papel fundamental, nós conseguimos fazer uma revirada na associação e hoje a associação o maior trabalho que ela tem é divulgar o trabalho das Quadrilhas Juninas paraense no Brasil, porque hoje a gente ver que não porque tu gasta 40, 50 mil e ganhar um prêmio e não ir disputar com as melhores do Brasil, então esse trabalho da associação ele existe, mas pra ele existir a gente tem que participar de todas as assembleias em qualquer estado como agora aconteceu no Rio de Janeiro, como aconteceu em Palmas, então todos os estados, que são marcadas reuniões nós temos que estar presente, porque se nós não fizermos a nossa presença, não contribuir com a nossa fala, com o nosso material discutindo sobre o regulamento o que vem, nós ficamos de fora e isso é um custo muito alto pra associação, porque nós não temos recurso, as entidades das Quadrilhas Juninas não pagam mensalidades, então cada diretor que está dentro da AQUANTO eles gostam eles vestem a camisa, eu enquanto fundadora que sou eu acho que, eu prefiro comprar a minha passagem e representar meu estado, e atrás de mim tem vários grupos de Quadrilha quando eu vou sozinha, eu prefiro fazer isso do que eu comprar alguma coisa pra mim, porque eu sei se eu não for quem vai ser penalizado é o meu estado, e meu estado quando eu falo é o meu estado junino, então eu vejo esse compromisso, então a AQUANTO faz essa divulgação (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Ademais, isso proporciona mais incentivo aos grupos de Quadrilhas Juninas paraenses, que desenvolve a Dança de Quadrilha como uma forma também de

perspectivas melhores e elas acabam tendo oportunidade de participar no concurso nacional de Quadrilhas, em que, a AQUANTO se responsabiliza em levar o grupo como aconteceu com o grupo de Quadrilha Fuzuê Junino de Belém, foi campeã no concurso nacional em Tocantins.

Portanto, a Associação produz um trabalho de referenciar as Danças de Quadrilhas paraenses para o fortalecimento regional dessa manifestação cultural, informando os grupos de Quadrilhas, levando-os a participar do concurso nacional e trabalhando de forma participativa e eficaz para a divulgação da região. A AQUANTO se dispõe sempre em atender a comunidade quadrilheira que tem na Dança de Quadrilha sentimento intenso.

“No âmbito interno, as associações incutem em seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público” (PUTNAM, 1996, p. 103). A AQUANTO, trabalha de forma comunitária e busca apoio governamental ou empresarial para a continuação do fomento da atividade que pratica, resultando na significância do reconhecimento no concurso de Quadrilha nacional, em que o grupo de Dança de Quadrilha paraense se destaca pelo seu diferencial conquistando títulos como campeã.

Dança cultural, que cada lugar possui à sua maneira com características próprias do lugar na vestimenta, no cheiro e na coreografia, com o mesmo objetivo de festejar o mês junino. De fato, cultura é um cultivo ativo no ser humano fazendo parte de sua memória e embutido de costumes, crenças e valores (ROQUE, 2012).

Para tanto, algo intangível que não pode ser tocado, mas sentido e apresentado de conhecimentos acumulados, no qual, absorveu a partir da dinâmica histórica se perdurando até a atualidade fortalecendo o patrimônio cultural imaterial (FUNARI; PELEGRINI, 2006). E isso, equivale a Dança de Quadrilha por ser sustentada de sentimento apregoados nos indivíduos, tanto dos quadrilheiros como a Associação e a Federação de Quadrilhas que trabalham não por interesse individual e sim coletivo e voluntário.

E assim a Sr.^a Itamar dirigente da AQUANTO se sente tão envolvida com a Dança de Quadrilha em seus longos anos de participação.

Hoje a Quadrilha Junina pra mim, é um membro da minha família, eu vejo a Quadrilha Junina como uma pessoa da minha casa, da minha família, do meu convívio, porque quase 50 anos que eu convívio com as Quadrilhas e não só em Belém, então quando eu olho uma Quadrilha junina, no Rio de Janeiro que foi o último estado que eu tive na reunião, fiquei lá 8 dias eu vi como eles trabalham eu me sentir parte deles, porque eles fazem de uma maneira

diferente, mas eles fazem exatamente como eu faço, nós fazemos diferente mas fazemos a mesma coisa então o que eu vi eles fazendo eu faço é o que milhares de quadrilheiros fazem, então existe sim aquela vaidade que acham que por não conseguirem ter feito o que eu já fiz e eu não falo isso por vaidade, mas eu falo isso porque é a realidade, eu vejo que poderia sim deixar a sua casa como deixei várias vezes e deixasse sua família como deixei várias vezes, que deixasse seu emprego como eu já fiz, então pra mim a Quadrilha Junina não é um grupo ela é um membro da minha família (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Percebe-se, o grande sentimento apresentado aqui pela dirigente, e não encurta esforços para que possa representar o estado do Pará nas demais regiões, que ocorre as assembleias, se resume como exemplo de amor pela Dança de Quadrilha fazendo parte de sua família por quase meio século.

Todavia, a memória é constante trabalho que processa informações (BOSI, 1994). E assim, o vasto conhecimento que se encontra em pessoas de longa participação em um meio cultural, transmite aos demais orientando-os para trabalhos posteriores seja na dança ou coordenação de Quadrilha Junina, conhecimentos adquiridos e transmitidos.

Pois, de modo fornecer benefícios comunitários como foi citado pelos grupos de Quadrilhas anteriores, a Associação também apresenta essa visão em relação a Dança de Quadrilha e tudo o que ela proporciona em meio ao movimento junino.

Quando você tem um grupo de Quadrilha Junina, ela pode transformar, mas você pode sim transformar na sua comunidade a Dança de Quadrilha Junina de um elo, de um serviço de assistência da tua comunidade, mas pra isso você tem que estar totalmente legalizado não necessariamente com o CNPJ, mas você tem que ver se trabalha com menor tem que tá dentro do estatuto, você tem que ir nos órgãos competentes, buscar meios pra melhorar tua comunidade porque eu vi isso em outros estados eles estão ligados com os CRAS, eles estão ligados com a FUMPAPA.

Quando se fala o movimento Junino, fala do que ele faz durante o ano, ele não para, ele se movimenta ele traz coisas pra essas realidades juninas, no caso do Pará em especial o movimento junino participa de outras atividades como aqui no Pará ele só apresenta a sua transformação o seu trabalho e sua finalização no mês de junho. Já existe Quadrilhas ensaiando, então o movimento junino já está se aquecendo, e já tá aquecendo a economia de mercado, ele já tá fazendo todo esse ciclo, todo esse comprometimento dos grupos juninos com as Danças de Quadrilhas Juninas, já tão fazendo se aquecer, já começaram com as compras, as pesquisas, já começaram a contratação, já começaram fazer um planejamento esse ano como o Nacional vem pro Pará em 2016, o tema é amazônico já tem a pesquisa do que é a música, cenário porque vai ter a utilização né, a gente trabalha hoje com temático e o ciclo junino, ele na verdade, ele é um ciclo temático (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

A partir, das visões dos quadrilheiros assim como a Associação de Quadrilhas, o ciclo junino, está intimamente ligado com a economia, ações sociais em

comunidade, oportunizando novas formas de entreter e motivar fazendo parte do ciclo junino, favorecimento para um bem comum que todos possam beneficiar-se continuamente.

Todavia, a Dança de Quadrilha passa ser vista além de uma festa lúdica, mas um ciclo que traz inúmeros fatores contribuintes ano após ano. Porém, assim como os grupos, a Associação de Quadrilhas aponta a pouca valorização pelo poder público, a ajuda de recursos financeiros é mínima para essa ação cultural.

Eu vejo que a única coisa, que eles fazem é uma promoção dentro do sistema do governo, hoje a gente tem uma parceria muito grande com o governo, mas o que eu vejo, é que só existe um evento, este evento é no CENTUR e esse evento diz quais são as 10 melhores do estado, onde não participa o estado todo, então a nível de valorização eu vejo que é muito pequeno, porque a AQUANTO faz isso mas ela é uma instituição não governamental, que procura parceiros pra poder andar, engatinhar, mas o estado tem a máquina na mão do que pode se dizer gestão pública, ele tá com o cargo, ele é o cargo, ele é o órgão competente ele existe, ele funciona pra essa finalidade, e isso que eu vejo é uma grande perda com o movimento junino, porque ele está aqui e o movimento está aqui e nunca consegue equiparar, você nunca viu uma avaliação no CENTUR, se tu quiser se inscreve e se não quiser não adianta, então hoje você não escuta o órgão dizer que você quer? Ou o que você pensa? Você é um anônimo (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Esse fato, é uma realidade das dificuldades que os grupos juninos se deparam, eles não são ouvidos, reconhecidos e desenvolvem um trabalho muito importante na sociedade, além de trazer o lazer e diversão são atores que podem transformar e mudar uma realidade.

É preciso, que se tenha uma política cultural acentuada para o atendimento de grupos culturais como a Quadrilha junina. “[...] é realmente muito reduzida a atenção dada por políticos em geral [...] às políticas públicas da área cultural, sejam elas oriundas de órgãos federais, estaduais ou municipais” (MACHADO, 1984, p. 07) A atenção, de uma política cultural que possa de fato atender os grupos de Dança de Quadrilha é realmente reduzida, uma das manifestações culturais que realizam grandes trabalhos que podem trazer chances de mudanças para bairros da periferia.

No entanto, pela pouca presença da gestão pública cultural para com a Dança de Quadrilha, não abala o fortalecimento dessa dança de contínua caminhada por gerações, já se consideram um patrimônio cultural, “porque é vida é energia é dinâmica, claro que é um patrimônio cultural, mas que um patrimônio é o que faz as noites de São João ficar mais alegre” (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista

concedida em 12 de dez. 2015). E esse sentimento tão profundo, assim como da comunidade quadrilheira, faz com o que eles possam sempre reviver e não desistir de algo que se encontram tão pertencentes.

“O patrimônio expressa a identidade histórica e as vivências de um povo. [...] É a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida a gerações futuras” (RODRIGUES, 2012, p. 04). E assim se encontra a Dança de Quadrilha no interior das comunidades que praticam e compartilham.

Ademais, as transformações da Dança Quadrilha Junina no cenário paraense correspondem ao que a Sr.^a Itamar (dirigente da AQUANTO) descreve para nós.

Ela é vista como uma dança estilizada, ela não é vista mais como aquela Quadrilha Junina tradicional, ela tem duas visões uma rural, uma urbana, só quando você vai pra Quadrilha rural aquela Quadrilha da fitinha, do patchouli, do tamanquinho que era o que usava e a anágua feito no paneiro que não é mais, eles já sofrem e já vieram sofrendo a intervenção na década de 1990 das academias, quando começou em 1970 ela tinha um molejo uma dança diferente era uma coisa muito roceira, muito de batida, quando dançava levanta poeira era terreiro, nós dançávamos em terreiro o asfalto não era pra gente, a gente não pisava em asfalto, então era em praça e em praça a gente sabia que era terreiro, eles faziam os terreiros para as Quadrilhas (Itamar Oliveira, dirigente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO), entrevista concedida em 12 de dez. 2015).

Para tanto, as transformações é algo evidente na cultura, não deixa de fazer parte da dinâmica temporal, passando por novos incrementos nos trajes até as suas apresentações, ou seja, inovam atribuindo novas características, detendo de referência do que foi e os passos tradicionais sempre ali presentes em meio a coreografia inovada. (ALMEIDA, 2001). Portanto, o sentimento, as ações, as obrigações voluntárias e a importância que se elevou pela comunidade, faz que a Dança de Quadrilha se torne um mecanismo de revolução local. E o papel da gestão pública cultural, se encontra em uma pequena parcela de contribuição e valorização informada pelos quadrilheiros, veremos a seguir a relação deles com as Quadrilhas Juninas.

5. GESTÃO PÚBLICA E O RELACIONAMENTO COM AS QUADRILHAS

Os órgãos públicos, que mantêm relação com os grupos de Quadrilha de Belém do Pará, primeiramente Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), no qual, realiza o arraial junino do estado, onde vários grupos de Danças de Quadrilhas do município do Pará e de Belém participam; Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), este realiza o arraial junino do município que apenas os grupos de Danças de Quadrilhas belemense participam e Fundação Cultural Abaetetubense, realiza o arraial junino no município de Abaetetuba.

5.1. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR)

No CENTUR, o departamento de interação cultural é o principal organizador do evento denominado Arraial de todos os Santos, em 2015 foi o 12º concurso realizado com apresentação de 132 grupos de Danças de Quadrilhas Juninas (jovens e adultos) e 28 grupos de Quadrilhas Mirins (crianças e adolescentes).

O diretor⁶ atual do departamento de interação cultural, participa desse meio desde a década de 1980, foi ligado ao grupo de cultura da secretaria municipal de educação e cultura do município, desse grupo, foi se construindo o departamento de cultura e por fim criada a Fundação Cultural de Belém (FUMBEL). Chegou a dirigir na época, a divisão de apoio às manifestações populares (Pesquisa de campo, 2015).

Pois, o envolvimento do diretor é uma das ações necessárias, que a pessoa para lidar com determinada área, deve conhecê-la e contribuir de forma eficaz, para ele a Dança de Quadrilha é muito importante.

Eu entendo, como uma companhia de dança de trabalho que se articula o ano inteiro de forma muito intensa, eles são super organizados tem toda uma forma própria de se articular, manter assim toda um movimento em ação, os jovens da comunidade tem esse perfil assim, porque na verdade é uma cadeia de produção que faz o figurino, os adereços que organizam todo um labor assim que é uma forma de organizações de trabalho muito característico dos grupos (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

⁶Walter Figueiredo, Diretor do departamento de interação cultural - CENTUR

Há uma visualização de importância da atividade da Dança de Quadrilha, o reconhecimento do mesmo pelo trabalho desenvolvido e é identificado a cadeia de produção que a Quadrilha Junina favorece para o local, porém, há recurso para o evento junino, mas, para os grupos juninos não tem, apenas premiações no concurso referente ao grupo que mais se destacar. No entanto, para a organização do evento junino, onde são esperadas as Danças de Quadrilhas se estende em um amplo trabalho.

Este ano foi uma situação atípica, porque, a gente assumiu e aí todo um trabalho a gente precisou ter pra alinhar todas essas estruturas, instituto de artes, fundação curro velho e etc., isso temos operacional, técnico em fim, engenharia, todo um arcabouço de funcionamento e aí concursos de Quadrilha alias São João, carnaval, tudo vem à tona, turbilhão de coisas e etc., e a gente na verdade vem ter uma reunião próximo do evento, por causa dessa realidade, inclusive uma das propostas nossa era realizar esse concurso de Quadrilhas em várias regiões do Pará, e ter um representante vencedor de cada região viriam para uma final aqui e os quadrilheiros da região metropolitana a grande maioria disseram não, o concurso estadual tem um percentual considerável quase 80 grupos que vem ou até mais grupos que vem do interior, tem gente que vem de Parauapebas, de Breves, Marajó de área que tem uma cultura mesmo de participação de intercâmbio (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

“As organizações em geral, e as organizações públicas em particular, se encontram em meio a profundos desafios para os próximos anos. [...] exigências cada vez mais específicas dos destinatários ou usuários desses serviços” (VIDAL, 2011, p. 25). A gestão pública da área cultural, deve se comportar de forma coerente e ouvir seu público, quando a gestão quer algo e o público não quer, então atende o público e entra em um consenso, foi o que aconteceu no CENTUR, então até aí percebe-se, a compreensão da gestão pública com os produtores culturais.

Contudo, ocorre um grande trabalho anualmente para a organização do evento junino, como é relatado pelo diretor do departamento cultural do CENTUR.

Tem uma equipe interna aqui, ela já vem com uma cultura de organizar esse tipo de eventos né, quando chega esse momento do arraial de todos os santos, a gente mobiliza todos os funcionários que tem relação com esse trabalho envolve todas as áreas o campo verbal das cênicas, da musical compõem o corpo da organização, campo da formação, o aprofundamento e aperfeiçoamento (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

Existe uma mobilização interna, para a realização do arraial junino ano após ano concretizando o evento tão esperado, não só pelas Quadrilhas Juninas que gostam de participar dos concursos, mas também, pelo grande público que se manifesta para assistir as Danças de Quadrilhas. Onde, no espaço realizado do

evento possui seguranças, comidas típicas, músicas regionais, grupos de carimbó e todo colorido da festa.

[...] Produtor e público são sensibilizados pela beleza de elementos que refletem o cotidiano da sua cidade. São milhares de pessoas envolvidas em um processo de criação coletiva. E cultura é processo. É um processo constante de mutação, de agregação, de canalização de fatores para finalizar em algo que vai continuar sendo processo (ALMEIDA, 2001, p. 31).

Pois, os produtores da Dança de Quadrilha Junina mobilizam muitas pessoas para os lugares de apresentação, instigadas pela criatividade dos grupos na dança, vestimenta e muito aplaudidos por suas apresentações.

Entretanto, no CENTUR não há um mapeamento das Quadrilhas Juninas do Pará, na verdade, lançaram um programa chamado seiva em 2015, que são programas de editais, que tem o edital de prêmios de manifestações culturais e já vem ter esse caráter de mapeamento, porém, envolve vários grupos culturais e não somente Dança de Quadrilha Junina (Pesquisa de campo, 2015).

Além da Dança de Quadrilha, o departamento de interação cultural li dá com outros grupos culturais de incentivo e valorização maior, por parte deles.

Os cordões de pássaros, boi-bumbá, folia, grupo de forro e vários grupos de tradições, lá em Óbidos tinha um grupo que não saia há anos de lá, garcinha, um folguedo de cordão de pássaro e com esse encontro lá, eles reacenderam e entrou também o grupo de Santarém, Alenquer, Oriximiná, Juruti, as prefeitura já si ofereceram fazer ano que vem, uma cultura de interação regional de alto reconhecimento dos seus tesouros culturais, manifestações assim importante, eles recebem toda a logística em relação ao traslado e mais o cachê, a gente na verdade propicia esse encontro e com as Quadrilhas não, com as Quadrilhas a gente não tem isso, por ser muitas, pra fazer uma Quadrilha de uma forma assim é muito mais espontânea tu tem um núcleo até de mais sedimentado de jovens é diferente de um grupo de tradição que na maioria das vezes a idade já tá assim numa situação, transforma né também você tem de linguagem, por exemplo, no pássaro você tem a questão dramaturgia, da visualidade você tem toda a questão da interpretação, tem a música, a dança você tem na verdade não só uma linguagem mas outros elementos e na Quadrilha você não tem na verdade um corpo musical é mais a dança, é mais livre, então até em função de recursos a gente em modo de prioridade vem atender esses outros grupos que na verdade dependem de auxílio pra poder se manter como um referencial, então não tem incentivo como recursos para a Quadrilha, mas tem premiações todo uma organização (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

Portanto, isso esclarece o porque não há incentivo de recurso financeiro por parte desse órgão público cultural para com as Danças de Quadrilhas, na verdade, os grupos juninos não recebem incentivo financeiro, porque não tem recursos destinados para os mesmos, apenas para organização do concurso de Quadrilhas e premiações para apenas as melhores apresentações.

No entanto, para o diretor do departamento cultural do CENTUR, a Dança de Quadrilha é um potencial de contribuições à comunidade.

Ela é essencial, ela tem um potencial assim de amizade entre eles como se fosse uma comunidade, se propõe a dançar a se juntar, se unir é um grupo de pessoas que se encontram meses naquela coisa super positiva são pessoas mais leves, são pessoas que tem um prazer maior, entusiasmo eu acho que essa relação comunitária, isso humaniza a convivência entre as famílias aquelas pessoas e aí se juntam tem muitos casos de pessoas que se uniram se relacionaram, em fim a partir desses encontro né, uma forma de convivência, solidariedade, união, de liberar seu jeito pra vida uma coisa despojada.

A relação com o mercado, tem que criar uma boa estratégia de tornar essa prática um bem maior, além do que já vem ser, você tem digamos 50, 100 grupos sei lá ocupar a época do cívico ou criar uma própria não depende da época que já estão constituída, criar um habito pra cidade tirar um final de semana para as Quadrilhas dançarem aí você vai pra vários pontos chamando as pessoas é uma cultura da dança e não passa pela questão de melhor ou pior, dança como expressão do espírito, do corpo essa singeleza do movimento acho que é do habito pra constituição de um corpo estratégico de convencer uma busca uma procura como aferir, a partir daí, essa relação então se tu faz com que a cidade dance, goste ela vai querer isso como uma possibilidade de potencial de atração, de economia tem que se articular pra poder se consolidar, fazer parte do dia-a-dia de todo mundo.

Ela tem economia assim muito pontual, tem os coreografo que são criativos e muito disputados, a questão do figurino, a costureira é um setor da economia que é muito, vamos dizer é bem especifica porque se tu constitui por exemplo, um atelier que venha se desdobrar ao longo do ano produzindo materiais a luz dessa estética vai desenvolver produtos, novos designes, estilos, objetos isso geraria uma diversidade de produtos, o trabalho mais de forma assim trabalho de um espaço que possa gerar economia criativa, mas ela tem uma vida própria e move e gera ligada a questão do campo do evento eles se apresentam em vários pontos, eles tem todo um financeiro, uma organização que eles saem se apresentam e se juntam depois confraternizam, é uma explosão de alegria (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

Mediante a argumentação por parte do diretor do departamento cultural, em relação ao que a Dança de Quadrilha revela em virtude à comunidade e o que ela pode proporcionar é significativa. Então, por que o departamento de interação cultural não levanta mais esforços para um olhar com mais sensibilidade ao que os grupos juninos precisam, preferem, suas opiniões e argumentos, de modo, valorizar e incentivar esses grupos que se disponibilizam anualmente. E para conseguirem se apresentar, com muitos esforços os quadrilheiros criam uma caixinha para possível levantamento de recursos financeiros, providenciam bingos, churrascos e entre outros para arrecadação de verba, para que finalmente possam estarem prontos para o dia da apresentação, já que o CENTUR não disponibiliza uma contribuição de recurso para os mesmos.

E com isso, durante a observação de participação, pode ser verificado, grupo de Quadrilhas sendo desclassificados no concurso, motivo, não conseguiram aprontar todo o grupo para estarem naquele momento e outros por motivos de falta de transporte para locomoção do grupo, no qual o CENTUR não disponibiliza. Questão delicada, que pode ser mais vista e estudada possibilidades de contribuições financeiras para os grupos, através do departamento de interação cultural, já que o mesmo verifica a importância da Dança de Quadrilha na comunidade.

“Considerando a organização política [...] as políticas públicas se constituem o resultado de uma correlação de forças sociais, conjugando interesses específicos e/ou de classes” (BONETI, 2006, p. 91). Os grupos juninos precisam se fortalecerem mais, para que seus interesses sejam ligados a uma relação conjunta que consiga atingir a gestão pública cultural para mais desempenho para com eles, levando em consideração o trabalho social que praticam, fortalecendo-se para âmbito maior, possibilitando para uma política mais sensata e convergente para essa atividade cultural.

Entretanto, o departamento cultural, percebe a tão importância da Dança de Quadrilha, que pode vir se tornar patrimônio.

Na realidade, a Dança de Quadrilha, ela tem assim uma presença em todo o Brasil ela tem uma força, ela é uma força universal que tem em outros continentes então ela não é patrimônio brasileiro é patrimônio da humanidade, porque imagina a Dança de Quadrilha ela é uma dança estrangeira que veio e ficou, ela vem se expandindo, ela cresce como uma força importante, ela vem tendo essa constância de trabalho, eles falam muito de espaço pra ensaios, eles resolvem isso assim de uma maneira, tem Quadrilha que ensaia no pátio de casa, na rua, na praça já tem um território enraizado, quando ela ocupa aquele espaço torna realmente uma característica. E assim, elas vão buscando saber, buscando alternativa de resolver essa questão de resistência do trabalho, eles precisam ser mais valorizados, precisa ter uma prática de não só se apresentarem em eventos de ir pra uma rua, pra uma casa, fazer parte da vida daquela cidade, então faz parte do patrimônio coletivo (Diretor do departamento de interação cultural da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), entrevista concedida em 10 de dez. 2015).

Outra consideração importante, levantada pelo diretor do departamento de interação cultural do CENTUR, pensamento que não se restringe apenas aos grupos de Quadrilhas, mas também pelo órgão que atua diretamente com essa manifestação cultural, entretanto, ao mesmo tempo que a gestão pública cultural reconhece a relevância da Dança de Quadrilha, mas o mesmo não apresenta esforços para erguer contribuições tanto financeiro quanto de valor para os produtores culturais da Dança Junina, contradição que se evidencia, de modo, que a Dança de Quadrilha é

importante sim, mas o órgão não mobiliza esforços contribuintes aos grupos juninos. No entanto, o “patrimônio cultural, não é mais que a memória de nós mesmos e, também por isso, são referenciais, sociais, espaciais, históricos e existenciais” (CRUZ, 2012, p. 100). Percebido no âmbito da atividade, que se constrói por anos fazendo parte de nós, em que, os grupos juninos se identificam dessa maneira, no entanto, a crítica que eles mais levantam, apesar do que o departamento de interação cultural apresentou, é pouca valorização e incentivo, isso se dá pela falta de recursos financeiros da parte do órgão que não chegam a todos e pelo pouco envolvimento com os grupos juninos em reuniões tanto antes do arraial junino, como depois não há.

5.2. Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL).

A FUMBEL, atua mais tempo com as Danças de Quadrilhas em Belém, no qual realiza também o evento junino denominado Arraiá da Capitá, atualmente no Portal da Amazônia, se apresentaram no concurso de Quadrilha 2015, a cerca de 59 Danças de Quadrilhas adultas e 18 Danças de Quadrilhas Mirins.

O concurso de Dança de Quadrilha Junina, na verdade, ele já vem sendo realizado há mais de 25 anos, porque quem realizava anteriormente direcionava a cultura no município era a SEMEC, Secretaria de Educação e Cultura, quem fazia os concursos de Quadrilha era o DETUR, que era o departamento de Turismo da prefeitura, depois foi a SEMEC depois passou ser feita pelo departamento de cultura e lazer da SEMEC, em 1990 foi criada a fundação cultural FUMBEL, a partir daí dessa criação deixou de ser departamento de cultura e lazer da SEMEC e passou ser FUMBEL, e aí foi quando nós viemos para Fundação, a FUMBEL enquanto órgão direcionadora da cultura gestora do município ela é realmente de 1990, começou realmente realizar o arraial de Belém (Técnica em assuntos culturais da Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), entrevista concedida em 14 de dez. 2015).

No entanto, a FUMBEL e o CENTUR realizam os eventos em semanas diferentes, para que o público paraense possa assistir, assim também para que as Quadrilhas de Belém possam se apresentar nos dois eventos juninos de grande porte, recebendo um número considerável de pessoas, além disso, o evento Arraiá da Capitá comporta outros elementos que fazem parte da festa: a Dança de Quadrilha, comidas típicas, brinquedos, apresentação de bandas locais, dança de carimbó, vendedores ambulantes e policiamento.

O evento “como elemento de agregação de valor social, político, cultural e econômico para a comunidade, o evento se multiplica em extensões diversas e contribui para o desenvolvimento da comunidade” (NETO, 2005, p. 61). Isso ocorre,

sucessivamente a cada planejamento da festa induzindo a novas perspectivas de contribuições para a comunidade.

Pois, a organização do evento realizado pela FUMBEL, demonstra um papel importante, trabalhando junto com os grupos de Dança de Quadrilhas.

A cada ano, a gente faz após o concurso das Danças de Quadrilhas, avaliação, a gente avalia não só a questão do regulamento, questão de local, questão de infraestrutura, ano após ano a gente faz essa avaliação, a gente tenta adequar o próximo concurso, então assim a gente tá sempre trabalhando em parceria com aqueles que produzem, os grupos, a gente sabe que é difícil essa produção a gente entende isso, muitas vezes eles ensaiam na rua, não tem mais segurança, são jovens, são crianças, adolescentes então eles tem uma dificuldade muito grande, mas a gente tá sempre próximo de adequar essa programação pra que realmente, a gente não tenha problema com juizado de menores, com a questão de segurança a gente tem que sempre tá buscando meios pra tá trabalhando em parceria, ajustar cada vez melhor, porque o que a gente percebe é que a programação junina ela cresce ano após ano, você ver um trabalho qualitativo na realidade, dos grupos eles tem prazer em fazer isso né, buscar meios pra que sejam as 10 melhores Quadrilhas de Belém premiadas no final do festival (Técnica em assuntos culturais da Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), entrevista concedida em 14 de dez. 2015).

Mediante a fala da técnica⁷ em assuntos culturais da FUMBEL, percebe-se algo muito importante, eles realizam uma avaliação antes e depois do evento junino com os grupos de Dança de Quadrilha, e identifica uma das grandes dificuldades dos grupos por não terem um espaço adequado para os ensaios, por envolverem jovens, crianças e adolescentes, quem dirá um bom recurso financeiro para arcar com a despesa de todo o grupo.

Apesar das críticas negativas, que a FUMBEL recebeu pelos grupos juninos apresentados anteriormente, porém, ela identifica que eles passam dificuldades, então, por que o órgão não ajuda a mudar um pouco a realidade deles como um bom patrocínio ou uma subvenção que eles possam alugar um espaço temporário, ou que o próprio órgão possa ceder um espaço e essa subvenção além do auxílio montagem (que é bem pouco) pudesse contribuir para o desenvolvimento do trabalho do grupo durante o primeiro semestre, que se preparam para o grande dia da apresentação.

Um dos problemas (como as dificuldades financeiras, espaço para os ensaios e transporte) mais encontrados em meio aos grupos de Dança de Quadrilha Junina, porém, não há uma forte visibilidade para os grupos por parte da Fundação Cultural, então, ela poderia contribuir para ações mais eficazes de fato para com eles.

⁷Nair Laura Goes, Técnica em assuntos culturais – FUMBEL

Entretanto, as reuniões com os grupos não são consecutivas, elas ocorrem mesmo antes e depois do arraial junino, no caso é a avaliação, informando a questão do cronograma para inscrição, documentação necessária, a questão de idade para os grupos de Quadrilhas Mirins e critério de participação para os grupos.

Todavia a Dança de Quadrilha para a FUMBEL, demonstra hoje características bem diferenciadas, do que foi quando chegou ao Brasil.

A Quadrilha Junina pra FUMBEL, pra prefeitura de Belém, é um grupo característico da quadra junina, porque o próprio nome já diz Quadrilha Junina, que traz justamente, ela mostra a tradição dessa manifestação oriunda bem de lá da época dos escravos e foi quando começou justamente aparecer esse tipo de dança, mas especificamente pra nós né, porque na verdade, ela é oriunda dos salões franceses e hoje ela tem uma outra característica bem diferenciada e se você observar continua ainda, com uns lances em relação da própria dança que você consegue identificar se você souber um pouco do histórico você consegue identificar, através das apresentações delas, a questão dos passos e tudo mais (Técnica em assuntos culturais da Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), entrevista concedida em 14 de dez. 2015).

A Dança de Quadrilha é tão prestigiada pelos paraenses, como foi falado pela técnica da FUMBEL, ainda pode-se identificar um pouco do histórico nas apresentações em relação aos passos executados em meio a coreografia reelaborada, como foi tratado bem no início do trabalho, quando se fala da Dança de Quadrilha especificamente.

Cada contexto histórico e cultural traz em si mudanças, embora as manifestações mantenham intrínsecos alguns valores que fundamentam sua existência e que, por isso mesmo permanecem orgânica e psicologicamente arraigados. Porém, as variantes surgem como exigências ditadas pelas condições sociais e pelo momento histórico vivido (ALMEIDA, 2001, p. 31).

Para tanto, a Dança de Quadrilha Junina é uma ação vivida e contemplada pela comunidade, de valores internos (sentimentos) pela comunidade quadrilheira em sua maneira de ser, reviver, recriar e sentir a dança. E com o passar do tempo, surgiu novas atribuições da Dança de Quadrilha à comunidade.

“[...] O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer” (BRANDÃO, 1982, p. 39). Ou seja, continuam a ser produzidos sem perder suas referências⁸.

⁸O termo, “referência” é de uso corrente na linguagem cotidiana, pelo menos em um registro culto. Etimologicamente, vem do verbo latino *referre*, que significa “levar”, “transferir”, “remeter”. Pressupõe uma relação entre dois termos, um movimento em determinada direção (FONSECA, 2012, p. 36).

Os grupos de Danças de Quadrilhas, remetem aos passos conhecidos como tradicionais, que foram elaborados tanto no palácio como reelaborados na zona rural e que hoje se manifesta na comunidade com emoção, amor e criatividade.

Todavia, essa manifestação cultural recebe um pequeno incentivo da FUMBEL, durante o concurso de Quadrilhas, como descreve a Técnica em assuntos culturais.

A prefeitura de Belém, além da infraestrutura e da premiação que as 10 melhores Danças de Quadrilhas recebem, no caso, a adulta e a mirim são 5 melhores que recebem até o ano passado, eles recebem um apoio que chamamos auxílio montagem ai é um apoio financeiro, justamente pra contribuir com o traje, a confecção do traje, porque a gente sabe que é um valor bastante elevado pelo material que eles usam, então a prefeitura disponibiliza esse valor pra tá contribuindo, justamente, essa é a forma de incentivo pra eles também tem uma outra coisa que nós estamos trabalhando que é a gente faz como se fosse uma divulgação que antecede a programação do arraial nos semáforos (Técnica em assuntos culturais da Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), entrevista concedida em 14 de dez. 2015).

De acordo com os grupos de Quadrilhas, o auxílio montagem, não chega nem perto do que eles realmente gastam durante a produção do traje. Entretanto, já é uma colaboração para os grupos, um pequeno incentivo que a gestão disponibiliza para poder darem início ao trabalho do traje.

“Uma política de cultura deve levar em consideração a ética do humanismo e o respeito à espontaneidade da criação popular” (COHN, 1984, p. 93). Os grupos culturais da Dança de Quadrilha, só querem ser mais valorizados e também envolvidos no processo do planejamento e desenvolvimento do arraial junino, porque são eles os principais atores do qual se estendeu o processo da festa, se alargando para consideráveis ações para o local e comunidade.

Entretanto, as contribuições, que a Dança de Quadrilha acarreta para o município é bem vista pela Fundação Cultural de Belém.

Na verdade, o que a gente observa, ano após ano essa manifestação vai formando um grupo maior, você ver pela questão do público que assiste a programação que busca, acho que é de suma importância pro município enquanto processo cultural, enquanto manifestação cultural pra cidade, porque já pensou se a gente chegasse a prefeitura não vai realizar a programação do São João, uma coisa já tradicional né ano após ano, vem acontecendo, então é assim acho que pra Belém é muito importante uma manifestação que realmente o público gosta, incentiva porque também vem o incentivo do público e tem sido muito bom, a gente observa que é um dos projetos da prefeitura que tem um público muito grande de visibilidade não só pra cidade como outros municípios.

Os benefícios são fantásticos em relação à economia, você observa tipo assim, que o comercio né, nas lojas elas buscam justamente o material pra trabalhar porque são materiais que não são baratos são materiais caros e que cada grupo usa um montante muito grande desses materiais, porque são materiais pensados, planejados confeccionados e além disso vê a economia alimentar, porque há vendas de produtos, brinquedos e bebida, porque acaba

acontecendo a questão do parque também então são vários fatores que existem, é uma injeção na verdade na questão econômica por conta do São João, do arraial, da apresentação das Quadrilhas Juninas (Técnica em assuntos culturais da Fundação Cultural do município de Belém (FUMBEL), entrevista concedida em 14 de Dez. 2015).

Este depoimento, retrata um conjunto de pensamentos parecidos em relação aos grupos de Danças de Quadrilhas e gestão pública, que ver nessa atividade cultural oportunidade, que ano após ano há possibilidade de crescimento para economia local. Uma Dança que proporciona um leque de atividades para a comunidade, mas o principal motivo da dança existir na comunidade, ela foi cultivada pelas pessoas latente em suas memórias se estendo a cada novo indivíduo, deixando seu legado.

Então, porquê a gestão pública da cultura não adentra a uma política cultural nítida para os grupos juninos, se a mesma verifica a importância que através da Dança de Quadrilha impulsiona todo um movimento que gera oportunidades. Sendo que há uma necessidade de política pública para com essa manifestação cultural, de modo, eficaz e sucedida, que possa traçar mecanismos que colabore para a atividade junina com grande participação dos grupos juninos, não apenas no período da festa, mas antes como depois, porque os grupos juninos não param suas atividades devido a questão do trabalho social com crianças e adolescentes, e planejamento sobre a dança junina para o ano seguinte, no qual se tornou um ciclo junino.

Por conseguinte, a memória e o patrimônio se entrelaçam suscitando uma questão relevante exaltada pela comunidade, a Dança de Quadrilha, segue esse caminho, um caminho que se perdurou desde sua chegada e que hoje é muito cultivada pelos seus produtores. [...] A memória social legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, ao patrimônio (RODRIGUES, 2012, p. 04). Portanto, o patrimônio é apontado pelas pessoas de um grupo, o que elas consideram e sente seu de forma natural e passa a ser executado, contemplado, visitado frequentemente em um dado período ou no cotidiano, observado de várias formas. Ademais, veremos a seguir a Fundação Cultural Abaetetubense.

5.3. Fundação Cultural Abaetetubense

O concurso de Dança de Quadrilhas em Abaetetuba, ocorre desde 1992 e a gestão atual da Fundação Cultural Abaetetubense, realiza o evento desde 2009 diferentemente do CENTUR e FUMBEL, eles disponibilizam uma subvenção que vem

acontecendo desde 1992 (o valor é em torno de R\$ 5.000, 00 à 7.000,00), um valor que ajuda bastante os grupos, também quando o grupo de Dança de Quadrilha precisam de transporte sempre que a gestão local consegue, ela cede o ônibus para o deslocamento do grupo para outros municípios.

A Fundação Cultural atua, com trinta grupos de Danças de Quadrilhas adultas e trinta Quadrilhas Mirins (crianças), havendo reuniões consecutivas com os grupos. E o evento que eles realizam é denominado arraial junino e a Dança de Quadrilha se tornou também importante para o município, como relata o diretor⁹ do departamento cultural da Fundação Abaetetubense.

São movimentos importantíssimos, porque eles preservam uma cultura popular que está na raiz do nosso povo, daqui nessa região, mesmo ela sendo talvez importada, mas ela é muito real é nossa e a Abaetetuba é uma cidade que tem muita influência muito grande nesse sentido, nós temos um evento muito grande de quadra junina são 8 dias de espetáculos aqui, nessa área todinha aqui, dentro do ginásio temos concursos aqui fora um arraial grande, a gente abre espaço pra todos os grupos juninos que vem não só da cidade como dos interiores que vem ((Diretor do departamento cultural da Fundação Cultural Abaetetubense, entrevista concedida em 11 de dez. 2015).

A Dança de Quadrilha, é elevada por quem organiza o arraial junino e pela a comunidade que assiste, assim como por quem a pratica, de modo, que é fortalecida culturalmente pelo povo. “Cultura passa ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão totalizadora, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade” (SANTOS, 2006, p. 41). A Dança de Quadrilha, se tornou uma dimensão cultural muito bem empregada pela comunidade.

No entanto, o trabalho da Fundação Cultural assim como as gestões culturais anteriores, exerce um papel de trabalho para o desenvolvimento e organização do grande evento cultural e junino para a Dança de Quadrilha Junina. Mas além dela, outras coisas foram sendo atribuídas durante os dias de apresentações no município de Abaetetuba.

A fundação cultural coordena, 6 eventos grandes da prefeitura durante o ano, um deles é o evento junino ele chama arraial junino, o que acontece sempre na segunda semana de junho e hoje nós temos 2 semanas de atividades, porque nessa semana, na segunda semana é o festival de Danças de Quadrilhas, da outra semana é o festival de cordões de pássaros, boi e outros tipos de cordões, portanto o movimento junino é grande nesse sentido porque envolve assim muitos jovens, muitas famílias, e ai a gente trabalha o ano inteiro na organização com isso, está dentro do projeto planejamento do ano

⁹Manoel de Jesus, Diretor do departamento cultural da Fundação Cultural Abaetetubense.

dos eventos, nós já estamos trabalhando esse mês de dezembro, já estamos conversando com o pessoal de Quadrilha nos planejamentos tudinho pra 2016. Há sempre reuniões com os grupos, sempre se faz uma revisão dos julgamentos dos concursos, o que acontece, o concurso de Quadrilhas mirins, Quadrilha tradicional adulta e Quadrilhas modernas e tem o concurso de misses de mulatas de cheiro e ainda temos a participação de grupos de danças dentro do evento, porque a gente vai influenciando os grupos de danças também de todos os tipos de danças até hip-hop, dentro da programação do evento junino, isso dentro do ginásio onde acontece os festivais, dentro do arraial junino a gente procura preservar aquilo que o período propõe, que é as barraquinhas, comidas típicas, no palco umas bandas se apresentam naquele palco lá e as brincadeiras juninas com: pau de sebo, crebra pote as tardes com as crianças, com a participação das escolas do município temos três dias, dentro dessa semana que são feitas pelas escolas as tardes e todas as Quadrilhas de crianças formadas nas escolas vem participar também nos festivais, eles tem também concurso, concurso de alunos de Quadrilhas das escolas e ganham prêmios também (Diretor do departamento cultural da Fundação Cultural Abaetetubense, entrevista concedida em 11 de Dez. 2015).

Pois, aqui aparece algo importante, além das apresentações de outras danças, há o envolvimento das escolas e suas Danças de Quadrilhas que participam de concursos e prêmios durante o período de junho, ou seja, é um incentivo para as escolas do município ensinarem esse modo de dançar, cativando os alunos a participarem e conhecerem a cultura tão disseminada pelas comunidades quadrilheiras e essas crianças podem vim participar e fazer parte dessa comunidade tão motivadora.

A Fundação Cultural, busca realizar reuniões consecutivas com os grupos de Danças de Quadrilhas, de maneira que elas venham interagir e participar com os editais e os julgamentos para maior entendimento, assim eles podem argumentar e opinar, não existindo dificuldades entre eles e os grupos de Quadrilhas, eles tentam sempre trabalhar de forma coerente com os grupos juninos.

Para tanto, os grupos de Dança de Quadrilha atualmente, participam mais próximo da gestão local, pelo qual, a Fundação Cultural reconhece as ações sociais que eles realizam em comunidade. “[...] uma política pública é sempre gerada de um fato político e este a acompanha” (BONETI, 2006, p. 91). Os fatos sociais, dirige-se a necessidade de políticas públicas para poder remediar algo, e a política pública para a cultura se encontrou bastante forte, pelo menos com a entrada de Gilberto Gil no Ministério da Cultura durante o período do Governo de Lula, isso veio beneficiar a diversidade cultural no país (BAPTISTA; CAMPOS, 2014).

Contudo, a Dança de Quadrilha passou a ter outra esfera importante além da própria dança, como trabalho social com crianças e adolescentes, como foi citado

anteriormente pelos grupos juninos, exercendo papel importante na periferia dos bairros, fortalecendo-a ainda mais.

Esse fortalecimento da cultura popular, pra eles, pro movimento junino em Abaetetuba, seja qual for o tipo de governo que passar por aqui sempre existirão, não depende do governo ter ou não ter, o governo vai ter que se adaptar à realidade que existe tem Quadrilhas aqui, tem o evento junino e tem coisas a ser feitas pro evento, o movimento resistem sempre, e que é esperado todo ano por isso é importante para a cultura local.

E o movimento junino ele movimenta o comércio por essa questão ai é usado o material todo que é comprado no comércio local aqui dentro, durante o evento são mais de 100 famílias que tem vendas e que fazem esse tipo de atividade (Diretor do departamento cultural da Fundação Cultural Abaetetubense, entrevista concedida em 11 de Dez. 2015).

Estendendo-se por gerações, a Dança de Quadrilha abraça inúmeras vantagens de benefícios, e a comunidade é a própria beneficiadora, por isso os grupos de Danças de Quadrilhas em grande parte também buscam colaboração da gestão local para com essa atividade cultural, no qual, passou exercer papel relevante.

“[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos” Geertz apud Rosário (1989, p. 40). Disseminada pela própria população que leva consigo, os conhecimentos, crenças, saberes e etc., e reproduzem-se culturalmente.

A Dança de Quadrilha, demonstra-se como patrimônio cíclico, de tal importância que cresceu e se estabeleceu através das pessoas no território brasileiro com forte presença no norte e nordeste do Brasil.

Faz parte da cultura paraense, em Belém também é forte a Dança de Quadrilha, não só Belém, como toda a região, as Quadrilhas aqui se organizam pra você ter uma ideia, elas já estão ensaiando as grandes Quadrilhas, quando chega junho eles tem um compromisso em Abaetetuba eles tem a semana deles, mas durante o mês, eles participam de eventos que acontecem em todas as cidades das regiões porque tem concursos municipais e participam dos concursos em Belém também e nossas Quadrilhas ganham lá também premiações, pelo menos esse movimento no estado é forte, Abaetetuba, Acará, Moju, Belém e essa região todinha aqui tem um movimento forte de Quadrilha, agora Abaetetuba tem o maior número de Quadrilha local, daqui elas vão e fazem festas nesses municípios (Diretor do departamento cultural da Fundação Cultural Abaetetubense, entrevista concedida em 11 de dez. 2015).

Os grupos de Danças de Quadrilhas paraenses, buscam não só apresentarem a dança em sua própria cidade, mas como nos demais municípios, principalmente os grupos que consegue transporte. As Danças de Quadrilhas, referente aos grupos que vimos aqui, apesar das dificuldades sempre resistem ao tempo, se preparam e apresentam nos diversos lugares que podem ir conquistando gerações. Esse

patrimônio cultural, é um bem de usufruto da comunidade entrelaçada por um processo cultural se expandindo à vários lugares (CHOAY, 2001).

Pelo que vimos até aqui, a Dança de Quadrilha é muito difundida pela comunidade paraense, que passou ver nela um papel importante e impulsionador de benefícios que agregam fortalecimento, apesar, da gestão pública não ser tão elogiada pelos produtores culturais que desempenham a dança, mas, ela tenta fazer o papel de contribuição, porque a mesma verifica a grande potencialidade que ela exerce para os moradores e o local. No entanto, não demonstram através de uma política cultural mais coesa a grande participação deles e mais valorização, incentivo e recursos de fato necessários que vão colaborar para o grupo (a gestão que se destaca aqui é de Abaetetuba pela organização e exercício com os grupos de Dança de Quadrilhas).

Portanto, sendo algo que vai além, que permanece internamente informando-o para o outro, considerado pela comunidade como seu e nosso patrimônio, que inovam, porque cultura é isso é inovação, é reprodução de algo que aconteceu, marcou, se prolongando o que hoje conhecemos e contido de referências passadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Dança de Quadrilha, faz parte culturalmente da comunidade, que revivem um fato atrelado ao passado que foi realizado e trazido pela corte portuguesa ao Brasil. Porém passou a sedimentar-se pelo gosto popular, passando a fazer parte do âmbito histórico local e nacional.

Pois, a relação com a memória é significativa, pelo fato de trazer consigo o que foi produzido, a partir do povo e no que hoje é referência para a comunidade quadrilheira em que se identificam, permanecendo em suas memórias os ensinamentos herdados e estes mobilizando novas gerações.

No entanto, não escapa de ser um fenômeno cultural cultivado, reelaborado, expressado, acumulado de saberes que não deixa de ser percebido como patrimônio cultural, que está envolvido em uma longa trajetória familiar ou grupal.

Os produtores culturais paraenses, que exercem a Dança de Quadrilha, mantêm uma relação próxima com as crianças, adolescentes e suas famílias firmando a responsabilidade, comprometimento e transmitem os conhecimentos adquiridos a respeito da dança a cada novo integrante. Em alguns casos, trabalham com crianças de risco proporcionando uma nova alternativa que possibilite saída para uma vida melhor. Apesar, de algumas dificuldades financeiras para a confecção dos trajes para os brincantes, não desistem em realizar a apresentação tão esperada de Dança de Quadrilha.

Para tanto, com as dificuldades, eles buscam formas de arrecadar verbas por meio da realização de promoções, eventos e passeios e também buscam na gestão pública local, porém, recebem mínima ajuda do que eles realmente gastam anualmente. A gestão pública da cultura, reconhece a necessidade que eles possuem, em alguns casos, ela dá suporte da melhor forma possível em outros casos falta mais empenho com a manifestação cultural.

Como é no caso do CENTUR, que não apresenta uma visão que gere fortalecimento para os grupos juninos, uma política cultural mais firmada com a realidade do que necessitam, um suporte que venha de fato atender essa demanda, já que a mesma vai além de uma dança cultural, mas um mecanismo de colaboração para a comunidade e um bem patrimonial. No Entanto, a FUMBEL possui uma relação pouco direta com os grupos juninos, em que os mesmos buscam na Fundação Cultural

de Belém mais apoio e seriedade, mas desanimam pela falta de solidez de um contato maior, porém não desistem da Dança de Quadrilha.

Já a Fundação Cultural Abaetetubense, apresenta uma política cultural, que envolve até as escolas da cidade, em cada escola são formados grupos de Dança de Quadrilha e participam de concursos e prêmios, além disso, possuem contato coeso com os grupos de Quadrilhas Juninas formados nos bairros, e liberam uma subvenção para cada grupo, que chega a quase 40% dos gastos que precisam realizar para a produção do grupo. Portanto, verifica-se realidades próximas por ser da mesma região e diferentes pela pouca sensibilidade da gestão pública da cultura na metrópole da Amazônia, ou seja, não há uma percepção clara de política cultural para os grupos juninos, entretanto, a Fundação Cultural Abaetetubense demonstra perspicácia em atender de fato os grupos juninos.

Entretanto, a Dança de Quadrilha incendeia o favorecimento de emprego e renda na comunidade, para acontecer no mês de junho, ela impulsiona vários fatores até a chegada de sua apresentação movendo a comunidade, comércio e gestão pública, tem relevância por quem a pratica e pelas pessoas envolvidas indiretamente, que mantêm amor e sensibilidade por ela tornando-a ativa, revivida e inovadora.

Todavia, a Dança de Quadrilha Revela contribuição econômica e social para o local, assim favorecendo também para uma cadeia de produtividade cultural. Que tende crescer cada vez mais, possibilitando a grande participação da gestão pública para o fomento dessa atividade e contribuição para os grupos juninos, se houver um olhar mais sensível da gestão para com eles, contribuindo para bons planejamentos à cerca da organização dessa atividade, visando primeiramente o bem estar da comunidade quadrilheira e posteriormente para promoção e atração local, em que os principais beneficiários sejam os grupos de Dança de Quadrilha, o local e depois os demais envolvidos no processo.

Portanto, a compreensão a respeito da Dança de Quadrilha, remete ao passado alegando no presente às referências que se tornaram importantes para o grupo junino compreendendo e identificando como um ciclo. Assim, os produtores culturais da Dança de Quadrilha, revelam-se bastante organizados para que se mantenham, já que os mesmos não possuem a grande presença da gestão pública cultural para com a atividade junina.

Para tanto, as ações que permeiam atividades, que colaborem para valorização da Dança de Quadrilha enquanto patrimônio cultural e atração local pela gestão

pública da cultura, pode ser percebido apenas nos concursos que são realizados para a apresentação da dança no mês de junho, período que os grupos tem breve contato com a fundação cultural (dependendo do município, onde está sendo realizada a atividade de Dança Junina). Porém, os grupos de Dança de Quadrilha realizam atividades para valorização da dança envolvendo a comunidade e o local, como foi falado anteriormente.

Por conseguinte, dirigimo-nos ao que é existente pelo fato ao que nos é importante, a tudo que nós somos é fruto de um aprendizado que percorreu gerações e se enquadra no presente de significados diversos. Que nos apresenta, como uma corrente de saberes redistribuído ao longo da vida, em que essa, sucede pelo marco de acontecimentos sobrevividos até os dias atuais, no qual, somos capazes de interpretar e passar aos demais aquilo que não vivenciamos, mas fazemos parte, porque somos herdeiros da longa trajetória histórica familiar ou em comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. **Quadrilha Junina**: história e atualidade: um movimento que não é só imagem. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.
- AMARAL, P. **Patchouli**. Belém. Disponível em: <http://www.saojoseliberto.com.br/patchouli>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BAPTISTA, M. M; CAMPOS, J. **Políticas públicas para a cultura**: dinâmica, tensões e paradoxos. Coimbra: Lousanense, Lda.-Lousã, 2014.
- BATISTA, C. M. **Memória e Identidade**: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. Caderno virtual do turismo, 2005. Disponível em: <http://www.ivt-rj.net>. Acesso em 10 fev. 2016.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: As possibilidades do planejamento. Campina, SP: Papyrus, 2000.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOGEA, E. **Do lugar que se discute cultura**: O Pará no Sistema Nacional de Cultura. Políticas Culturais em Revista, V .7, N.1, Ano 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/11629>. Acesso em 10 mai. 2015.
- BONETI, L. W. **Políticas públicas por dentro**. Ijuí: UMIJUI, 2006.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BOTELHO, D. A; FILHO, A. S. S. **Cultura viva na amazonidade paraense**. Políticas Culturais em Revista, V .7, N.2, Ano 2014. Disponível em: <http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>. Acesso em 15 dez. 2015
- BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BURITI, A. S; MENDES, H. S.M. **Quadrilhas Juninas como fator de potencialidade turística em Belém-PA**. 2013. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Coordenação do Curso de Turismo, UFPA, Belém, 2013.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.
- CHIANCA, L. **São João na cidade**: ensaios e improvisos sobre a festa junina. João Pessoa: UFPB, 2013.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade: UNESP, 2001.
- COHN, G. A concepção oficial da política cultural nos anos 70. In: MICELI, S. **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1984.

COSTA, M. L; CASTRO, R.V. **Patrimônio Imaterial Nacional**: preservando memórias ou construindo histórias? Estudos de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/epsic>. Acesso em 20 dez. 2015.

COSTA, E. B. **Cidades da Patrimonialização Global**. Simultaneidade totalidade urbana – totalidade – mundo. São Paulo: Humanitas, Fapesp, 2015.

CRUZ, R. C. A. **Patrimonialização do patrimônio**: Ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. Espaço e Tempo, São Paulo, n.31, pp. 95 – 104, 2012. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/viewArticle/537>. Acesso em 25 nov. 2014.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2011.

EDGAR, A; SEDGWICK, P. **Teoria cultural de A a Z**: Conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FERREIRA, G. **Santos canarinhos**. Revista do varejo de vizinhança V.4, ed.20. 2010. Disponível em: <http://www.fonte.jor.br/site/iupload/arq-20100630160502.pdf>. Acesso em 12 dez. 2015.

FONSECA, M. C. L. “Patrimônio cultural: por uma abordagem integrada (considerações sobre materialidade e imaterialidade na prática da preservação)”. In: **Caderno de Estudos do PEP**. COPEDOC/IPHAN-RJ, 2007. (p. 69-73). Disponível em portal.iphan.gov.br. Acesso em 18 ago. 2014.

_____. M. C. L. A fase heroica. In: **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. Ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____, M. C. L. Referências culturais: Base para novas políticas de patrimônio. In: SANT’ANNA, M. G. **O registro do patrimônio imaterial**: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial. Brasília: Minc/Iphan, 5.ed, 2012.

FRADE, C. **Folclore**. São Paulo. Global. 1997.

FUMBEL. **Dados importantes dos procedimentos relativos ao arraial de Belém**. Belém: Departamento de Ação Cultural (DEAC), 2012.

FUNARI, P. P; PELEGRINI, S. S. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GONÇALVES, J. R. S. **Ressonância, materialidade e subjetividade**: as culturas como patrimônios. Horizontes Antropológicos [online]. 2005, vol.11, n.23, p.15-36. Acesso em 20 fev. 2014.

GUIMARÃES, ALBA. Z. **Desvendando mascaras sociais**. Rio de Janeiro: Ed S.A. 1975.

GUIMARÃES, MANOEL. L. S. **História, memória e patrimônio**. CHUVA, Marcia (Org.). História e Patrimônio – Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.34, Brasília, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARTOG, F. **Tempo e Patrimônio**. *Várias História*, Belo Horizonte, vol.22, nº36, Jul/Dez 2006, p.261-273. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000200002. Acesso em 10 de janeiro de 2013.

JASTES, E. **Dinâmica cultural nas danças tradicionais da Amazônia**. Belém, *Revista ensaio geral*, v.1, n.1, 2009. Disponível em: http://revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/91/21. Acesso em 12 dez. 2015

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Editora Ltda., 1997.

LE GOFF, J. **Memória** In: História e memória. 5. Ed. Tradução Bernardo Leitão ... [et al] Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MACHADO, M. B. Políticas públicas na área cultural: notas sobre política cultural no Brasil. In: MICELI, S. **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1984.

MEDEIROS, M. C; SURYA, L. A Importância da Educação Patrimonial para a Preservação do Patrimônio. In: CHUVA, Marcia; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (Orgs). **Patrimônio Cultural: Políticas e Perspectivas de Preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

MENESES, U. T. B. “O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas”. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009**. Brasília: IPHAN, 2012. p. 25-39. (Anais; v.2, t.1). Disponível em portal.iphan.gov.br.

MOURA, A. P. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, P. P. A; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2005.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2007.

NETO, F. P. M. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: FUNARI, P. P. A; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2005.

NORA, P. Entre História e Memória – a problemática dos lugares. In: **Projeto História 10**, PUC-SP, 1993, p. 7-28. Disponível em <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em 18 de fev. 2013.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. Disponível em <http://www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 12 ago. 2015.

PÉREZ, XERARDO. P. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. Panamá: Passos, 2008.

PEREIRA, J. W. **O Tombamento**: De instrumento a processo na construção de uma ideia de nação. In: CHUVA, Marcia; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (Orgs). Patrimônio Cultural: Políticas e Perspectivas de Preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Manuad X: FAPERJ, 2012.

PLANO NACIONAL DE CULTURA. **Lei Nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/snc>. Acesso em 04 maio, 2015.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, vol. 05, nº10, 1992, p.200-212.

PREMIO. **Rodrigo Melo Franco de Andrade**: Legado que se confunde com a trajetória do patrimônio cultural - Revista prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, n.27, Brasília, 2014.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.

RIBEIRO, H. **Rotas da fé**: Festas Juninas. Rio de Janeiro. Caderno virtual de turismo, vol.2, nº3, 2002. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=19&path%5B%5D=17>. Acesso em 12 dez. 2015

RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. **UBImuseum** – Revista online do museu de Lanifícios da Universidade da Beira interior, n. 01, 2012. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html>. Acesso em 02 fev. 2013.

ROSÁRIO, U. Cultura brasileira: **Estudos e roteiros de aula**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1989.

ROQUE, M. J. R. O museu de arte perante o desafio da memória. In: **Boletim do museu paraense Emilio Goeldi**. Ciências humanas. Belém: MPEG, 2012. Vol.07. (p. 67-70).

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANT'ANNA, M. G. "A cidade-atração: patrimônio e valorização de áreas centrais no Brasil dos anos 90". In: SANTOS, Afonso Carlos Marques; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Ceça. (Org.). **Livro do Seminário Internacional Museus e Cidades**.

Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, v. 1. (pp. 153-172). Disponível em portal.iphan.gov.br. Acesso em 18 ago. 2014.

_____ M. G. **Registro do patrimônio imaterial**. Dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial, 5ª Ed. Brasília: IPHAN, 2012.

THOMSON, A. **Recompondo a Memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História 15, São Paulo, EDUC, Abril/1997, p.51-71. Disponível em www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf. Acesso em 27 de fev.2013.

TRIGUEIRO, O. M. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.html>. Acesso em 12 dez. 2015.

VIDAL, J. P. Continuidade e mudança na gestão pública do Estado do Pará: uma introdução. Jundiaí: Paco Editorial, 2011

VELOSO, M. **O fetiche do patrimônio**. Habitus, Goiânia v.4, n. 1. 2006.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1992.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZONICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU-PPLS
FIPAM XXVI: Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural
DISCENTE: HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES
DOCENTE: PROFA. MSC. ANA CLAUDIA DOS SANTOS DA SILVA

APÊNDICE A: GRUPOS DE DANÇAS DE QUADRILHAS JUNINAS

ENTREVISTA COM OS GRUPOS DE DANÇAS DE QUADRILHAS. BELÉM-PA. COM CINCO TEMAS DE DUAS A CINCO PERGUNTAS.

1. Surgimento da Quadrilha Junina

- A partir de quando e porque se inseriram em meio a Quadrilha Junina?
- Quanto tempo o grupo de Dança de Quadrilha existe? E como surgiu?
- Por quais transformações o grupo junino passou?
- O que mais marcou para o grupo ou para o integrante, de acordo com a participação no movimento junino?
- de que forma vocês se veem hoje no cenário paraense?

2. Apresentação junina

- Como se preparam, até chegar o dia da apresentação?
- Há divisões de funções para o corpo da Quadrilha? Ou há contratação de profissionais?
- Vocês se deslocam para outros municípios do Pará, ou para outras cidades do Brasil. Porquê?
- O que significa a apresentação para vocês?

3. Gestão pública

- Há incentivo e valorização pela gestão pública, para com essa atividade junina?
- Vocês recebem ajuda financeira de outras Organizações?
- Como vocês se articulam junto com outros grupos para ganharem espaço e serem valorizados em sua cidade ou até fora?
- O que vocês pensam em relação a gestão pública, para com a atividade da Dança de Quadrilha?

4. Patrimônio cultural

- Qual a importância da Dança de Quadrilha Junina?
- Quais benefícios a Dança de Quadrilha Junina trás para a comunidade?
- Quais dificuldades existem e o que vocês fazem para mudar isso?
- Vocês consideram como patrimônio cultural? Por que?

5. Turismo

- Vocês concordam que essa atividade se torne também uma atração local?
- O grupo junino em contato com outras quadrilhas juninas, já tiveram pensamento ou olhar sobre a questão?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZONICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU-PPLS
FIPAM XXVI: Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural
DISCENTE: HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES
PROFA. MSC. ANA CLAUDIA DOS SANTOS DA SILVA

APÊNDICE B: FEDERAÇÃO E ASSOCIAÇÃO DE QUADRILHAS

ENTREVISTA COM A FEDERAÇÃO MUNICIPAL DE QUADRILHAS DE BELÉM (FEMUQ) E ASSOCIAÇÃO DE QUADRILHAS JUNINAS E NÚCLEO DE TOADAS DO ESTADO DO PARÁ (AQUANTO).

1. Quando foi criada a Associação (Federação?)? e como vem acompanhando essa manifestação cultural?
2. Qual o papel da Associação (Federação) para o fortalecimento desta manifestação cultural?
3. Qual a importância da Dança de Quadrilha Junina?
4. Quais benefícios e contribuições a Dança de Quadrilha Junina trás para a comunidade e o local?
5. Há incentivo e valorização pela gestão pública para com a atividade da Dança de Quadrilha?
6. Há algum programa do poder público para com essa atividade cultural além da programação junina?
7. Quais dificuldades existem e o que vocês fazem para mudar isso?
8. Vocês consideram como patrimônio cultural a Dança de Quadrilha Junina?
9. Você acha que essa atividade poderá ser uma atração local?
10. De que forma, é visto a Dança de Quadrilha Junina atualmente no cenário paraense?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZONICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU-PPLS
FIPAM XXVI: Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural
DISCENTE: HELOISA DO SOCORRO MARTINS MENDES
PROFA. MSC. ANA CLAUDIA DOS SANTOS DA SILVA

APÊNDICE C: GESTÃO PÚBLICA CULTURAL

ENTREVISTA COM A GESTÃO PÚBLICA CULTURAL EM RELAÇÃO A DANÇA DE QUADRILHA JUNINA PARAENSE: FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ TANCREDO NEVES (CENTUR), FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE BELÉM (FUMBEL) E FUNDAÇÃO CULTURAL ABAETETUBENSE

1. O que é a Dança de Quadrilha Junina para vocês?
2. Como se procede a organização do Festival de Dança de Quadrilhas? (Evento junino? Há reuniões com para os grupos de Dança de Quadrilhas?)
3. Há alguma atividade cultural além da programação do Festival de dança de quadrilha junina?
4. Como é a relação com os grupos de Dança de Quadrilha Junina? Qual o incentivo dado pela gestão pública?
5. Há alguma dificuldade entre vocês e a Quadrilha Junina? O que vocês acham que deve melhorar?
6. Quais benefícios, vocês consideram que a Dança de Quadrilha traz para o local e para a comunidade?
7. Vocês considerariam como patrimônio cultural. Por que?
8. Você acha que essa atividade poderá ser uma atração local?
9. Como vocês veem a dança de Quadrilha Junina paraense no cenário atual?